

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MARIÂNGELA DIAS SANTOS LOBO

**BALTHAZAR GÓES, HELVÉCIO DE ANDRADE E ÁVILA LIMA:
TRÊS PROFESSORES E SUAS ESTRATÉGIAS NA DIFUSÃO DO
MÉTODO INTUITIVO EM SERGIPE (1890 – 1930)**

ARACAJU – 2018

MARIÂNGELA DIAS SANTOS LOBO

**BALTHAZAR GÓES, HELVÉCIO DE ANDRADE E ÁVILA LIMA:
TRÊS PROFESSORES E SUAS ESTRATÉGIAS NA DIFUSÃO DO
MÉTODO INTUITIVO EM SERGIPE (1890 – 1930)**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

PROF.^a DR.^a ILKA MIGLIO DE MESQUITA

ARACAJU – 2018

MARIÂNGELA DIAS SANTOS LOBO

**BALTHAZAR GÓES, HELVÉCIO DE ANDRADE E ÁVILA LIMA:
TRÊS PROFESSORES E SUAS ESTRATÉGIAS NA DIFUSÃO DO
MÉTODO INTUITIVO EM SERGIPE (1890 – 1930)**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente – Universidade Tiradentes.

APROVADA EM: 17/08/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ilka Miglio de Mesquita (Orientadora – Universidade Tiradentes - UNIT)

Prof.^a Dr.^a Juliana Cesário Hamdan (Membro Externo da Banca – Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP)

Prof.^a Dr.^a Solyane Silveira Lima (Membro Externo da Banca – Universidade Federal da Bahia - UFBA)

Prof.^a Dr.^a Simone Silveira Amorim (Membro Interno da Banca – Universidade Tiradentes - UNIT)

Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato (Membro Interno da Banca – Universidade Tiradentes - UNIT)

Orientador(a) Ilka Miglio

Examinador(a) Interno(a): Simone Amorim

Examinador(a) Interno(a): Juliana

Examinador(a) Externo(a): Hamdan

Examinador(a) Externo(a): Solyane Lima

Doutorando(a): Mariângela Dias Santos Lobo

FICHA CATALOGRÁFICA

L799b Lobo, Mariângela Dias Santos
Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima:
três professores e suas estratégias na difusão do método
intuitivo em Sergipe (1890/ 1930) / Mariângela Dias
Santos Lobo; orientação [de] Prof. ^a Dr.^a Ilka Miglio de
Mesquita – Aracaju: UNIT, 2018.

152 f. il ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade
Tiradentes, 2018
Inclui bibliografia.

1. Ensino primário. 2. Método intuitivo. 3. Performances.
4. Professores. 5. Repertório cultural I. Lobo, Mariângela
Dias Santos. II. Mesquita, Ilka Miglio de. (orient.). III.
Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 371.3.046.12

DEDICATÓRIA

Ana Júlia Lobo (filha)
Jaziel Lobo (esposos)
Ilka Miglio (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pela sua infinita bondade e providência, iluminou-me ao longo dos anos de doutoramento, da escrita desta tese; nas horas fáceis e difíceis sempre pude contar com a fé e a certeza de que “tudo posso Naquele que me fortalece”. Só com Deus esse sonho pode se transformar em realidade.

Na materialização do sonho, em elemento real, os personagens principais foram minha família. Meu esposo Jaziel e minha filha Ana Júlia, através de seus semblantes pude encontrar força para não esmorecer e continuar na luta por este sonho. Lágrimas não me faltaram e nem me faltarão ao lembrar desse período de minha vida, de muitas felicidades, de encontros, como também de desencontros. Só me resta agradecer a Deus por ter colocado vocês na minha vida. Agora, vamos construir novos projetos, dar muitas risadas e concretizar nossos roteiros de viagens, na certeza de que juntos somos mais. Amo muito vocês!

À minha mainha (Nega) e minha irmã Mayara, pelos incentivos e nada fáceis momentos de compreensão.

Aos amigos que conquistei na trajetória desse doutoramento, meu muito obrigada, pela companhia nas viagens, nas discussões sobre meu objeto de pesquisa, nas reuniões de Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI), as várias leituras e discussões de pesquisa que eu fiz nesse grupo me proporcionaram riquíssimos aprendizados. Jady, Luísa, Mirianne, Valéria, Luziane, Luiza e Rony, sou grata a vocês pelas palavras e companheirismo dedicados a mim. Obrigada por me emprestarem seus ouvidos sempre que precisei desabafar.

Agradeço à minha orientadora, Ilka Miglio por me compreender desde o primeiro momento de que nos conhecemos, por aceitar meu objeto de pesquisa, acreditar que eu podia fazer o doutorado e, mais que isso, possibilitou me mudar o foco da tese, rever os caminhos traçados e seguir na direção aqui apresentada, ficou bem melhor do que projetamos. Mulher forte, de personalidade singular, um exemplo de dedicação e pesquisadora que és, nunca esqueça que com você aprendi elementos cruciais do ofício de ser pesquisador.

Aos professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, na figura de Cleverton e professor Cristino Ferronato, sou grata por tudo.

Aos colegas de trabalho, especialmente àqueles que entendem o significado de um doutorado em conjunto com a labuta da sala de aula, e aos meus alunos que incentivaram-me “a saber mais”.

Aos amigos Anne Emilie, Patrícia Batista, Maristela Andrade e Carlos, agradeço pelas

experiências acumuladas e pela torcida.

Sou também agradecida aos professores que estiveram na minha banca de qualificação e de defesa Luciano Mendes, Juliana Hamdan, Solyane Lima, Raylane Navarro, Cristiano Ferronato, as indicações certas contribuíram de forma decisiva para a confecção desta tese. Meu muito obrigada pelos comentários precisos e pela leitura minuciosa.

Às Instituições pesquisadas, e aos seus funcionários que se fizeram presente nos momentos que eu busquei revirar os seus arquivos, obrigada por serem sempre prestativos.

Por fim, fica a certeza de que pesquisar exige laços de amizade com pessoas que auxiliam, entendem, questionam e, mais que isso, vivem este momento da vida particular de cada um. Sou feliz por ter ao meu lado essas pessoas que tornaram a caminhada mais agradável e saborosa. A todos aqueles que, no caminho da vida, deixam pegadas a serem seguidas.

RESUMO

Este texto é o resultado de uma investigação no âmbito da História da Educação sobre o método intuitivo em Sergipe, difundido na Escola Normal de Sergipe pelos professores Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima. Tem como objetivo compreender as práticas discursivas, o repertório cultural dos professores da Escola Normal sobre o método intuitivo, divulgado em manuais didáticos, programas de ensino e jornais, tendo em vista o programa de governo para a renovação educacional em Sergipe. Portanto, admitiu-se por tema *Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima: três professores e suas estratégias na difusão do método intuitivo em Sergipe (1890 – 1930)*, por delimitarem neste estado a propagação desse método por meio de impressos em jornais, legislação e manuais didáticos. Nesse período, o ensino intuitivo foi visto como marco de um projeto modernizador da instrução primária brasileira durante os anos de 1890 a 1930. Por este motivo, falar sobre esse método que foi pouco explorado pelos pesquisadores da História da Educação de Sergipe, principalmente a partir da análise de impressos, contribuiu para a percepção dos princípios de modernização da instrução primária pública sergipana. A trajetória destes sujeitos colaborou para a compreensão do campo da política, da educação e da história de Sergipe. Assim, a contribuição desses professores não é um fenômeno de interiorização individual, mas resultante de um processo coletivo, modelado por vários grupos criadores de repertório e performances. Ainda subsidiada pela documentação educacional do período, a investigação analisou as mudanças educacionais preconizadas por estas ideias sugestionadas por esses sujeitos da pesquisa. Alinhados às diretrizes da Pedagogia moderna, os saberes transcritos nos regulamentos da Instrução Pública, nos manuais didáticos, nos relatórios de inspetores, nos jornais e nas reformas e na legislação permitiram uma análise acerca da proposta de renovação cultural por meio do método intuitivo.

Palavras-chave: Ensino primário. Método intuitivo. Performances. Professores. Repertório cultural.

RESUMEN

Este texto es el resultado de una investigación en el ámbito de la Historia de la Educación sobre el método intuitivo en Sergipe, difundido en la Escola Normal de Sergipe por los profesores Balthazar Góes, Helvécio de Andrade y Ávila Lima. Tiene como objetivo comprender las prácticas discursivas, el repertorio cultural de los profesores de la Escola Normal acerca del método intuitivo, divulgado en manuales didácticos, programas de enseñanza y periódicos, teniendo en vista el proyecto de gobierno para la renovación educativa del estado. Por ello, se ha admitido por tema Balthazar Góes, Helvécio de Andrade y Ávila Lima: tres profesores y sus estrategias en la difusión del método intuitivo en Sergipe (1890 - 1930), por delimitar en este estado la propagación de ese método por medio de impresos en periódicos, legislación y manuales didácticos. En ese período, la enseñanza intuitiva fue vista como marco de un proyecto modernizador de la instrucción primaria brasileña durante los años de 1890 a 1930. Por esta razón, hablar de ese método, que ha sido poco explorado por los investigadores de la Historia de la Educación de Sergipe, principalmente a partir del análisis de impresos, ha contribuido a la percepción de los principios de modernización de la instrucción primaria pública sergipana. La trayectoria de estos sujetos ha colaborado para la comprensión del campo de la Política, de la Educación y de la Historia de Sergipe. Así, la contribución de estos profesores no es un fenómeno de interiorización individual, sino resultante de un proceso colectivo, modelado por varios grupos creadores de repertorio y performances. La investigación analizó los cambios educacionales preconizados por estas ideas sugestionadas por esos sujetos de la investigación, aún subsidiada por la documentación educativa del período. Alineados a las directrices de la Pedagogía moderna, los saberes transcritos en los reglamentos de la Instrucción Pública, en los manuales didácticos, en los informes de los inspectores, en los periódicos y en las reformas y en la legislación han permitido un análisis acerca de la propuesta de renovación cultural por medio del método intuitivo..

Palabras clave: Enseñanza primaria. Método intuitivo. Actuaciones. Profesores. Repertorio cultural.

ABSTRACT

This text is the result of an investigation in the History of Education about the intuitive method in Sergipe, widespread in the Normal School of Sergipe by teachers Balthazar Góes, Helvécio de Andrade and Ávila Lima. It aims to understand discursive practices, the cultural repertoire of Normal School teachers on the intuitive method, disseminated in didactic manuals, teaching programs and newspapers, in view of the government program for educational renewal in Sergipe. Therefore, it was chosen as theme *Balthazar Goes, Helvécio de Andrade and Avila Lima: three teachers and their strategies in spreading the intuitive method in Sergipe (1890 - 1930)*, for delimiting in this state the spread of this method by means of printed in newspapers, legislation and textbooks. During this period, the intuitive teaching was seen as a mark of a modernizing project of Brazilian primary education during the years 1890-1930. For this reason, to talk about this method that was little explored by researchers in the History of Education in Sergipe, mainly from the analysis of printed matter, contributed to the perception of the principles of modernization of the Sergipe public primary education. The trajectory of these subjects collaborated to the understanding of the field of politics, education and the history of Sergipe. Thus, the contribution of these teachers is not a phenomenon of individual interiorization, but resulting from a collective process, modeled by various repertoire and performance groups. Still subsidized by educational documentation of the period, the research analyzed the educational changes advocated by these ideas suggested by these research subjects. Aligned with the guidelines of modern Pedagogy, the knowledge transcribed in the regulations of Public Instruction, didactic manuals, reports of inspectors, newspapers and reforms and legislation allowed an analysis about the proposal of cultural renewal through the intuitive method.

Key words: Primary education. Intuitive method. Performances. Teachers. Cultural repertoire.

SUMÁRIO

1	Introdução	12
1.1	O(s) encontro(s) com o tema e o objeto de pesquisa.....	12
1.2	A delimitação da problemática, dos objetivos e da tese a ser defendida.....	14
1.3	Três professores e um método.....	16
1.4	“O ensino pelas coisas”: o método intuitivo em Sergipe no período de 1890 a 1930.....	24
1.5	A Escola Normal de Sergipe e a difusão do método intuitivo	28
1.6	O lugar do tema nas produções acadêmicas brasileiras.....	29
1.7	Escolhas teóricas metodológicas	33
2	“Do seio da realidade à expressão de sua natureza”: o método intuitivo no Brasil e em Sergipe	37
2.1	O método intuitivo e o projeto de nação republicana no Brasil	39
2.2	Autores, formatação e a materialidade dos impressos.....	48
2.3	Apropriações do método intuitivo nos manuais de ensino.....	59
2.3.1	“Educar-se para viver em seu meio”: <i>Apostilas de pedagogia</i>	59
2.3.2	“Dirigir-se ao espírito e ao coração por meio dos sentidos”: <i>Curso de pedagogia</i>	69
3	“As lições que fazem maravilhas”: aspectos legais do método em Sergipe (1912 – 1917)	84
3.1	O que diziam as leis, os relatórios e os regulamentos sobre o método intuitivo no estado de Sergipe?.....	86
3.2	“Lousas limpas, decentemente vestidos e mãos asseadas”: as normas e os programas de ensino.....	93
3.3	“Anda a correr meio mundo”: as querelas nos jornais sergipanos	101
4	“Uma guerra baixa”: os desafetos entre os políticos e professores	111
4.1	“Um sábio, um competente, um erudito”: os escritos nos jornais e periódicos sergipanos	111
4.2	“Um devotado movimento uníssono e forte”: a passagem do método intuitivo para o método ativo	120
4.3	“A desalentadora perspectiva duma pungente dúvida”: o método intuitivo nas escolas primárias de Sergipe	126
5	Considerações gerais.....	136
	REFERÊNCIAS	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia de Balthazar Góes	17
Figura 2 - Helvécio de Andrade e suas alunas do curso Normal em 1926.....	19
Figura 3 - Fotografia de Ávila Lima.....	21
Figura 4 - Escola Normal Rui Barbosa.....	29
Figura 5 - Capa do Manual de Balthazar Góes.....	49
Figura 6 - Capa do Manual de Helvécio de Andrade de 1913	55
Figura 7 - Correio da Manhã de 1916.....	113
Figura 8 - <i>Diário da Manhã</i> de 1916.....	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Regulamentos de 1890 a 1930	25
Quadro 2 - Pesquisas localizadas no Repositório da UFSC que abordam o método intuitivo .	27
Quadro 3 - Pesquisas localizadas no Banco de Teses e Dissertações da Capes pertencentes à História da Educação e que abordam o método intuitivo	30
Quadro 4 - Conteúdos presentes no manual de Balthazar Góes	52
Quadro 5 - Conteúdos presentes no manual de Helvécio de Andrade	57
Quadro 6 - Programa do ensino primário de 1912 de Balthazar Góes	96
Quadro 7 - Programa do ensino primário de 1915	97
Quadro 8 - Programa do ensino primário de 1916	98
Quadro 9 - Programa do ensino primário de 1917	99
Quadro 10 - Programa do ensino primário de 1930	121
Quadro 11 - Horários das disciplinas do ensino primário de 1930	123

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

Apese - Arquivo Público do Estado de Sergipe

FDSP - Faculdade de Direito de São Paulo

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Unit - Universidade Tiradentes

Ufop - Universidade Federal de Ouro Preto

SE – Sergipe

1 INTRODUÇÃO

Pode ser também que, atendo-se ao discurso e à sua fabricação, se apreenda melhor a natureza das relações que ele mantém com seu outro, o real (CERTEAU, 1982, p. 33).

Esta tese foi construída a partir do discurso de três professores da Escola Normal de Sergipe em defesa da difusão do método intuitivo. Para tanto, os discursos admitem uma proposta de fabricação de estratégias em defesa de uma forma de pensar e gerir o ensino primário de Sergipe. Cada um dos sujeitos – Balthazar Góes (1853-1914), Helvécio de Andrade (1864-1940) e Ávila Lima (1882-1960) – pode concordar e divergir sobre como estava a prática metodológica dos professores primários do ensino público. Foi pensando nisso e compactuando com a citação de Certeau (2000) como citada, que aprender sobre como as relações que cada um dos professores mantinha com seu grupo e divergentes de seu grupo ajudou a prescrever formas de como se deve agir no ensino primário público de Sergipe, pois esses professores reforçaram a imagem de que o método intuitivo seria a salvação para a qualidade do ensino. Ao exporem suas ideias sobre a educação e o método intuitivo, estes sujeitos evidenciaram em suas produções, e nas relações firmadas com grupos de intelectuais sergipanos e brasileiros, um conjunto de saberes específicos considerados importantes para o exercício da profissão docente.

Para evidenciar as estratégias desses professores da Escola Normal na difusão do método intuitivo em Sergipe, de 1890 a 1930, a escolha deste tema se deve à necessidade de contextualização e análise sobre os documentos impressos que difundiam a importância do método intuitivo em Sergipe. Por este motivo, serão esboçados, no percurso deste texto, como esses professores da Escola Normal estabeleceram estratégias de oportunidades para a difusão desse método, tendo como objetivo a formação das professoras primárias.

Imerso nas produções sobre esse contexto, como escolha de pesquisa, a escrita dessa tese foi criada com histórias que necessitam ser contadas a partir das próximas seções, assim, serão apresentados os caminhos, as leituras, os professores objeto dessa pesquisa, os documentos e a difusão do método intuitivo em Sergipe.

1.1 O(s) encontro(s) com o tema e o objeto de pesquisa

Nos últimos anos do curso de mestrado em Educação vivenciei, em meio às pesquisas para a elaboração da dissertação na Universidade Federal de Sergipe, o conhecimento sobre o manual *Lições de coisas*, de Norman Calkins (1886). Convidada, pela professora Anamaria

Gonçalves Buenos de Freitas, a frequentar o Grupo de pesquisa História da Educação: intelectuais, instituições e práticas educativas (GEPHE) para uma possível leitura e discussão do texto, foi possível conhecer as nuances da prática do método intuitivo. Foi a partir desta experiência estudantil que surgiu a proposta de projeto de tese para o doutorado em Educação, com o título *Os manuais pedagógicos sobre o método intuitivo em Sergipe (1900 – 1930)*.

Ao ingressar no doutorado em Educação da Universidade Tiradentes e no Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade (GPHMEI), coordenado pela professora Ilka Miglio de Mesquita, obtive a oportunidade de conhecer caminhos não imaginados sobre a História da Educação. O contato com o conceito de repertório, de modo especial, começou a delinear o que veremos na escrita deste trabalho. Esta pesquisa descende também do programa “A educação nos projetos de Brasil: espaço público, modernização e pensamento histórico e social brasileiro nos séculos XIX e XX”, atualmente coordenado pelos professores Dr. Luciano Mendes de Faria Filho e Dr.^a Rosana Areal de Carvalho, e do “Programa de Estímulo à Mobilidade e ao Aumento da Cooperação Acadêmica da Pós-Graduação em Sergipe/Edital 08/2013 - Moderno, Modernidade, Modernização: a educação nos projetos de Brasis séc. XIX e XX”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. Com este trabalho, pretendo contribuir com o campo da História da Educação, por entender que se faz necessário pensar a presença da educação em diversos sentidos que possibilitem a formação do sujeito, desmistificando-a enquanto apenas um modelo formal e escolar.

Chegou a hora de escrever, enfatizar tudo o que foi aprendido, mostrar os caminhos que foram conhecidos e selecionados para esta escrita. E, como toda pesquisa, a escolha pelo método intuitivo tornou-se a palavra chave para esta pesquisa. Foi por intermédio dos textos de Valdemarin (2004) e Souza (2000) que se buscou construir essa tese para a História da Educação de Sergipe. Por isso, delimitou-se a este trabalho investigar a difusão do método intuitivo pelos professores da Escola Normal de Sergipe entre os anos de 1890 e 1930, tendo em vista concepções que esses profissionais incorporaram em suas publicações.

Vale lembrar que um objeto de pesquisa pode nascer também de inquietações surgidas de outros estudos. A leitura de manuais escolares do século XIX, realizada durante o mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no qual a disciplina “Educação Brasileira”, ministrada pela professora Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, que sugeria o estudo de como se estruturava a formação de professoras da Escola Normal para atuar no ensino primário do estado, apontou para a verificação de como as pesquisas trataram o método intuitivo nas atuações dos docentes. Ao averiguar que não havia estudos sobre a difusão do método intuitivo, delimitou-se então realizar a investigação, tendo como sujeitos os três

professores contemplados para esta pesquisa. Diante da perspectiva de estudar o método intuitivo em Sergipe, cresceu a necessidade de buscar leituras que mostrassem a inserção desse método nas escolas primárias.

A intenção de abordar o método intuitivo permitiu que o projeto fosse amadurecido e repensado. A partir dos diálogos de orientação, este estudo tomou como objeto de pesquisa o método intuitivo, tendo em vista as concepções que os professores anteriormente referidos incorporaram em suas publicações. Concretizou-se ao ser estudado o repertório cultural desses professores, por isso, configura-se em um trabalho de investigação documental relativa às finalidades, objetivos e discursos construídos no período em referência.

Foi no percurso de descobertas, atrelado ao que Sirinelli (2003, p.231) disse relativamente ao fato de que “[...] o comportamento político dos intelectuais mereceria por si só um estudo”, que este trabalho busca a aproximação com três professores da Escola Normal de Aracaju – Balthazar de Araújo Góes (1853 – 1914), Helvécio de Andrade (1864 – 1940) e Adolpho Ávila Lima (1882 – 1960) – e com a difusão do método intuitivo. Não se pode deixar de dizer que esta escrita foi tomada por emoções, definições de conceitos e alinhamento com o objeto, porquanto o que se buscou, a todo instante, foi ressaltar um momento histórico da difusão do método intuitivo em Sergipe.

Para além da reelaboração de uma questão inicial de pesquisa, dois pontos são essenciais para que se possa pensar essa difusão do método intuitivo por esses professores: 1) Os professores se utilizaram de referências de autores estrangeiros para elaborar e difundir em seus textos a proposta do método intuitivo. 2) Os discursos desses professores ajudam a desvelar o que pensavam sobre esse método, a identificar quais autores foram referenciados para o próprio repertório cultural, bem como quais performances construíram para incorporar, nas escolas primárias de Sergipe, a difusão do método intuitivo. Esses também são pontos que justificam o interesse pela temática, pois almeja-se compreender quais mudanças sofreu o ensino primário público de Sergipe em tempos que se evidenciava o método intuitivo como referência para o ensino e para a formação de professores.

1.2 A delimitação da problemática, dos objetivos e da tese a ser defendida

A problemática central desta pesquisa circunscreve-se em torno do entendimento de que o método intuitivo foi uma prática difundida na sociedade sergipana no período de 1890 a 1930, contudo não há pesquisa que estude as práticas discursivas dos professores da Escola Normal sobre a difusão do método intuitivo em Sergipe, nem acerca da concepção desse método e do

repertório cultural utilizado. A fim de encontrar vestígios de respostas, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) tornou-se um dos locais possíveis para encontrar, manusear e analisar diversos jornais, nos quais foram encontrados discursos de professores da Escola Normal, apresentados em ensaios e conferências proferidas em eventos sociais, educacionais e políticos. A partir desses jornais, identificou-se os sujeitos que estiveram à frente da difusão do método intuitivo em Sergipe e, assim, foi possível perceber suas estratégias para se manterem divulgadores desse método. As imbricações identificadas entre esses professores permitiram conhecer quais ações performáticas que eles utilizavam para conquistar a Direção da Instrução Pública, a Diretoria da Escola Normal e a defesa de suas cadeiras. A relação entre esses professores da Escola Normal, os jornais da época, os programas de ensino, os manuais e os termos de visita de inspetores, possibilitou definir que os discursos e seus repertórios de contenção se tornariam presente na escrita desta pesquisa.

A existência de manuais, jornais e programas de ensino, pertinentes a esse método, escritos por professores da Escola Normal de Aracaju, ganhou interrogações. Por conta disso, passei a questionar: de que maneira os professores Helvécio de Andrade, Balthazar Góes e Ávila Lima estiveram ligados na difusão do método intuitivo? Qual a concepção de método intuitivo que se discutia? Como foram estruturadas as performances desses professores da Escola Normal, a fim de construir estratégias de oportunidades e mobilizar a difusão do método intuitivo? Qual repertório cultural foi mobilizado para a difusão do método nos programas e manuais de ensino e nos jornais de Sergipe no período de 1890 a 1930? Ao definir o repertório cultural destes professores da pesquisa, foi possível verificar as ligações desses sujeitos com a regulamentação da instrução primária em Sergipe. É com esta pesquisa que as conexões são detalhadas sobre as preferências de se reunir, agregar ou afastar-se de um determinado grupo.

Neste estudo, será apresentado o interesse de estudar o início do século XX, a variação de publicações sobre o método intuitivo, observando nos discursos dos professores da Escola Normal como fortaleceram a inserção desse método. Para isso, buscou-se por meio dos discursos dos professores da Escola Normal de Aracaju suas publicações sobre o método intuitivo. A intenção inicial se prendeu à ideia de que os textos¹ de Rui Barbosa seriam os responsáveis pela difusão desse método no estado de Sergipe. A proposta era comparar as características dos manuais sergipanos com o manual *Lições de coisas*. O percurso da pesquisa indicou outros caminhos, os quais permitiram escolher o que seria selecionado para falar sobre

¹ A proposta inicial era comparar o manual de Calkins, *Lições de coisas*, e os textos sobre a Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares de Instrução Pública e a Reforma do Ensino Secundário e Superior de Rui Barbosa com os manuais de Sergipe sobre o método intuitivo.

a difusão desse método em Sergipe. Ao falar sobre a apropriação desse método em Sergipe, o texto apresenta como os professores utilizaram-se das ideias de autores estrangeiros para incorporar em seus textos a proposta desse método.

Neste estudo, tem-se como objetivo geral, compreender as práticas discursivas, o repertório cultural dos professores da Escola Normal sobre o método intuitivo, difundido em manuais didáticos, programas de ensino e jornais, tendo em vista o programa de governo para a renovação educacional em Sergipe. Como objetivos específicos elegem-se: conhecer como estava sendo divulgado o método intuitivo no Brasil e em Sergipe, percorrendo a materialidade dos manuais publicados no período de 1890 a 1913, tendo em vista o repertório cultural utilizado para a difusão desse método, bem como a concepção que tinham do modo de aprender e ensinar a partir dos manuais de ensino dos professores da Escola Normal sobre o método intuitivo; examinar como o método intuitivo foi configurado em Sergipe por meio das conexões, performances e conflitos presentes em determinado grupo para a publicação de impressos em jornais, regulamentos e programas de ensino para as escolas primárias de Sergipe entre os anos de 1912 e 1917, evidenciando suas disputas em jornais da época para difusão de suas ideias e modos de pensar sobre o método intuitivo; analisar as performances dos professores, através dos conflitos e das disputas em suas ações administrativas e pessoais, situando a passagem do método intuitivo para os preceitos do método ativo e a dificuldade de aplicá-lo nas escolas primárias de Sergipe, no período de 1917 a 1930, apresentando a variação de interpretação e reemprego sobre o método intuitivo.

Desta forma, defende-se a tese de que os professores escolhidos para a construção desta pesquisa, Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima, contribuíram para a difusão do método intuitivo em Sergipe, visto que colaboraram na produção de textos impressos em jornais, livros e conferências que demonstravam a importância deste método para a melhoria do ensino das escolas primárias em Sergipe. Contudo, suas defesas foram construídas a partir de um repertório cultural que alavancava seus interesses políticos, culturais, educacionais e pessoais.

1.3 Três professores e um método

Na coleta de dados no IGHSE, encontrou-se a figura de Balthazar de Araújo Góes, nascido em Itaporanga/SE, no ano de 1853, e falecido em 1914. Formado em Humanidades, foi Presidente do Estado por duas vezes, em curto prazo, assumindo, ainda, a direção da Instrução Pública e da Escola Normal de Sergipe. Balthazar Góes (Figura 1) estudou no Atheneu

Sergipense, em Aracaju, construiu sua carreira docente no município de Laranjeiras (1882), onde tinha um colégio no formato de internato e externato. Sua experiência com o magistério permitiu-lhe a ascensão a cargos na capital de Sergipe, ocupando cadeiras de ensino na Escola Normal (1898), Direção da Instrução Pública (1905), dos Grupos Modelo e Central (1911), anexos à Escola Normal, lugar no qual finalizou sua profissão docente.



Figura 1 - Fotografia de Balthazar Góes
Fonte: Infonet

Balthazar Góes iniciou como educador, em 1872, substituindo o professor da primeira cadeira primária da capital. Em Aracaju, ensinava gratuitamente no Curso noturno de adultos, curso criado pelo então Presidente da província, Doutor Antônio Cândido da Cunha Leitão. Após dez anos, exatamente em 1882, ele foi lecionar a cadeira de Francês e Aritmética em Laranjeiras. Nesta cidade, construiu um círculo de amizade que lhe permitiu participar de várias sociedades instrutivas e recreativas. Encarado como preceptor competentíssimo, de convicções políticas inabaláveis, preferia sacrificar as mais caras afeições a trair os seus princípios, não hesitando em dissentir francamente da opinião dos melhores amigos (ALVES, 2004).

Defensor dos ideais republicanos, com o passar do tempo Góes desiludiu-se com a política e dedicou seus últimos anos ao magistério, tornando-se proprietário do Colégio Liceu Laranjeirense, estabelecimento de ensino primário e secundário masculino, onde funcionava em regime de internato e semi-internato. Anos depois, em 1889, após a proclamação da República, Góes foi aclamado como membro do triunvirato ou Junta Provisória do novo Estado, dissolvido com a chegada do Doutor Felisbelo Firmo de Oliveira Freire (1858-1916). Este

presidente o removeu de Laranjeiras para a cadeira de Português da Escola Normal de Aracaju. Na cidade de Laranjeiras, escreveu no jornal *O Republicano*, dirigido por Felisbello Freire, além de ser um dos fundadores do Clube Republicano Federal de Laranjeiras (GUARANÁ, 1925). Em Aracaju, ainda assumiu a cadeira de Geografia Geral e Astronomia, no Atheneu Sergipense, sendo jubulado, em 1898, pelo Governador Martinho Garcez.

A jubilação² não parou Balthazar Góes, pois, em 1898, ele voltou a Laranjeiras para reger uma cadeira no ensino secundário, em seguida ocupou a cadeira de Língua Portuguesa na Escola Normal de Aracaju, em 1901, acumulando a cadeira de Pedagogia com a direção do Atheneu Sergipense. Em 1909, Balthazar foi jubulado da cadeira primária da antiga Escola Normal, contudo, cheio de novidades como era este sujeito e de ótimas influências políticas, foi contratado, em 5 de outubro de 1911, para dirigir os Grupos Modelo e Central, anexos à Escola Normal.

É válido lembrar que Balthazar Góes é o patrono da cadeira número 40 da Academia Sergipana de Letras, o que mostra a importância desse sujeito neste estudo. Sua ação performática de apresentação de modelos de estruturação administrativa e pedagógica da Instrução Pública de Sergipe permitiu a ele galgar vários setores no campo da educação, seja como diretor da Instrução Pública, professor da Escola Normal de Sergipe ou como professor do Atheneu Sergipense. A trajetória de Balthazar Góes nas funções públicas aconteceu antes mesmo da Proclamação da República, visto que sempre esteve engajado no movimento político de Sergipe. Inclusive, assumiu a junta governativa entre 18 de novembro e 2 de dezembro de 1889, ao lado Vicente Luís de Oliveira Ribeiro (1852 - 1895) e Antônio José de Siqueira Menezes (1852 - 1931), este último até 13 de dezembro de 1889.

Seus discursos podem ser conhecidos na escrita de jornais sergipanos e na participação em sociedades instrutivas e de recreio. Por exemplo, em Aracaju, fez parte do Teatrinho São Salvador, Filarmônica Euterpe, cujos primeiros mestres foram Felisbello Freire (1858-1916) e Joaquim Honório (1857-1904), estando à frente do Clube de Letras e Artes, de 1874 a 1911. Em Laranjeiras, frequentou o Clube Democrata, a Tribuna de Conferências Populares e escolas, sendo seu primeiro orador o Doutor Fausto Cardoso (1864-1906). Ainda naquele município, frequentou o Clube Dramático, a Coleção Laranjeirense, que floresceu sobre sua direção entre 1883 e 1888.

Entre os jornais nos quais ele contribuiu para a difusão de suas ideias e o seu modo de pensar, tem-se o *Correio de Sergipe*, em 1890, *Presente* (1877 e 1878), *Horizonte* (1885 e

² Segundo o Decreto n. 630, p. 215, o direito à jubilação ocorria quando completasse 35 anos de serviço público no Estado com vencimento completo, e com vencimento proporcional se tivesse mais de dez anos.

1886), *Laranjeirense* (1887 e 1888), *O republicano* (1888), *O Porvir*. Neste último, sua participação aconteceu quando era estudante do Atheneu Sergipense e, dentre suas publicações, pode-se citar: “A república em Sergipe (apontamento para a história), Gramática da língua portuguesa (para uso dos seus filhos), Apostilas de pedagogia precedidas e Algumas noções de psicologia colhida de bons Mestres” (GUARANÁ, 1925).

Outro professor foi Helvécio de Andrade (1864 – 1940), sujeito crítico, divulgador do método intuitivo, defensor das mudanças de reorganização do ensino primário. Helvécio de Andrade nasceu em Capela/SE no ano de 1864, fez os cursos preparatórios em Estância/SE e em Salvador/BA (1876 – 1880). Formado em medicina pela Faculdade da Bahia (1881 – 1886), obteve o grau de Doutor em Medicina e de Farmacêutico, clinicou em Propriá (1886) e seguiu para Santos/SP (1887), onde ficou, por 13 anos, atuando nos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia e da Beneficência Portuguesa. Em Santos, exerceu o cargo de inspetor sanitário e inspetor geral do ensino. Quando retornou a Sergipe (1900), seguiu para Maruim, ficando neste município até 1910. Tornou-se diretor da Instrução Pública em três gestões (1914 – 1918, 1926 – 1927, 1930 – 1935). No caso de Helvécio de Andrade (Figura 2), este se fará presente, neste estudo, como médico e educador que foi.



Figura 2 - Helvécio de Andrade e suas alunas do curso Normal em 1926
Fonte: Valença (2006, p. cxxxvi).

Segundo Valença (2006), Helvécio de Andrade nasceu de pais sem recursos, no entanto, a família de sua mãe, Tereza Jesus de Andrade, possuía um engenho, o Boa Sorte. O frequente contato com a família de sua mãe lhe permitiu o ingresso na faculdade de medicina, o que significa dizer que sua aproximação com a família Andrade lhe assegurou oportunidades. Seu pai, José Ferreira de Figueiredo, era membro da família Figueiredo, aliados políticos e parentes

próximos das famílias Andrade e Cabral, ambas representativas da sociedade patriarcal capelense.

Sua primeira residência foi em Propriá, em 1887, depois Santos, permanecendo nesta última cidade até 1900. No Hospital da Santa Casa, em Santos, dirigiu a enfermaria de febre amarela e, em 1893, conseguiu ser inspetor sanitário e inspetor-geral do ensino público. No período em que esteve em São Paulo, serviu à Guarnição Militar Federal como médico adjunto do Exército e do 54º Batalhão da Guarda Nacional. Ainda em 1900, retornou a Sergipe e foi clinicar em Maruim, atuando neste município até 1910. Voltou para Aracaju nesse mesmo ano, quando exerceu o cargo de delegado fiscal do governo federal, junto ao Atheneu Sergipense e, em 1911, foi nomeado no cargo de lente da cadeira de Pedagogia, Pedologia e Higiene escolar da Escola Normal, reorganizada, no governo Dr. Rodrigues Dórea (1857-1938), pelo Professor Carlos Silveira. Com relação a este fato, é válido frisar que essa cadeira pode ter sido criada pensando em Helvécio de Andrade, posto que tenha sido a primeira cadeira que incorporou o conteúdo de higiene escolar (GUARANÁ, 1925).

Como sujeito de trânsito de informação e posições, Helvécio de Andrade colaborou com os jornais de Santos e de Aracaju. Em Santos, escreveu no *Diário da Manhã* e no *Jornal do Povo*, sobre temas de higiene, medicina geral e instrução. No estado de Sergipe, publicou seus textos nos jornais *Estado de Sergipe*, *Correio de Aracaju*, *Jornal de Sergipe*, *Jornal de Notícias*, *Diário da Manhã*, *O Imparcial*, entre 1911 a 1924, sob os pseudônimos de Spartaceno, Severo, Fabrício e outros. Nos citados jornais, apresentou sua proposta de uma reforma na Instrução Pública primária que evidenciasse o método intuitivo.

Identificou-se, em sua atuação na Escola Normal de Sergipe, que buscou construir um ideário pedagógico e, não diferente de Balthazar Góes, comungava dos mesmos projetos, dentre eles o de orientar os professores sobre o método intuitivo, dando-lhes guias de como as crianças deveriam ser instruídas e manejadas. É instigante observar o lugar desses sujeitos e como eles se encontraram e se entrelaçaram. Este estudo acredita, portanto, que eles estiveram unidos a favor de um projeto político de governo, almejado naquele período, no qual envolveram seus ideais e a defesa pelo mesmo motivo, de forma estrutural, cada um ao seu modo foi construindo suas estratégias de poder e de reconhecimento no espaço social em Sergipe.

O caminho percorrido nesta pesquisa permitiu identificar que a vida desses sujeitos oportunizou desencontros e dramas entre eles. Um caso particular é o modo de pensar sobre o ensino de Psicologia, por Helvécio de Andrade e Ávila Lima (1882 – 1960). Esses dois travaram uma disputa nos jornais de Sergipe, com réplicas e tréplicas, chegando até a ultrapassar a reflexão sobre a Pedagogia moderna e adentrar em assuntos particulares. Helvécio

de Andrade também disputou com Balthazar Góes, quando desfez de seu manual, considerando-o como um livrinho, na matéria intitulada “Sobre a nova cadeira de pedagogia da Escola Normal” (ANDRADE, *Correio de Aracaju*, 1911).

Outro caso de conflito de Helvécio de Andrade foi no falecimento de um paciente de Augusto Leite (1886-1978), diagnosticado com sífilis e portador de nefrite. Este médico sugeriu pequenas dosagens de um tipo específico de mercúrio, porém, como não estava melhorando, a família resolveu chamar o médico Helvécio, que suspendeu a medicação sugerida pelo colega. Com o falecimento do jovem, seu pai, Estevão Pereira Coelho, moveu uma ação contra o médico Augusto Leite, convidando para a ação jurídica os advogados Joaquim do Prado Sampaio (1865-1932) e Edgar Coelho (1886-?). Revoltado diante das acusações, Augusto Leite moveu uma ação contra Helvécio de Andrade, contratando Leonardo Gomes de Carvalho Leite, Oscar Hora Prata e Adolpho Ávila Lima para defendê-lo.³

Assim, ao entender a sociedade como um complexo de contradições, tensões e conflitos, a figura desses sujeitos mostrará as performances, criadas por eles, para se manterem divulgadores de suas ideias.

Adolpho Ávila Lima nasceu em Estância/SE, em 1882, tendo cursado Humanidades em Aracaju e Salvador, iniciando seus estudos na área do Direito, na Faculdade de Direito da Bahia, finalizando em Recife, recebendo o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 17 de dezembro de 1910 (Figura 3).

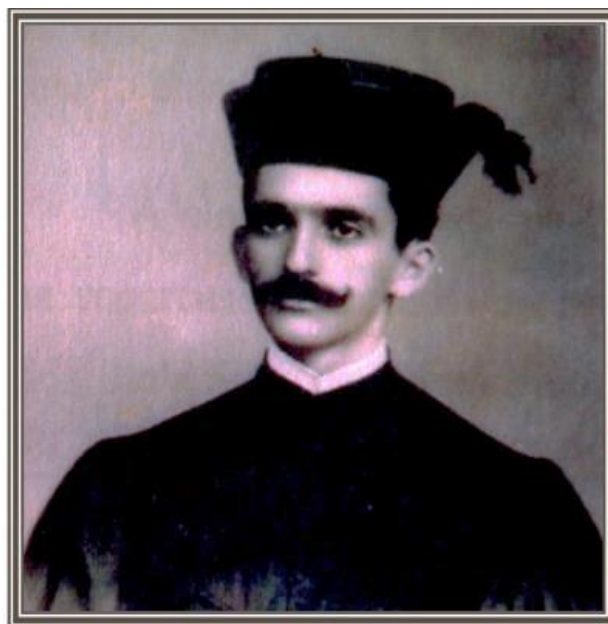


Figura 3 - Fotografia de Ávila Lima.
Fonte: Acervo da BPED.

³ LEITE, Augusto. Conferência realizada na Biblioteca Pública Epifânio Dórea. Aracaju: Typografia do *O Luctador*, 1919, p. 54.

Sua formação em Direito permitiu que assumisse as promotorias de Propriá e Estância (1907 – 1913). No ano de 1913, foi nomeado Inspetor Geral de ensino do 2º Distrito escolar e, em seguida, por ato de 22 de julho de 1914, passou a ser lente vitalício, por concurso, da cadeira de Pedagogia e Metodologia do curso normal masculino, que funcionava anexo ao Atheneu Sergipense. Ingressou também como docente no Colégio Atheneu (1914), Colégio Tobias Barreto (1914 – 1915), tornou-se membro do Conselho Municipal de Aracaju (1917 – 1922), membro do Conselho Superior da Instrução Pública (1917 – 1922), assumiu a cadeira de Psicologia Fundamental e Infantil na Escola Normal (1924). A figura de Adolfo Ávila Lima, advogado, professor da Escola Normal, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e membro do Conselho da Instrução Pública, fez dele um sujeito de prestígio social. É importante notar como cada um desses sujeitos construiu suas teias para se firmar no espaço político e social.

Como pessoa de prestígio social, participou da Hora Literária, em 1911, que, mais tarde, se transformou na Academia Sergipana de Letras, bem como contribuiu para o Centro Literário Educativo, em 1914, instituição fundada por Helvécio de Andrade. Ainda esteve presente no Centro Pedagógico Sergipano, em 1918. Esses locais, nesta pesquisa, são apresentados como espaços nos quais se discutiam as reformas educacionais, dentre elas a Liga contra o analfabetismo.

Ávila Lima escreveu no jornal *Diário de Notícias* da Bahia; *O Estado de Sergipe*, em Aracaju; *O Norte de Sergipe*, de Propriá; *Pernambucano*, do Recife; *Revista do Direito do Rio de Janeiro*, sob os pseudônimos de Passos de Albuquerque Palmeira e Dalemmar. (GUARANÁ, 1925; VALENÇA, 2001). De 1914 a 1915, foi lente da cadeira de Língua Materna, História Universal e do Brasil, no Colégio Tobias Barreto, instituição de ensino privado, na capital de Sergipe, e com reconhecimento social. Nos triênios de 1917 a 1922, foi membro do Conselho Municipal de Aracaju e, nos biênios de 1919 a 1922, foi membro do Conselho Superior da Instrução Pública do Estado. Ainda no ano de 1919, tornou-se sócio honorário do IHGSE e, como membro desta instituição, participou da comissão permanente da redação da revista do Instituto, junto com Libério de Sousa Montepio e Antônio Batista Bittencourt.

Pelo decreto de 5 de abril de 1924, foi designado para lecionar na cadeira de Psicologia Fundamental e Infantil na Escola Normal. Sobre os temas que escrevia nos jornais, pode-se citar: Cartas filosóficas, Universalização do direito, Academia na Vida Prática, Monarquia e República, Nos domínios da Ciência Moderna, Nos Domínios da Filosofia Pedagógica, A escravidão e a Liberdade, Críticos e ensaios de Psicologia pedagógica, Em defesa da verdade e

da honra, Psicologia de um Super-homem, Rui Barbosa, Limites de Sergipe e Bahia. O folhetim *Psicologia de um super-homem*, estudo biográfico sobre Tobias Barreto, publicado em 1914, dá evidências acerca de seu repertório cultural e sua rede de sociabilidades. É interessante a passagem por esse folhetim, pois, no início desta pesquisa, imaginava-se que era um manual de ensino sobre o método intuitivo, contudo, a pesquisa mostrou esta fonte como sendo uma trajetória biográfica de Tobias Barreto.

Influenciado pela efervescência das ideias reformistas provenientes de São Paulo, Ávila Lima e outros intelectuais, a exemplo de Deodato Maia(1896-?), Evangelino de Faro, Ítala Silva Oliveira (1897-1984), Florentino Menezes (1886-1959), José da Silva Ribeiro, Possidônio Pinheiro da Rocha, Edgar Coelho e José Maria dos Santos Melo, empenharam-se em difundir a instrução primária por meio de campanhas de alfabetização e da multiplicação de escolas, fundando a Liga Sergipense Contra o Analfabetismo (VALENÇA, 2001). O surgimento desta Liga foi fruto da atuação de diferentes forças da sociedade civil e do Estado, que buscavam intervir nos rumos do país, embasadas nas propostas educacionais ajustadas pelo ideal de regenerar a sociedade por meio da alfabetização. Ávila Lima foi indicado para assumir a presidência da Liga e, em seu discurso de posse, revelou sua esperança de transformar a sociedade sergipana em um modelo de civilidade, citando Descartes e Payot (VALENÇA, 2001).

Apesar de Ávila Lima ter sido formado em Direito, ter trabalhado no comércio, ocupou cargos pertencentes ao campo educacional, fato que não era incomum naquele período. Este bacharel se propôs a pensar os problemas da educação, a difundir preceitos pedagógicos por meio de publicações e preleções, ocupou cargos de gestão próprios deste campo, e também manteve relações com outros sujeitos e outros campos, principalmente com o político e o cultural.

Ávila Lima se fez presente, enquanto pessoa política, como sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), Promotor da cidade de Estância e Propriá, bem como participante da Liga Sergipana Contra o Analfabetismo, cargos que lhe deram prestígio e inserção social. Utilizou-se das estruturas de oportunidades(Alonso, 2012) para ingressar e se manter bem relacionado com figuras políticas sergipanas, sendo sócio e membro de instituições de renome em Sergipe.

Esses professores escolhidos e suas práticas discursivas fizeram com que a ideia de repertório cultural fosse incorporada para a produção de análises. A presente análise intenta tratar exclusivamente do discurso desses professores, sua importância e papel na difusão do método intuitivo em Sergipe e a formação dos professores. Ao observar os textos escritos pelos

professores Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima, é possível perceber o seu repertório cultural, pelas referências trazidas no bojo respectivas de seus discursos. Esse repertório é apresentado como manobras discursivas, pois suas ideias impulsionavam mudanças no modelo escolar. Por mais que usassem como uma de suas referências a obra *Lições de coisas*, traduzida por Rui Barbosa, não deixam de informar os tantos outros autores que falavam sobre o método intuitivo. O espaço da Escola Normal é compreendido a partir da concepção de Ângela de Castro Gomes (1996) como lugar de sociabilidade, como valioso indicador de movimento de produção e circulação de ideias. Espaços como escolas, associações intelectuais, revistas, salões, entre outros, são fundamentais para o entendimento do universo intelectual de dada época e espaço. Esses sujeitos tinham trânsito de informação e posições para falar sobre os recursos e redirecionamentos que o Estado deveria assumir, envolvimento que trouxe consigo a existência de tramas e tensões as quais esses sujeitos vivenciaram para o exercício ao qual foram designados.

1.4 “O ensino pelas coisas”: o método intuitivo em Sergipe no período de 1890 a 1930

O método intuitivo tornou-se o principal caminho a ser palmilhado, apreendido e percorrido pelos professores, tanto por aqueles em formação, como aqueles que já se encontravam atuando, porque representaria a tradução dos preceitos da psicologia experimental e da pedagogia para a educação. Ensinar pelos meios intuitivos implicaria, para os educadores da época, tornar-se protagonista na cena educacional.

Ao reafirmar a importância da escola para o progresso da nação, os administradores reformularam a importância desta instituição como a ferramenta para a garantia do progresso da República e a manutenção da ordem estabelecida, acreditando garantir, assim, a modernidade do estado. No início da década de 1890, o censo de Sergipe é demarcado por 14.333.915 habitantes, crescendo os núcleos urbanos. Em Sergipe, as ideias republicanas foram proclamadas por homens oriundos de setores urbanos mais informados, predominando as profissões liberais. A adesão de Sergipe à República se fez festivamente, sem ter havido resistência dos que detinham o comando político da província. Teve atuação importante a eloquência inflamada de Fausto Cardoso⁴, enaltecendo o acontecimento, ao qual aderiram,

⁴ Fausto de Aguiar Cardoso (Divina Pastora, 22 de dezembro de 1864 - Aracaju, 28 de agosto de 1906) foi um advogado, poeta, filósofo e político brasileiro. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, escreveu para jornais em Recife e integrou o Movimento de Renovação do Pensamento Nacional, que aderiu ao movimento republicano, sendo eleito deputado federal em duas legislaturas e fundou o Partido Progressista. Fausto foi assassinado no Palácio do Governo, em Aracaju, durante o movimento de 1906. Mas tarde, seus filhos vingaram

imediatamente, as câmaras e o povo das vilas e cidades, como também faria a Assembleia Legislativa no dia 21 de novembro. A Junta Provisória, composta pelo senhor de engenho Vicente Luís de Oliveira Ribeiro, que logo renunciou ao cargo, pelo capitão do exército José de Siqueira Menezes e pelo professor Balthazar de Araújo Góes, começou a legislar para as adaptações, ao novo regime, das instituições vigentes. (NUNES, 2008).

Um dos primeiros atos de Balthazar Góes, enquanto presidente, foi designar, em 30 de novembro do mesmo ano da posse 1889, uma comissão, integrada pelos Drs. Gumercindo Bessa, Tomás Leopoldo e Prof. Alfredo Montes⁵, para orientá-lo na reforma educacional a ser feita. Dentre os assuntos da pauta, estavam: qual o melhor método de ensino para as escolas de primeiro grau? Quais livros que deveriam adotar? Essa comissão não permaneceu, pois Gumercindo renunciou. Este defendia a obrigatoriedade do ensino elementar, a educação dos sentidos e a adoção de método objetivo nas escolas primárias, a elevação do nível intelectual e moral dos professores, o ensino profissional, a severa fiscalização do magistério e a divisão das escolas em “rústicas” e “urbanas”, sendo essas subdivididas em 1º e 2º graus (NUNES, 2008, p. 187-188).

Em 1892, existiam em Sergipe 114 escolas públicas primárias, sendo 33 masculinas, 34 femininas e 47 mistas, com matrícula de 5.119 alunos, compreendendo 2.569 homens e 2.550 mulheres e com 33 professores primários. Já em 1930, existiam em Sergipe 324 professores primários, com matrícula de 16.864 nas escolas masculinas e 8.508 nas femininas, e 206 nas Escola Normais (NUNES, 2008, p. 276).

A partir de algumas inquietações minhas, sobre o método intuitivo em Sergipe, foi necessário conhecer a legislação educacional e averiguar se havia a presença do método intuitivo no período de 1890 a 1930. Por esse motivo, foram analisados alguns documentos legislativos de Sergipe no Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina.

Quadro 1 - Regulamentos de 1890 a 1930

Data	Tipo de documento	Autor ⁶
15-03-1890	Decreto nº 30 Dar regulamento para a instrução pública primária, secundária e normal do estado de Sergipe	Dr. Felisbelo Firmo de Oliveira Freire

a sua morte, assassinando no Rio de Janeiro o Monsenhor Olímpio Campos, no episódio conhecido como "A Tragédia de Sergipe".

⁵ Para maiores detalhes ver: AMORIM, Simone. A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe. 1. ed. São Cristóvão: EDUFS, 2009. 222p .

⁶ É válido informar que nem de todos os sujeitos citados neste trabalho será informado data de nascimento, morte ou título da obra – caso tenha escrito algum material. Visto que nas fontes que manuseamos não constava tal informação, bem como não faz parte de nosso objetivo detalhar a trajetória destes sujeitos.

19-01-1893	Decreto nº 45 Determina que no serviço da instrução pública se observe o regulamento	Florianio Vieira Peixoto
05-08-1901	Decreto nº 501 Regulamento expedido em virtude do decreto	Olympio Campos
12-08-1911	Decreto nº 563 Dar nova organização ao ensino do estado, mandando que sejam observados os Regulamentos que com estes baixam	José Rodrigues da Costa Doria José Alípio de Oliveira
19-10-1912	Decreto nº 571 Expede regulamento para a instrução pública primária, secundária e normal do estado de Sergipe	General Dr. José de Siqueira Menezes (presidente do estado) Sylvio da Motta Rabello
09-01-1915	Decreto nº 587 Expede regulamento para o serviço da instrução pública do estado de Sergipe	Manuel P. de Oliveira Valladão Francisco Monteiro de Almeida;
29-10-1921	Decreto nº 724 Dar novo regulamento à Instrução Pública	José Joaquim Pereira Lobo Álvaro Fontes da Silva
11-03-1924	Decreto nº 867 Dar novo regulamento à Instrução Pública	Mauricio Graccho Cardoso Carlos Alberto Rolla
03-02-1931	Decreto nº 25 Dar novo regulamento à Instrução primária pública	Augusto Maynard Gomes Nicanor Ribeiro Nunes

Fonte: Elaborado a partir Repositório da UFSC (2017). Disponível em: <http://www.repositorio.ufsc.br/>.

Acesso em: 23/05/2017.

A partir desse quadro pode-se inferir que os indícios sobre o método intuitivo em Sergipe são notados nas regulamentações da Instrução Pública. A indicação era que tal método fosse o adotado, sendo os termos utilizados em forma de matérias ou orientações metodológicas faziam menção: lições de coisas, exercícios de intuição, ensino intuitivo, método intuitivo, ensino pelas coisas. Contudo, é preciso destacar a presença dessas matérias e desses termos para entender a apropriação desse método no estado de Sergipe. Pelo que se nota, essa apropriação se confunde com o que era proposto por Calkins (1886), uma vez que de acordo com a proposta o método deveria estar disposto em todas as matérias sob forma de lições. No decorrer deste texto, em termos de recomendação, a atenção será voltada para o modo de apropriação que os professores utilizaram para a construção de seus repertórios na tentativa de regulamentar o uso desse método no ensino primário de Sergipe. Para uma análise mais apurada sobre a organização do ensino primário de Sergipe e a presença do método intuitivo, também se pesquisou os programas de ensino, conforme o quadro abaixo. Os critérios estabelecidos para a construção desse quadro se deve a periodicidade em que os sujeitos dessa pesquisa estiveram atuando na administração educacional de Sergipe, e pela produção dos primeiros programas de ensino de acordo com o marco temporal dessa pesquisa.

Quadro 2 - Pesquisas localizadas no Repositório da UFSC que abordam o método intuitivo

Data	Tipo de documento	Autor
20 de janeiro de 1912	Programa para o ensino primário, especialmente os grupos escolares do estado de Sergipe	Balthazar Góes
27 de janeiro de 1915	Programa para o curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas do estado de Sergipe	Helvécio de Andrade Etelvina Amália de Siqueira
Dezembro de 1916	Programa para o curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas do estado de Sergipe	Helvécio de Andrade
Janeiro de 1917	Programa para o curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas do estado de Sergipe	Helvécio de Andrade
21 de dezembro de 1924	Programa para o curso primário elementar e Regulamento do instituto de química	Maurício Graccho Cardoso Carlos Alberto Rolla
Dezembro de 1930	Programa para o curso primário	Helvécio de Andrade

Fonte: Elaborado a partir Repositório da UFSC (2017). Disponível em: <http://www.repositorio.ufsc.br/>.

Acesso em: 23/05/2017.

O que se notou com a leitura desses programas de ensino foi a insistência dos sujeitos dessa pesquisa de colocar em prática um método que era considerado significativo para a educação da época. Porém, as apropriações foram diversas, em alguns momentos encontrou-se o método como sugestão didática e em outros como disciplinas, como também apenas a indicação de textos sobre Rui Barbosa como, por exemplo, os Pareceres do Ensino Primário e da tradução da obra *Lições de coisas*. O pertinente desta análise é que esses programas de ensino eram publicados sempre no final e início do ano letivo. Sobre esse quadro 2 e de modo especial o último programa analisado, observou-se a incidência da nova política nacional formulada com a instalação do Governo Provisório, decorrente do triunfo da Revolução de 1930. Assim, a nova educação deveria ser uma reação categórica, intencional e sistemática contra a velha estrutura do serviço educacional, artificial e verbalista, montada por uma concepção vencida. Esta era a bandeira defendida pelo *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, apresentado e publicado ao povo e ao governo, em 1932.

Sobre o recorte temporal desta pesquisa, delimitou-se que a pesquisa inicia-se em 1890, com a publicação do decreto de 14 de março desse ano, que regulamentava os espaços e os tempos das aulas, o ofício do professor e a didática das escolas primárias, sendo considerado o primeiro documento oficial publicado sobre o método intuitivo em Sergipe; e encerra-se em

1930, quando Helvécio de Andrade publicou seu último programa para o ensino primário, ressaltando a importância do método intuitivo e adentrando nas concepções educacionais da Escola Nova. Os caminhos percorridos e a análise aqui realizada, por esses professores revelam aspectos da História da Educação em Sergipe e sobre o método intuitivo. Desta forma, o fim é um começo de outras histórias acerca da formação dos professores da Escola Normal em Sergipe. É necessário explicar que, metodologicamente, utilizou-se alguns requisitos para a definição dos docentes estudados: ter lecionado pelo menos uma disciplina na Escola Normal, ter assumido cargo público, ter publicado algo sobre o método intuitivo, em jornais, manuais e relatórios de inspeção pública. Diante dos critérios, três professores preencheram os requisitos para a análise: Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima.

1.5 A Escola Normal de Sergipe e a difusão do método intuitivo

Na busca pelas fontes, alguns sujeitos se repetiam, constantemente, à frente da organização do ensino primário em Sergipe, com publicações em jornais, livros, programas de ensino, assumindo a inspeção de ensino e, principalmente, como professor da Escola Normal. Torna-se oportuno esclarecer, de acordo com Freitas (2003), que essa Escola obteve seu prédio próprio, em 1911, próximo à catedral, no Centro de Aracaju. Em 1923, recebeu uma nova nomenclatura, que a denominou Escola Normal Rui Barbosa (FREITAS, 2003).

A título de esclarecimento, considera-se importante ressaltar que, sem o intuito de fazer um estudo icnográfico, a autora deste estudo utiliza-se da imagem reproduzida na Figura 4, a seguir, apenas para ilustrar e confirmar sua escrita. A Escola Normal foi escolhida por apresentar-se como espaço de divulgação de mudanças para formação de professores que estariam atuando nas escolas primárias. Enxergar a Escola Normal como espaço de propagação do método intuitivo permitiu conhecer os sujeitos que fazem parte desta pesquisa, como responsáveis pela divulgação das práticas discursivas do método intuitivo em Sergipe. Incumbida da formação dos professores da época, a Escola Normal de Sergipe procurava adaptar seu currículo e suas práticas escolares em defesa do método intuitivo, propondo práticas de ensino que priorizavam trabalhar e educar os sentidos dos alunos, apresentando um modelo de educação que favorecesse instigar os alunos por intermédio de seus sentidos.



Figura 4 - Escola Normal Rui Barbosa

Fonte: Freitas (2003, p. 37), extraída do Memorial de Sergipe, coleção Rosa Faria, secção icnográfica.

As informações até aqui apresentadas permitiram estabelecer a conexão entre as linhas que desenharam o lugar de cada sujeito nesses espaços, o modo como eles se uniam ao mesmo tempo e em tempos diferentes, e em espaços diversificados. Ao selecionar os professores da Escola Normal, analisou-se as relações destes sujeitos, as aproximações e os distanciamentos, os cargos que ocuparam e como se deram os discursos pelo método intuitivo.

1.6 O lugar do tema nas produções acadêmicas brasileiras

Observa-se, as visões de estratégias, a difusão de manutenção, mudança de repertórios, performances dos atores envolvidos nos movimentos, bem como os adeptos e suas formas de ação coletiva (seus dramas, tramas, conexões e conflitos). Talvez seja possível, com esta pesquisa, perceber se há ou não variações de interpretação e reemprego sobre o método intuitivo. A análise pode trazer novos elementos para a interpretação da articulação entre os professores da Escola Normal, expondo aspectos da formação, cargos assumidos, experiência profissional e suas publicações. Este aspecto é explicado no decorrer da leitura do texto, uma vez que auxilia na compreensão da inserção desses sujeitos em cargos públicos e na difusão do método intuitivo.

Teses e dissertações também foram identificadas, as quais trataram direta ou indiretamente da circulação desse método. Por isso, foi importante recorrer à análise dos seguintes textos, a seguir:

Quadro 3 - Pesquisas localizadas no Banco de Teses e Dissertações da Capes pertencentes à História da Educação e que abordam o método intuitivo

Autor	Título do trabalho	Objetivo geral	Ano/ Instituição	Dissertação/ tese
Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas	Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX	Analisar o processo de educação feminina, em Sergipe, nas primeiras décadas do século XX.	2003 / USP	Tese
Luís Siqueira	De La Salle a Lancaster: os métodos de ensino na escola de primeiras letras sergipana	Analisar os métodos mútuos e simultâneos na província de Sergipe nas escolas de primeiras letras de 1825 a 1875.	2006 / UFS	Dissertação
Cristina de Almeida Valença	Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade 1911-1935	Analisar a contribuição de Helvécio de Andrade para a difusão dos princípios de modernização da instrução pública sergipana nas três primeiras décadas.	2006 / UFS	Dissertação
Maria Neide Sobral da Silva	Vitrine das letras: o discurso jornalístico e a modernidade pedagógica em Sergipe/Brasil e Portugal (1910-1920)	Estabelecer as conexões e/ou desconexões nos discursos jornalísticos sobre a modernidade pedagógica nos jornais <i>Correio de Aracaju</i> (Sergipe/Brasil) e de <i>O Século</i> (Portugal), no período de 1910 a 1920.	2007 / UFRN	Tese
Juliana Cesário Hamdan	Do método intuitivo à escola ativa: o pensamento de Firmino Costa (1907-1937)	Compreender as formas por meio das quais Firmino Costa teria se constituído como um educador e autor de obras educacionais e linguísticas.	2007 / UFMG	Tese
Yolanda Dantas de Oliveira	Educação da criança à luz da pedagogia científica: a contribuição de Helvécio de Andrade em Sergipe (1911-1935)	Examinar a educação escolar da criança na obra de Helvécio Ferreira de Andrade, intelectual, médico e educador, que teve destacada nos debates acerca da escola em Sergipe, entre os anos de 1911 e 1935.	2008 / PUC São Paulo	Tese
Maria do Socorro Lima	República, política e direito: representações do trabalho docente e a trajetória de	Analisar as representações do trabalho docente, as práticas culturais e o lugar de produção do percurso feito pelo intelectual da educação	2008/UFS	Dissertação

Autor	Título do trabalho	Objetivo geral	Ano/ Instituição	Dissertação/ tese
	Carvalho Neto (1918-1921)	Antônio Manoel de Carvalho Neto de 1918 a 1921.		
Anne Emilie Souza de Almeida	A difusão do ideário escolanovista em grupos escolares sergipanos (1934-1961)	Analisar o processo de difusão do ideário da Escola Nova no cotidiano dos grupos escolares sergipanos, o ano de 1934 até o ano de 1960.	2009 / UFS	Dissertação
Crislane Barbosa de Azevedo	A modernidade no governo Graccho Cardoso (1922-1926) e a reforma educacional de 1924 em Sergipe	Analisar e compreender o ideário modernizador de Graccho Cardoso diante do governo de Sergipe por meio do seu projeto educacional reformador de 1924.	2015 / UFRN	Tese
Valdecí Josefa de Jesus Santos	Uma investigação acerca dos saberes matemáticos na formação de normalistas em Sergipe	Analisar como foram organizados os saberes matemáticos (Arithmetica, Álgebra, Geometria e Desenho) para o Curso Normal do Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB) no Estado de Sergipe, a partir da legislação publicada dos anos 1890 aos anos 30 do século XX.	2015 / UFS	Dissertação
Jefferson dos Santos Ferreira	Apropriações do método intuitivo de Pestalozzi para o ensino de saberes elementares matemáticos em periódicos brasileiros do final do século XIX e início do século XX	Analisar apropriações dos princípios do método intuitivo de Pestalozzi, para o ensino de saberes elementares matemáticos em periódicos brasileiros do final do século XIX e início do século XX.	2017 / UFS	Dissertação
Jéssica Cravo Santos	Materiais de ensino e os saberes elementares matemáticos, Sergipe (1911-1931)	Compreender que materiais de ensino foram prescritos e quais seus possíveis usos no ensino dos saberes elementares matemáticos presentes nas matérias/disciplinas Aritmética e Desenho, no curso primário dos grupos escolares sergipanos, segundo a documentação oficial, durante o período de 1911, ano em que foram instaurados os grupos escolares no Estado, e 1931, época em que são apontadas novas propostas pedagógicas que modificariam o ensino primário sergipano.	2016 / UFS	Dissertação

Autor	Título do trabalho	Objetivo geral	Ano/ Instituição	Dissertação/ tese
Wilma Fernandes Rocha	Saberes elementares aritméticos no ensino primário em Sergipe (1890 a 1944)	Analisar saberes elementares aritméticos para o ensino primário em Sergipe, em documentos oficiais, no período de 1890 a 1944.	2016 / UFS	Dissertação
Marcus Aldenison de Oliveira	A Aritmética Escolar e o Método intuitivo: Um novo saber para o curso primário (1870-1920)	Analisar as dinâmicas de reorganização da Aritmética do curso primário em tempos da pedagogia intuitiva	2017 / Unifesp	Tese

Fonte: Elaborado a partir Banco de Teses e Dissertações da Capes. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 13/10/2017.

Por estudarem as transformações políticas ligadas à educação, revendo os discursos de governo e diretores de ensino sergipano, os referidos autores deste quadro ajudaram, de forma especial, na compreensão dos embates entre os discursos e a efetivação do método intuitivo em Sergipe. Nota-se que os diretores da Instrução Pública de Sergipe, no período de 1890 a 1930, por mais que utilizassem ações performáticas diferenciadas, tinham os mesmos objetivos, mediante os quais pretendiam uniformizar o ensino em todas as escolas primárias, introduzir o método intuitivo como sugerido pela legislação.

Para além destas interpretações sobre o método intuitivo, outros resultados de pesquisa sinalizaram que no Brasil circularam pelo menos três acepções distintas de método intuitivo nos moldes de Pestalozzi, Buisson e Calkins (SCHELBAUER, 2003, 2006; VALDEMARIN, 1998, 2004). Para não fugir das pretensões desta tese, sugere-se que as diferenças entre as três acepções de método intuitivo possam ser lidas em: Peri Mesquida (2016), que anunciou as diretrizes pedagógicas do método intuitivo em Pestalozzi; Maria Helena Câmara Bastos (2013), que mostrou como Buisson pensava o método intuitivo; Gladys Mary Teive Auras (2007), que apresentou as lições de coisas de Calkins como correlato de método intuitivo.

Dentre os estudos acerca do método intuitivo, destacam-se diversas pesquisas produzidas por Valdemarin (2004, 2006, 2010), Souza (2005, 2008), Bastos (2000, 2010, 2013), Hamdan (2007) e Oliveira (2015). As análises realizadas por estes autores trazem a compreensão de que o método deveria abranger todo o programa educacional e não um assunto específico. O método intuitivo requeria dos professores mais recursos intelectuais, mais presença de espírito, mais vontade de ensinar, ou seja, um contínuo aprimoramento do saber.

Todas essas referências bibliográficas ofereceram informações que permitiram construir a hipótese inicial desta investigação, afinal ninguém começa a fazer uma pesquisa sem um prévio conhecimento sobre aquilo que se quer saber. E a pesquisa histórica, que anseia conhecer o passado de um ponto de vista científico, não foge à regra.

1.7 Escolhas teóricas metodológicas

Antes de avançar, faz-se necessário descrever o quadro teórico que orientou esta investigação. Julga-se que o aporte teórico-metodológico aqui adotado permitiu caracterizar a difusão do método intuitivo em Sergipe, entre 1890 e 1930, e a construção do repertório cultural dos professores da escola normal em defesa por esse método.

Em termos deste aporte, sobressaem as categorias (ações performáticas e repertório cultural) utilizadas para acompanhar as dinâmicas de reorganização do ensino primário em Sergipe e as discussões dos professores em textos impressos. Sabendo disso, cumpre dizer que a construção teórica do objeto desta investigação ocorreu com a utilização de dois métodos⁷ de pesquisa: o método de exploração e o método de exposição. O método de exploração caracterizou-se pela seleção dos documentos que foram transformados em fontes e suas análises, sob o auspício da(s) teoria(s), em síntese: o método de exploração pode ser compreendido como sendo um processo de pesquisa que vai da coleta de documentos à análise, findando na divulgação dos dados. Já o método de exposição caracterizou-se pela sua função crítica dos dados das análises.

Ao notar as discussões sobre o método intuitivo no estado de Sergipe, pelos professores da Escola Normal, os diálogos e de sugestões de leitura auferidas da orientadora, como encaminhamento para a descoberta de um conceito sobre a estruturação e metodologia que conduziria o estudo, chegou-se à leitura dos estudos de Faria Filho (2012) e Alonso (2012), os quais aproximaram a pesquisa ao conceito de repertório cultural. Os professores desta pesquisa e suas práticas discursivas fizeram com que a ideia de repertório cultural fosse incorporada por mim para a produção de análises dessa tese. Assim, os estudos de Charles Tilly (2010) e Ângela Alonso (2012), bem como as interpretações de Faria Filho (2012), auxiliaram na compreensão sobre o repertório cultural, que é aqui entendido como um conjunto de recursos intelectuais, ideias e práticas, disponíveis numa dada sociedade e em certo período de tempo, que são

⁷ A partir do ponto de vista teórico, também defendido por VALDEMARIN (2004, 2010a), foram delimitados os métodos de pesquisa desta tese.

aprendidos, compartilhados e colocados em prática por meio de um processo de escolha relativamente deliberado. Para Alonso:

Os repertórios funcionam como “caixa de ferramentas”, às quais os agentes recorrem, selecionando recursos, conforme suas necessidades de compreender certas situações e de posicionar-se diante delas. Trata-se de um complexo de visões de mundo, de formas de pensar e de formas de agir empregadas pelas pessoas em diferentes configurações para definir e construir linhas de ação. (ALONSO, 2012, p. 40).

Deste modo, o conceito de repertório cultural assume especial importância neste estudo, porque chama a atenção para a forma como os atores elaboraram a sua compreensão das situações e construíram alternativas para superá-las. Acredita-se que o repertório cultural pode traduzir a forma pela qual um grupo de professores da Escola Normal teria mobilizado seus pares para disputar lugar de prestígio na esfera pública e divulgar suas ideias ante a estrutura política educacional de Sergipe. Isso pode ser identificado nas práticas discursivas que enfatizam a necessidade de racionalizar os processos educativos, aspectos presentes nos termos de visita dos inspetores e nas atas do Conselho Superior da Instrução Pública. A opção por este referencial teórico foi fundamental para capturar as dimensões não tão visíveis, mas presentes nas fontes sobre a Instrução Pública sergipana que tratam da difusão do método intuitivo.

É importante frisar que esta pesquisa não pretende reproduzir os discursos dos professores, mas ir além, pois busca se a construção de um pensamento crítico acerca das posições e interações dos sujeitos, seus processos e performances construídas para divulgar suas ideias que, por sua vez, mostravam-se caracterizadas como mudanças necessárias para a organização do ensino. Assim, suas contestações serão entendidas a fim de uma observância da dinâmica de articulação em seus vários grupos. Interessa indagar até que ponto suas disputas, dramas, conexões e performances, tanto em termos espaciais quanto teóricos e políticos, contribuíram para a difusão do método intuitivo em Sergipe. Suas atividades intelectuais podem mostrar os esforços que esses sujeitos mantiveram para se confirmarem em lugares de prestígio. Como afirma Faria Filho (2012, p. 15), “[...] os repertórios culturais constituídos por [...] sujeitos apresentam um complexo de hábitos, habilidades e estilos, de visões de mundo, formas de pensar e formas de agir empregados pelas pessoas em diferentes configurações para definir e construir linhas de ação”.

É válido ressaltar que este estudo trabalha com a última geração de textos publicados por Charles Tilly (2010), o qual defende a ideia de repertório e performance, em que os sujeitos defendem seus conceitos de forma temporal, condicionados a construir seus desempenhos para se manterem em seus lugares de prestígio. Visto que um dado sujeito pode, em determinado

tempo, pertencer a um grupo e defender uma ideia ao longo do tempo, e com isso mudar suas estruturas de oportunidades. Esta compreensão se tornou mais aberta para a presente pesquisa, pois, como se trabalha com práticas discursivas, é importante perceber o que se almejava com estas performances.

Como desdobramento desta perspectiva, Alonso (2012) destaca a dinâmica das performances ligadas aos interesses e conexões dos sujeitos. A autora revela que a continuidade e o imprevisto fazem parte de uma estratégia, levando em conta que, no interior de um limitado conjunto de repertório, os atores escolhem quais peças irão encenar aqui e agora, e em qual ordem. Esta última abordagem *tillyana* dos repertórios e performances privilegia os confrontos e os improvisos, interpretando a capacidade dos atores em selecionar e modificar as performances de um repertório para ajustá-las a programas, circunstâncias e tradição locais, isto é, ao contexto de sentido daquele grupo, naquela sociedade e naquela época. Assim, vê-se os repertórios culturais como compostos por conhecimentos, habilidades e símbolos, que funcionariam como caixa de instrumentos, nos quais os agentes selecionam os seus e lhes atribuem sentidos próprios ao montar suas estratégias de ação (ALONSO; ARAÚJO, 2004).

Se, inicialmente, buscava-se saber a difusão do método intuitivo em Sergipe, agora a tese complementa sua propositura com a análise do repertório cultural constituído pelos professores da Escola Normal e a partir da defesa pelo método intuitivo em seus escritos. Neste sentido, identificar as ações performáticas permitirá postular como esses sujeitos interpretaram o método intuitivo em suas publicações.

Tais estudos ajudam a relacionar o conceito de repertório cultural ao objeto de pesquisa, pois ajudam a mostrar as conexões estabelecidas entre eles, percebendo os aspectos culturais, os espaços simbólicos do grupo e seus mecanismos de funcionamento e estratégias para alcançar a hegemonia política e cultural em certos momentos. Permite, ainda, a análise de como pensaram e inseriram em suas publicações a concepção do método intuitivo. Logo, essa análise permite outra maneira de compreender a estrutura social ou, talvez, saber a recíproca das estratégias e mecanismos de trabalho desse grupo de professores.

É por meio das práticas discursivas que este estudo se caracteriza como uma pesquisa documental, de cunho historiográfico, atrelada ao campo da História da Educação, logo, pode ampliar a compreensão acerca das ações performáticas e do repertório cultural sobre o método intuitivo em Sergipe de 1890 a 1930. Partindo deste preâmbulo, foram utilizadas fontes adequadas aos seguintes procedimentos metodológicos:

1. Bibliográficas – Levantamento e leitura de textos para aprofundar e ampliar os estudos sobre as temáticas relativas ao repertório cultural e ao método intuitivo.

2. Documentais e Periódicos (Jornais, Manuais, Programas de ensino, Atas do Conselho Superior da Instrução Pública, Relatórios de Diretores da Instrução Pública, Termos de Visita) – Essas fontes foram pesquisadas em centros de documentação, tais como a Biblioteca Pública Epifânio Dórea/SE; o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IGHSE); o Arquivo Público do Estado de Sergipe (Apese). Os documentos de interesse da pesquisa tiveram seu conteúdo fichado e fotografado de acordo com a situação física do acervo. Desta forma, o método intuitivo em Sergipe entre os anos de 1890 e 1930, inserido na linha de pesquisa Educação e Formação Docente da Universidade Tiradentes, do Programa de Pós-Graduação em Educação, pode tornar visível o repertório cultural e as ações performáticas pela difusão do método intuitivo no estado de Sergipe, durante o período em tela.

A organização dessa história ficou por conta do método de exposição. Na forma de narrativa tramada, em cinco seções que compõem esta tese, foram escritos a partir das interpretações dos dados coletados. Assim, na primeira seção, apresenta-se a introdução do trabalho, delimitando todo o esboço e escolha da temática da pesquisa, na segunda seção busca-se conhecer como estava sendo divulgado o método intuitivo no Brasil e em Sergipe, percorrendo a materialidade dos manuais publicados no período de 1890 a 1913, tendo em vista o repertório cultural utilizado para a difusão desse método, bem como a concepção que tinham do modo de aprender e ensinar a partir dos manuais de ensino dos professores da Escola Normal sobre o método intuitivo.

Como contraponto, na terceira seção, examinou-se como o método intuitivo foi configurado, em Sergipe, por meio das conexões, performances e conflitos presentes em determinado grupo para a publicação de impressos em jornais, regulamentos e programas de ensino para as escolas primárias do estado entre os anos de 1912 a 1917, evidenciando suas disputas em jornais da época para difusão de seus ideias e modos de pensar sobre o método intuitivo.

Alinhada às querelas e termos de disputas travadas pelos professores escolhidos nesta pesquisa, na quarta seção analisou-se as performances dos professores, por meio dos conflitos e das disputas em suas ações administrativas e pessoais, situando a passagem do método intuitivo para os preceitos do método ativo e a dificuldade de aplicá-lo nas escolas primárias de Sergipe, no período de 1917 a 1930.

Nas considerações finais, buscou-se apresentar se houve variação de interpretação e reemprego sobre o método intuitivo em Sergipe, bem como quando acabaram os embates e as publicações.

2 “DO SEIO DA REALIDADE À EXPRESSÃO DE SUA NATUREZA”: O MÉTODO INTUITIVO NO BRASIL E EM SERGIPE

O ensino intuitivo condena as nomenclaturas. Foge de tudo quanto é arbitrariamente convencional e formalístico. Repudia as noções a priori. Não tem por fito sortir a mente da criança de uma provisão, mais ou menos copiosa, de informações a respeito das coisas reais, mas educar-lhe as faculdades no hábito de desentranharem, com segurança. Do seio da realidade à expressão de sua natureza e das suas leis. Circunscreve a parte catedrática, didática, expositiva da missão do professor. Restitui aos fatos, diretamente consultados pelo aluno, a parte preponderante, que lhes cabe, na educação do homem (BARBOSA, 1886, p. XI).

“Do seio da realidade à expressão de sua natureza” é uma expressão retirada da obra *Lições de coisas*, traduzida por Rui Barbosa, com o intuito de conhecer como estava sendo divulgado o método intuitivo em Sergipe. Esse método passou a ser defendido ainda na década de 90 do século XIX, mas foi no final dela que foi efetivamente adotado na capital. A partir daquele momento, quando o método simultâneo⁸ passou a ser duramente criticado por seu caráter mais disciplinador do que instrutivo e também pela realidade em que se encontrava a instrução em Sergipe, é que um novo método passou a fazer parte dos discursos dos presidentes do estado e dos diretores de ensino: o uso do método intuitivo.

Ao passo que o método simultâneo foi apontado como não mais adequado para a realidade sergipana, estava visível para os administradores de Sergipe que a população necessitava de uma escola que fosse capaz de transmitir os ditames da República. Deste modo, era urgente retirar práticas, organizar e uniformizar as escolas normais. E para que esta nova forma fosse discutida e enraizada, seria preciso adotar um método condizente com a necessidade de Sergipe.

Segundo esta proposta de readequação, a instituição escolar recebeu a adoção do método intuitivo como uma solução para resolver os problemas da Instrução Pública primária de Sergipe. Na verdade, o método foi indicado para ser aplicado nas escolas primárias como disciplina “Lições de Coisas”, institucionalizada por meio de Decreto de 14 de março de 1890. Contudo, esse método já vinha sendo divulgado no Brasil desde 1881, inclusive com a presença das Conferências Pedagógicas dos professores primários, ocorridas no Rio de Janeiro em 1873.

Esse decreto foi um documento que regulamentava os espaços e os tempos das aulas, o ofício do professor e a didática das escolas primárias. Além de determinar estas medidas, o

⁸ O método simultâneo superou o método individual de ensino, em que o professor atende individualmente um aluno por alguns minutos. Porém, trazia como consequência o tumulto em sala de aula, prejudicando o aproveitamento da disciplina. La Salle adotou o método simultâneo de ensinar quando a maioria dos educadores de seu tempo ainda se utilizava do método individual. Ver o trabalho de (SIQUEIRA, 2006).

documento ainda uniformizava o currículo para a adoção do método intuitivo. Por esse decreto, o ensino passava a ser intuitivo, obedecendo às suas idades e ao grau de conhecimento de cada aluno. Esse método teve vigência em Sergipe até o início da década de 1930, quando um outro método passou a ser defendido, o ativo.

A base do método intuitivo, pelos professores objeto, desta pesquisa citava Pestalozzi (1746-1827), evidenciando uma proposta metodológica de ensino acompanhada de exercícios de linguagem para se chegar às ideias claras, caracterizando-se por oferecer dados sensíveis à observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando por este caminho aos conceitos abstratos. Daí a ênfase dada por Pestalozzi ao contato direto com a natureza e à observação da paisagem, mediante a valorização da excursão e do trabalho de campo como pressupostos básicos do estudo. A concepção desse método defendia uma educação não repressiva, dedicando sua atenção ao ensino como meio de desenvolvimento das capacidades humanas, como cultivo do sentimento, da mente e do caráter, obtidas pela relação homem-natureza. Esta conhecida relação já havia sido referenciada por Rousseau (1712 – 1778), importante filósofo, teórico político, escritor, compositor e autodidata suíço.

Em Sergipe, as discussões sobre o método intuitivo aconteciam entre os sujeitos de trânsito de informação e posições, os quais estavam em funções administrativas incutia suas performances para a legitimação desse método. Tais sujeitos viajavam, liam a respeito desse método, discutiam com seus pares sobre os acontecimentos e a implantação dele em outros países. Com isso, criaram seus próprios modelos para difusão do método intuitivo em Sergipe.

Para Nunes (2008), em Sergipe, se tem evidências de que esse método passou a circular de forma imprescindível pelos professores da Escola Normal a partir da edição do Decreto do dia 14 de março de 1890, pelo presidente do Estado, Felisbelo Freire (1858 – 1916), do qual se apreende que: “Em 1890, o ensino primário estruturado abrangia Lições de Coisas, Língua Nacional, Aritmética e Sistema Métrico, Geometria Prática, Ciências Físicas e Naturais, Geografia e História do Brasil, Desenho Linear, Canto, preceitos Gerais de Higiene e Exercícios Físicos. Nas escolas femininas, ainda se ensinavam Trabalhos Domésticos e Corte de Padrões” (NUNES, 2008, p. 189).

Nesse início, pode-se dizer que, ao que tudo indica, o método intuitivo passou a ser prescrito no estado em 1890. Contudo, no documento não havia detalhamento sobre o conceito de método intuitivo, enfatizava apenas que o método deveria ser o de Calkins. A partir desta citação, é notório o distanciamento que se fazia ao método, visto que, no que tange à organização das disciplinas, os sujeitos da época, tratava o método como uma disciplina em separado. Ainda nesse decreto, não foi possível encontrar um detalhamento de como deveria

acontecer o ensino, mas pela forma como estava disposto na Lei n. 5 de 1891, as matérias foram propostas em forma de lições.

Vale ressaltar que nas próximas páginas será apresentada a apropriação do método intuitivo no Brasil e em Sergipe, nas quais foi possível realizar um panorama do repertório cultural dos professores da Escola Normal - e de como compreenderam a essência desses métodos em seus manuais de ensino, buscando evidenciar as aproximações destes com a obra de Calkins e os preceitos do método intuitivo.

2.1 O método intuitivo e o projeto de nação republicana no Brasil

Os problemas educacionais a desafiar os governantes. Crescera a matrícula das escolas públicas primárias, alcançando, em 1900, 6.831 alunos. Aumentara o número de escolas primárias, sem qualquer planificação; eram criadas cadeiras para serem, em seguida, supressas ou transferidas de sede, movimentos quase sempre sob pressão dos chefes políticos interioranos. Era precária a situação material dos prédios escolares, sendo raros os próprios do Estado. Faltava material escolar; até mesmo cadeiras para os estudantes se sentarem, estavam substituídas por “cadeiras de pé de pau” (NUNES, 2008, p. 209).

Esta citação permite compreender a situação das escolas primárias de Sergipe nesse período em tela. O texto de Nunes (2008) enfatiza que Sergipe era rico economicamente no período de 1890 a 1900, sendo considerado grande produtor de açúcar no comércio internacional, no qual funcionavam 600 engenhos, sendo 200 a vapor, com uma produção aproximada de 800.000 sacos anuais; contudo, colocava as escolas primárias para atender interesses políticos puramente locais, elevando a preceptores da infância indivíduos sem competência para exercer o magistério, colocando o desenvolvimento educacional de Sergipe como um centro de operações políticas (NUNES, 2008. 201). Logo, essa citação ajuda a entender o porquê de as escolas primárias estarem em precárias condições.

Em contraste a esta realidade, imbuídos do ideal de civilização e progresso, alguns homens brasileiros do século XIX se serviram de práticas culturais europeias, principalmente oriundas de países como a França e a Inglaterra, para fazerem alterações na realidade social brasileira. Esses países passaram a ser referências em termos de instrução para o povo. Um exemplo do que era considerado prática cultural nesses países era a questão do método de ensino aplicado nas escolas primárias e a ampliação deste ramo de ensino para toda a população. Ao olhar para o Brasil da época, os homens que estavam nos quadros administrativos construíram a imagem de um país atrasado, comparado com os europeus, sem civilização e que necessitava de interferência. Na ótica dos administradores, este caminho seria a escola.

A saber que o método intuitivo se originou na Suíça e, ao longo do tempo, foi sofrendo transformações, os seguidores desse método vão o moldando de acordo com a necessidade. Dessa forma, cada lugar se apropriou desta concepção ao seu modo, às vezes pela estrutura política que lhe era permitida, ou por realizar leituras de textos traduzidos sobre o próprio método. Ao cruzar as fronteiras do Brasil, esse método trouxe consigo uma reinvenção sobre a escola. Neste sentido, esta seção delimita minhas impressões por meio da leitura da legislação educacional de Sergipe. Para isso, foi preciso esboçar o que dizem os documentos que vislumbravam a regulamentação da Instrução Pública primária em Sergipe, levando-se em consideração que o repertório utilizado por esses professores dessa pesquisa foi resultado da redefinição das normas de competência institucional impostas pelo Ato de 1834.

Segundo Schueler (1997), esse ato atribuiu às províncias o dever de legislar, organizar e fiscalizar o ensino primário e secundário, restando ao governo central, por meio da pasta do Ministério do Império, a gestão de ambos os graus na Corte e do ensino superior em todo o país. Não diferente foi a Constituição de 1891, segundo a qual cabia aos estados e municípios a tarefa de criar e desenvolver o ensino primário e secundário, competindo à União a responsabilidade pelo ensino superior, além do ensino primário e secundário na capital do país.

Esse método ganhou notoriedade, tendo a participação, em sua divulgação e aperfeiçoamento, dos seguintes filósofos: Basedow, Campe, Pestalozzi, Bacon, Locke, Hume, Rousseau, Rabelais, Comenius, Froebel, dentre outros (SOUZA, 2006). Enfatizando a valorização da intuição, a criança, por esse método, deveria aprender as diversas matérias a partir da experimentação e manipulação de objetos. O professor introduzia seus conteúdos estimulando os sentidos da criança, seja com perguntas, observação de imagens e objetos, música ou aula de campo.

Na tentativa de construção da resposta à hipótese desta pesquisa, percebeu-se que na década de 1870, no Brasil, já se exaltava a importância desse método, inclusive como apontam os estudos de historiadores da educação brasileira, tais como Hilsdorf (1977), Schelbauer (2005) e Nascimento (2007), os quais evidenciam que inicialmente o método intuitivo circulou no país por meio das escolas privadas fundadas pelos missionários presbiterianos, a exemplo da Escola Americana, instalada em São Paulo na década de 70 do século XIX. Ao transitar das referências para as evidências, identificou-se que em 1872 algumas teses defendidas nas primeiras Conferências Pedagógicas do Rio de Janeiro sinalizaram o uso do método intuitivo para o ensino das matérias da escola primária.

Não demorou muito para se perceber que o material escolar destinado ao aluno era incapaz de atender às indicações do ensino intuitivo, por isso há um crescimento de publicações

de manuais de ensino explicando como cada professor deveria direcionar suas aulas. Eram manuais diretivos sobre a determinação das disciplinas, organização didática e principalmente seleção de livros que poderiam ser adotados.

Antes mesmo da Primeira República (1889 – 1930), os intelectuais da época vinham articulando uma reformulação da legislação ante a Instrução Pública, buscando um modelo que pudesse se adequar à realidade brasileira. Contudo, seguiam analisando o repertório europeu como base para a construção de seus projetos de Brasil (FARIA FILHO, 2012). A tarefa de fixar uma ordem para os ditames educacionais devia anunciar uma solução para a organização ações performáticas de escolas públicas, adotando um plano comum em todos os demais estados. Os discursos dos intelectuais permitiam olhar para a estruturação da escola em relação aos funcionários, matérias, contratação e concurso de professores, inscrição e matrícula dos alunos, tempo letivo escolar, regime das aulas, frequência, exames, disciplina dos alunos, da congregação, do pessoal administrativo. Dentro destes instrumentos de organização vem, em pauta, o método de ensino intuitivo.

Mas, segundo Saviani et al. (2006), é exatamente com a reforma Leôncio de Carvalho, decretada em 19 de abril de 1879, que se deixa a via do ensino simultâneo, por meio da Reforma Couto Ferraz, sinalizando a direção para o método intuitivo. Em seu artigo 9º, esse decreto institucionaliza que no programa da escola normal, bem como no componente disciplinar das demais disciplinas, fosse incorporado o método intuitivo no programa das escolas primárias (SOUZA, 2006). Seus principais objetivos estavam pautados nas correntes filosóficas da época, que sinalizavam para uma escola que pudesse moralizar, civilizar e consolidar a ordem social. Essa reforma implicou na criação de espaços apropriados, escolas com várias classes, vários professores, cada um responsável pela sua cadeira, permitindo, assim, a adoção de uma forma escolar caracterizada por tipos de relações sociais tramadas com práticas de escrita e/ou tornadas possíveis pelas práticas de escrita e pela relação com a linguagem e com o mundo que lhes fosse indissociável (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Para a normatização desta organização pedagógica e para o formato de escola que se pretendia, seria necessário estabelecer uma classificação uniforme, em função da idade e, acima de tudo, o máximo de conhecimento que se deveria ensinar aos alunos durante o ano letivo. Assim, surgiu a distribuição das disciplinas e dos conteúdos, além da determinação do método de ensino a ser apropriado.

Na concepção do método intuitivo, o aluno adquiriria uma aprendizagem menos cansativa, menos decorativa e mais prática, partindo do mais simples para o complexo ou do geral para o particular, em outras palavras, do conhecido para o desconhecido. Os critérios

estabelecidos por esse método permitiam a racionalidade, sequência e ordem no emprego do tempo, fixando assim uma jornada escolar: início e término das aulas, estabelecendo uma ordem nos ritmos, intervalos e descansos, os períodos de ocupação e descanso dos professores, a divisão dos conteúdos em disciplinas e em classes, lições e exercícios. Buscava-se, conforme Carvalho (2003), selecionar um conjunto de saberes próprios, a cultura literária, científica, técnica, artística e doméstica, considerados como conhecimentos úteis à vida, favorecendo uma visão mais racional do mundo, a fim de modificar hábitos e condutas.

O movimento de renovação educacional e do método intuitivo foram incorporados, no Brasil, com base em discussões que aconteceram em países da Europa, como, por exemplo, na Alemanha e na Suíça, e também nos Estados Unidos. Em meio à luta pela representação, não diferente do que ocorreu em outros países, entendeu-se que a educação por meio do ensino intuitivo promoveria o progresso da nação brasileira. As reformas de educação se iniciaram no estado de São Paulo a partir das correntes filosóficas que defendiam a aprendizagem por meio da experiência, nas quais o ensino deveria servir-se mais de coisas e menos de palavras. Valdemarin (2004) obteve a informação de que as correntes filosóficas que circulavam naquele período eram baseadas nas leituras de Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant – a aquisição do conhecimento pela razão, pelas ideias inatas –; e de Rabelais, Montaigne e Bacon – o empirismo, corrente que enxergava a percepção sensorial ou a experiência como fonte do conhecimento, e que não admitia a existência de ideias inatas (VALDEMARIN, 2004, p. 123).

A crença na eficácia do método intuitivo estava indissociável da função de como a criança aprende por sua própria iniciativa e não somente do quanto a ela deve ser ensinado. Na escola primária orientada pela Pedagogia moderna, o conceito tradicional de ensinar a criança a ler, escrever e contar, foi substituído pela pedagogia do fazer a criança ler, escrever e contar. Esta virada pedagógica tocou na estruturação dos conteúdos de ensino⁹ e, por consequência, dos saberes escolares. Além deste conceito, outro – não menos importante – deve merecer especiais cuidados dos professores: “preocupem-se eles mais com a qualidade das lições, que com a sua quantidade” (ANDRADE, 1912, p.56). Efetivamente, o como se ensinava, não o quanto se ensinava, deveria ser o ideal educativo da escola moderna. Tratando-se de qualidade

⁹ Que se entende por conteúdo de ensino? Tudo o que comporta método, saberes, saber-fazer, relações de valores; que altera as maneiras de agir, de pensar, de comportamento; que é objeto de ensino e aprendizado de uma matéria ou disciplina escolar pode ser denominado de conteúdo de ensino (DAUNAY, REUTER, THÉPAUT, 2013). Em poucas palavras: o conteúdo de ensino se caracteriza por um conjunto de elementos que o aluno deve se apropriar a fim de transformar e enriquecer suas ações, sendo o saber um desses elementos. OLIVEIRA (2017) apud DAUNAY, Bertrand; REUTER, Yves; THÉPAUT, Antoine. (Éds.). **Les contenus disciplinaires**: Approches comparatistes. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

do ensino, cumpria que se proporcionasse aos filhos do povo um aprendizado capaz de os tornar aptos para exercerem sua atividade no espaço social. Com a introdução do método intuitivo, entrou em cena a preocupação com a qualidade do ensino e não a quantidade. Neste contexto, a escola primária assistia ao seu ideário sendo mudado pela Pedagogia moderna.

Nas primeiras décadas republicanas, os conteúdos da escola primária foram redefinidos no Brasil em função das novas finalidades atribuídas à população pela Pedagogia moderna. Disciplinas foram introduzidas, como: ciências físicas e naturais, história, geografia, música, geometria, instrução moral, educação física, desenho, instrução cívica e trabalhos manuais. A presença dessas disciplinas deu destaque à modernidade e variedade de aparelhos, recursos didáticos e manuais, enaltecendo o emprego do método intuitivo. Vista de modo geral, a tendência pela utilização do método intuitivo nas disciplinas dominava o sentido prático, conduzido pela via de aplicação e o desenvolvimento da inteligência.

Ou seja, desde os primeiros vultos de apropriações do método intuitivo no Brasil, pensou-se na organização de material escolar que permitissem noções indispensáveis para uso na vida comum. Estava-se requerendo material escolar que fizessem as crianças adquirirem os saberes pela prática de exercício e não pela decoração de teoria; material que atendessem à compreensão e não à memorização. Acompanhe-se mais outro exemplo, da instrução escolar do Rio de Janeiro:

A reforma dos compêndios do ensino é, porém quanto a nós a magna questão, que demanda acurado estudo e requer mais largo espaço, para ser convenientemente estudada e discutida. [...]. Os compêndios elementares, adotados pela instrução pública, sucedem-se quase anualmente. O livro adotado em um ano deixa de sê-lo em outro. O aluno quase não chega a terminar o estudo de uma matéria pelo compêndio que começou; sem que essa contínua mudança traga muitas vezes consigo melhoramento no método do ensino. [...]. Gravar na memória da criança a lição sem obrigá-la a decorar, levá-la ao conhecimento das coisas antes pela prática do exercício que pela teoria dos compêndios, atender mais à compreensão que à memória, são a nosso ver as bases primordiais de um ensino sólido e proveitoso, [...]. (RIO DE JANEIRO, 1876, p. 198).

A chegada do método intuitivo, em Sergipe, tem mostrado as performances em favor da incorporação dos modelos pedagógicos propagados nos demais estados brasileiros, sobretudo os que eram divulgados em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, na Bahia e outros. O relatório apresentado ao presidente do estado, o Dr. General José de Siqueira Menezes, escrito por Helvécio de Andrade, quando era lente da Escola Normal de Aracaju, sobre o 3º Congresso de Instrução Primária e Secundária ocorrido na Bahia em 20 e julho de 1913, assim ressalta:

Hoje em São Paulo e Minas, os fundamentos físicos e psicológicos do método e, sobretudo, as demonstrações práticas do talento e entusiasmo sobre o ensino das coisas pelo método intuitivo mostram o caso, provocando a aprovação das comissões de ensino pelo uso da leitura analítica (ANDRADE, 1913, n. p.).

Nesse congresso, foram apresentados quarenta e seis trabalhos sobre o ensino primário e a preocupação de como se utilizar do método intuitivo nas práticas de ensino, informando quais os recursos didáticos deveriam ser adquiridos para a prática do ensino intuitivo. Ainda sobre esse congresso, Helvécio de Andrade escreveu que já haviam sido feitas várias reformas, porém nenhuma com êxito:

[...] tentativas sérias de reformas antes da reforma do ensino de 1911, no sentido de salvar a instrução do descrédito [...] matrícula, frequência, mobília e material escolar, disciplina, horário, nada atendido, nada considerado. De método, nem sombra; e o de algumas mais zelosas revelava o atraso pedagógico em que vivíamos, alheios inteiramente e, teoria e prática ao movimento atual da arte de ensinar [...]. Exceções havia, mas bem raras, reconheço e proclamo como um tributo de respeito a esses velhos professores sergipanos que, embora escravos de processos anacrônicos, cumpriam, todavia, o seu dever, com lealdade (ANDRADE, 1913, p. 4-5).

A escrita de Helvécio de Andrade (1913) clarifica as tentativas de implementar o método intuitivo, visto que por mais que se chegasse à informação sobre a prática do método, pouco se sabia, por parte dos professores, sobre como utilizá-lo em suas aulas e, quando eles sabiam, não se tinha material suficiente para tornar suas aulas mais práticas. Para a compreensão deste processo, as autoras Nunes (2000), Carvalho (2003) e Schueler (1997) permitem um esboço acerca do florescimento de ideias estrangeiras, por vezes norte-americana e europeia, disseminadas no Brasil, a fim de construir um modelo para as escolas primárias. Por meio dessas leituras, observou-se a contribuição dos professores Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima da Escola Normal, sujeitos esses que fizeram das estruturas de oportunidades a possibilidade de disseminar a relevância do método intuitivo, objetivando propagar práticas de organização escolar.

A fim de estruturar a recepção e difusão desse método em Sergipe, Helvécio de Andrade explica, em 15 de agosto de 1913, a seguinte propositura:

Há ainda uma terceira causa: a falta de escola dos inspetores gerais, que procuram vencer as dificuldades pelo estudo, estado de grande alcance, mas insuficiente, sem a prática necessária, tão certo é que – é preciso praticar para bem fazer. Cabendo-lhes a fiscalização das escolas e da sua obediência aos programas e horários, cabe-lhes também o mais importante – iniciar e desenvolver os professores na prática fecunda do método intuitivo. (ANDRADE, 1913, p.12).

A presença dos inspetores pretendia vigiar e orientar os professores do ensino primário, baseando-se no que constava nos regulamentos de ensino e nos programas de ensino, ficando incumbidos da responsabilidade de uniformizar a Instrução Pública de Sergipe. O trabalho dos inspetores auxiliava na normatização das práticas pedagógicas dos professores e, como ação performática, os intelectuais da época publicavam textos sobre o método intuitivo. Alonso (2012) explica o conceito de estrutura de oportunidades e ameaças políticas, principalmente as relações de força entre as autoridades (grupos ocupando cargos no Estado) e os desafiantes, que se encontravam do lado de fora.

No caso de Sergipe, os desafiantes teriam de criar ou se apropriar de estruturas de mobilização preexistentes, como associações e redes de relacionamento, que dessem as bases organizacionais para a movimentação. Seus objetivos de publicação pretendiam dar conta de um modelo que se adequasse à formação de sujeitos, atrelados a uma nova forma de se pensar a sociedade. Estava em voga falar sobre a rotina escolar, o mobiliário, os livros, as doenças, os modos dos alunos e os métodos oficiais de alfabetização. Por meio de discursos propagados em manuais, jornais, folhetins, relatórios e regulamentos, buscava-se institucionalizar a escola no Brasil (VALDEMARIN, 2010). Como diretor do Grupo escolar modelo, Balthazar Góes escreveu um relatório sobre os grupos escolares da capital ao diretor da Instrução Pública, o Cônego Francisco Gonçalves Lima, em 31 de julho de 1913, no qual assim relatava:

Aliás, a prodigalidade de coisas para o ensino intuitivo, não contribui somente para facilitá-lo; senão que ainda lisonjeia os sentidos das crianças, fazendo-as melhor suportar o tempo, tendo a atenção sempre despertada pelos objetos circundantes. E é tudo ter sempre acessa essa operação que participa da inteligência e da vontade. Mapas, sólidos, globos, material para trabalhos manuais, tudo isso são incentivos para a criança e instrumentos para o mestre (GÓES, 1913).

As perspectivas por essas mudanças eram muitas, sobretudo, quando se pensava nas motivações políticas, sociais e econômicas que permitiram uma movimentação de ideias para apropriação de uma Pedagogia moderna. Conforme Valdemarin (2006) e Carvalho (2003), os discursos daquela época sintetizavam a difusão das concepções pedagógicas que estavam à frente da Pedagogia moderna, sendo colocada como uma arte de pensar, como uma boa imitação de modelos. Os saberes pedagógicos defendidos pela Pedagogia moderna acionavam a emergência de práticas pedagógicas que referenciavam a necessidade de um ensino intuitivo. Sobre esta ação, o presidente do estado, Dr. Rodrigues da Costa Dórea, no Regulamento da Escola Normal, de 12 de agosto de 1911, sobre o decreto n. 563 defendia que

[...] o ensino na escola normal deveria ter um caráter prático, indispensável ao preparo profissional dos candidatos ao magistério, e para a execução do ensino a Escola teria os livros e os aparelhos necessários às demonstrações práticas. No ensino se adotará sempre o método intuitivo, evitando o lento os processos que sobrecarreguem à memória do aluno ou a excitem o prejuízo das outras faculdades (DÓREA, 1911, p. 6-7).

E é por intermédio dos discursos dos professores de escolas normais que se encontra o modo como eles pensavam sobre a arte de ensinar, cujo segredo seria uma boa imitação de modelos com normas pedagógicas. As performances desses professores permitiriam, além da uniformização, também a institucionalização da escola normal (SCHUELER; MAGALDI, 2009). No Relatório de Ávila Lima enviado ao diretor do ensino, Helvécio de Andrade, em 21 de outubro de 1913, encontra-se que:

O conhecimento da natureza da criança, suas aptidões e necessidades, para fiel desempenho da grande e nobre missão educativa, é tarefa, que ultrapassa a capacidade mental do professorado primário de Sergipe. Os estudos que a moderna pedologia prescreve e recomenda, a todos os que lutam pelo trabalho pedagógico, demandam conhecimentos outros da alta importância, como sejam – de psicologia, de sociologia, de ética, história da civilização, higiene escolar, fisiologia, lógica, biologia, etc., etc. Isto porque um dizer de um erudito pedagogo italiano “a pedagogia não é uma ciência fundamental, mas derivada, porque estuda um aspecto particular da vida social, que se pode separar dos outros aspectos, em virtude da grande importância teórica e prática que tem”. Por tudo isso, que ali fica, o curso normal deve ser ministrado à mocidade com o máximo rigor científico, pois é de tal maneira de ensino que depende toda a competência profissional, todo o progresso educativo (LIMA, 1913, p.3).

Ainda segundo Ávila Lima, em seu Relatório direcionado a Helvécio de Andrade, em 21 de outubro de 1913, propôs que o uso dos materiais didáticos fosse de responsabilidade dos professores, inclusive a sua aquisição.

Compra-os à sua custa, se quer ter bom nome na sociedade, se quer ser preferido, admirado e querido pelos seus semelhantes. Neste caso está o educador ou educadora, que quer ter bom nome, no alto cargo que ocupa. Deve com as suas economias adquirir, quando nada, um quadro negro, um planifério, um livro de lições de coisas, para melhor cumprir seus deveres e merecer a honra e o respeito de seus discípulos e a admiração dos homens de bem (LIMA, 1913, p.4).

Este discurso possibilita pensar sobre a estrutura da escola, a formação dos professores, bem como sobre o ensino e sobre o método. A Escola Modelo, anexa à Escola Normal, era considerada instituição nuclear, colocada como espaço moderno e de variado material escolar importado, contava com prédios apropriados para a função da escola que, na realidade, significavam a criação de bons moldes de ensino. Na Escola Modelo, as normalistas teriam a

oportunidade de colocar em prática e de aprender a arte de ensinar, observando como as crianças eram manejadas e instruídas.

Por meio dessas práticas de organização da vida escolar, era possível observar os procedimentos de vigilância e de saberes pedagógicos acionados nos dispositivos de inspeção escolar. Os relatórios de inspeção produziam a uniformidade necessária à institucionalização da Instrução Pública de Sergipe, pois propagavam um modelo que se pretendia alcançar (NUNES, 2000), tal como se pode observar na escrita de Olympio Mendonça, inspetor do ensino, ao Cônego Francisco Gonçalves Lima, diretor da Instrução Pública do estado, em 6 de junho de 1913.

A organização material das escolas que visitei é a mais primitiva e rudimentar possível. Custa acreditar que em pleno século XX se encontrem escolas desprovidas por completo de mobiliário, e foi o que observei em mais de uma escola. Em certo ponto de vista, fica apenas uma hipótese. Como ensinar pelo método intuitivo sem bancos, carteiras, quadro preto, relógio para regular o horário de trabalho, globo geográfico, matérias para trabalhos manuais, mapas para o ensino de geografia, aritmética etc., manuais de pedagogia e livros escolares para o mestre e alunos pobres, modelos caligráficos, quadros rurais, etc., etc.,?! Tudo isso indispensável no ensino intuitivo (MENDONÇA, 1913, p. 2).

No caso deste trabalho, é possível notar que os relatórios escritos pelos inspetores e enviados ao diretor da Instrução Pública trazem a compreensão de como se testemunhava a tentativa de uniformização do ensino primário em Sergipe. Os relatórios de inspeção são colocados como dispositivos de produção de visibilidade das práticas dos professores da Instrução Primária Pública. O que se observa é que o método estava disposto nos regulamentos da instrução primária, contudo, pela nota de Olympio Mendonça e pelo Relatório de Ávila Lima, observa-se que os recursos didáticos eram insatisfatórios para a aplicabilidade deste método, visto que se faltava tudo.

Foi na década de 1870 que o compêndio passou a perder forças e teve início um novo movimento de produção de livros escolares. Tal movimento se sustentou em dois modelos editoriais nitidamente distintos: os livros didáticos ilustrados e os cadernos didáticos de exercícios e problemas. Apenas foi possível identificar esta constante em Sergipe em 1905, com a publicação do manual de Balthazar Góes – *Apostilas de pedagogia*. E logo em seguida em 1913, com o manual de Helvécio de Andrade – *Curso de pedagogia*. Demorou 35 anos para que Sergipe começasse a lançar manuais sobre o método. Seguindo neste caminho, as próximas páginas evidenciarão a materialidade desses manuais.

2.2 Autores, formatação e a materialidade dos impressos

Mesmo quando, na mão de um professor ou de um escritor, ele não passa de um “instrumento de trabalho”, de uma “ferramenta”, o livro guarda a sua superioridade própria e venerável de veículo privilegiado, de forma pela qual a ideia se materializa e transmite. (WILSON MARTINS, 1996, p. 242).

Sobre esta citação, recorda-se a pergunta: de que é feito um manual de ensino? De certo, de narrativas que mereceram, por parte do autor, tornar-se relatos importantes sobre um determinado período. É feito também de metodologia de ensino adequada ao objetivo de fazer com que as narrativas sejam incorporadas ao universo de conhecimento dos professores. É fato que as metodologias de ensino empregadas no manual didático necessitam de um mecanismo mediador para sua transmissão. Os conteúdos eleitos são inseridos em um suporte que fixa materialmente a narrativa.

A respeito do crescimento de publicações de manuais de ensino, em finais do século XIX e nas primeiras décadas do XX, observa-se que:

Os materiais didáticos difundidos neste período e nestas exposições compreendem, além de mobiliário escolar, caixas para ensino de cores e das formas, gravuras, coleções, objetos variados de madeira, aros, linhas, papéis, etc. em substituição ao velho livro de textos para serem memorizados. Mas, a chave para desencadear a pretendida renovação é a adoção de um novo método de ensino: concreto, racional e ativo, denominado ensino pelo aspecto, lições de coisas ou ensino intuitivo (VALDEMARIN, 2004, p. 104).

A recepção de materiais didáticos para a inserção do método intuitivo nas escolas primárias não ocorreu de forma linear, pois o que se pretendia, nos documentos oficiais, estava distante da realidade encontrada por muitos professores. Porém, não se pode dizer que isso foi um projeto inoperante, visto que mudar a forma de ensinar não acontece de uma hora para outra. Para isso, é necessário um regulamento de ensino que oriente esta prática, recursos didáticos que auxiliem o professor e uma escola que permita a funcionalidade desse método. Assim, para a difusão desse método e dos novos recursos didáticos por ele exigidos seria necessária a compra de manuais que orientassem esses professores.

O que se observa nesse período é o crescimento de publicações sobre o método intuitivo em jornais, programas de ensino e manuais didáticos escritos pelos três professores da Escola Normal dessa pesquisa. Em Sergipe, nota-se uma preocupação ante a formação dos professores, apontando para a necessidade de eles terem guias para conduzir sua prática docente.

Como todo impresso, o manual de ensino passa por um processo de produção no qual estão envolvidas as etapas de projeção, pré-impressão, impressão e acabamento, definidas a partir de um projeto editorial que envolve as decisões de editores e autores e que tomam corpo

a partir do que conhecemos como projeto gráfico. Nele são definidas as características de formato, número de páginas, utilização de imagens, forma de diagramação, uso de cores, tipo de encadernação, acabamento, etc.

Escolheu-se, como primeira análise discursiva, o manual de Balthazar Góes, *Apostilas de pedagogia*, precedidas de *Algumas noções de Psicologia colhidas de bons mestres* (1905), por ser o primeiro manual de ensino a ressaltar o método intuitivo em Sergipe. A cópia que se obteve para leitura foi a de um exemplar existente na Biblioteca Epifânio Dórea¹⁰. A capa deste manual possui branco com preto, com uma diversidade de tipos de letras e em tamanhos variados, mede 12cm x 21cm, prioriza-se o modelo com serifa, sendo que foi dado destaque ao nome da obra com negrito e tamanhos variados, e não possui imagem. Este subtítulo do manual de Balthazar Góes, “Algumas noções de Psicologia colhidas de bons melhores”, propõe ser considerada uma exaltação ao próprio autor, tentando colocar-se num pedestal de valor incomparável, visto que ao finalizar a apresentação deste título deixa evidente que foi coordenada e regida por ele mesmo enquanto professor da Escola Normal. O que se pode notar na capa desse manual são suas experiências profissionais. Em seguida, informa o nome e endereço da tipografia que fez a impressão de seu manual e o ano de publicação. Publicado pela gráfica M. Orosco & Cia, situada na Rua da Quitanda número 38, Rio de Janeiro, 1905.

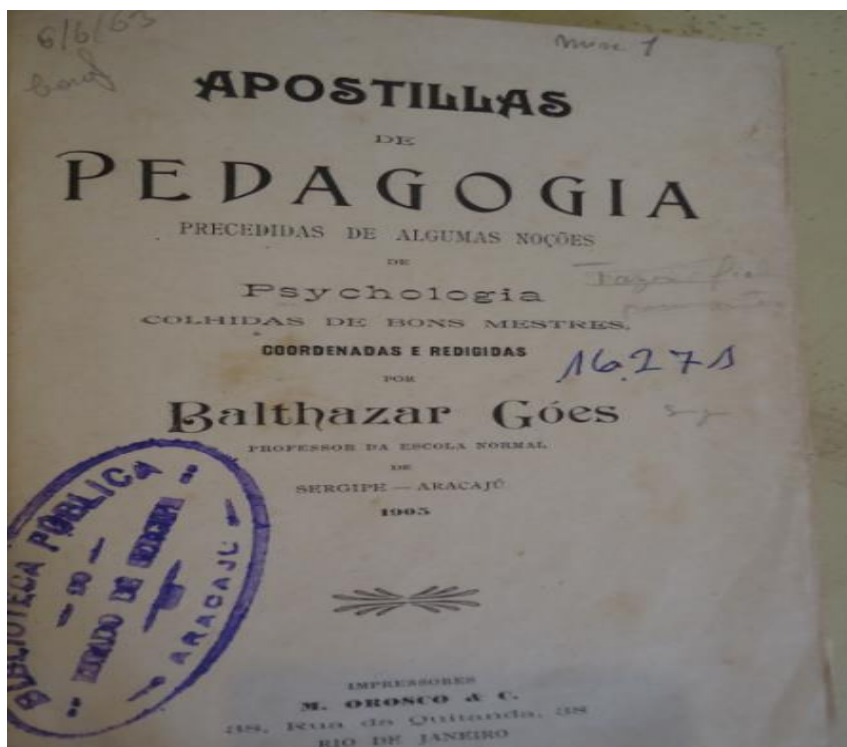


Figura 5 - Capa do Manual de Balthazar Góes
Fonte: Acervo da Biblioteca Epifânio Dórea.

¹⁰ Essa biblioteca fica situada na Rua Vila Cristina, bairro Treze de Julho em Aracaju – SE.

O manual consta de 111 páginas divididas em quatro partes: “Pedagogia e Noções de Psicologia”, com 29 conteúdos, começa a ser paginada a partir da 13 e vai até a página 22, sendo colocada como parte introdutória do livro na seção intitulada “Prolegomenos”; “Educação Física”, com 19 conteúdos da página 23 à 33; “Educação Moral”, com 24 conteúdos da página 34 à 52; e “Educação Intelectual”, com 56 conteúdos da página 53 à 96. Sua encadernação é em brochura e o manual é destinado aos professores e alunas do curso primário da Escola Normal. O comum dessas partes é que todas possuem um sumário e um texto introdutório, e oito páginas de anexo com modelos de formulários sobre o aproveitamento dos alunos, matrícula, caderneta de notas, bilhete de satisfação, diploma e quadro de honra.

Dando seguimento à análise da obra, na segunda página consta uma dedicatória direcionada à Escola Normal com data de julho de 1905 e assinada pelo próprio autor, Balthazar Góes. Na sua terceira página tem o prefácio com uma frase curta “O mais...o mestre”, assinada com o nome “O autor”. Esta necessidade de se apresentar como autor requer uma percepção do lugar em que Balthazar Góes estava e como era respeitável pelos seus pares. Na quarta página ofereceu, dedicou, e consagrou a escrita deste manual às alunas da Escola Normal e particulares, bem como aos seus colegas do magistério público e particular. Esta dedicatória evidencia sua passagem pelos espaços público e privado de Sergipe. As letras presentes nesta página são várias, com destaque para as palavras “Ofereço, Dedico e Consagro estas Apostillas” e, logo em seguida, sua assinatura, todas com letras em negrito e de tamanho variado, com serifa e “Apostila” escrito em letra maiúscula. Como foi possível ele se auto reconhecer como referência de educador para Sergipe? Ele estava evidenciando “seu jogo e resistência” neste lugar de professor e Diretor da Escola Normal, como também Diretor da Instrução Pública que assumia nesse período.

Com relação à estrutura material do manual de Balthazar Góes, seguem duas páginas com o título “Parecer”. Para que seu manual fosse publicado, foi necessária aprovação do Conselho Superior da Instrução Pública, sendo aprovada em 16 de maio de 1902 pelas seguintes pessoas: Doutor José Moreira de Magalhães Severiano Cardoso e Francisco Monteiro de Carvalho Filho. Antes de iniciar as proposições desse manual, Balthazar Góes trouxe o Parecer do Conselho, teceu elogios sobre sua escrita: “é um trabalho utilíssimo; e sua adoção impõe-se. Riquíssimo de proposições sintéticas, ornado de conceitos que muito revelam a erudição do autor, é sobretudo o que se poderia chamar um livro prático, que, por sua vez, nasceu da experiência de longos anos de ensino” (GÓES, 1905). Como astucioso que era, Balthazar Góes fez questão de incluir em seu manual a apresentação do Parecer legitimado pelo Conselho superior da Instrução Pública. Isso fez parte de uma ação performática para que seus colegas

utilizassem seu manual como recurso didático nas aulas do curso normal da Escola Normal de Sergipe, de como aplicar nas aulas os preceitos do método intuitivo.

Ao final da página, traz os nomes dos responsáveis pelo parecer com letra em itálico, e na última assinatura, com o nome Francisco Monteiro, traz um asterisco encadeado para uma nota de rodapé com letra em tamanho menor, informando que esse Parecer foi aprovado unanimemente pelo Conselho. São estratégias que esse professor utilizou para valorizar seu manual.

Todos os capítulos são apresentados com um sumário e um texto introdutório sobre os conteúdos a serem abordados. A cada apresentação de capítulo as letras dos tópicos e subtópicos foram modificadas de tamanho, os tópicos iniciados com letra maiúscula e romana e os subtópicos que expressavam conteúdos ou conceitos com letras em itálico, e o formato da página escolhido foi o de retrato.

É possível notar, ainda, que a estrutura gramatical da obra conserva espaçamentos entre linhas consideravelmente curtos, e hifens para apresentar os diálogos. Quanto ao material da produção, a cor de fundo varia entre o tom cinza e o branco. A capa e contracapa são de cores preta e branca; no restante da edição as letras são em cor preta; sobre a encadernação dos volumes, observamos a resistência do material, que se torna importante para a leitura e manuseio.

A encadernação utilizou-se da cola. O espaço entre linhas é de 1cm, o de parágrafo de 1 cm e o espaço de início de parágrafo é 1,25 cm. As letras apresentam serifa, tanto nas de capítulos quanto do conteúdo. As letras de capítulos estão em negrito e os subtópicos com letra maiúscula e romana em serifa. No desenvolvimento do texto não há tabela e nem quadro. As citações que apresenta são do tipo indireta com asterisco no final da frase e no final da página, com letra em itálico informando o nome do autor e do livro que leu, e algumas vezes, traz conceitos, num total de 28 notas.

Assim, destacamos a materialidade do manual *Apostilas de pedagogia* (1905). Chartier (1990, p. 127) para explicar a materialidade de um livro, indicou dois dispositivos: “[...] os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do autor; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou o impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina [...]”. Foi a partir desse aspecto, que analisou o manual de Balthazar Góes.

Balthazar Góes, ao delimitar a escrita de seu manual, elegeu os seguintes conteúdos apresentados no quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - Conteúdos presentes no manual de Balthazar Góes

Prolegômenos Pedagogia, noções de Psicologia	Parte Primeira Educação Física	Parte Segunda Educação Moral	Parte Terceira Educação Intelectual
<ol style="list-style-type: none"> 1. Pedagogia 2. Sua divisão 3. Psicologia 4. Alma humana 5. Faculdades da alma 6. Sensibilidade 7. Sensibilidade física 8. Os sentidos 9. Sensibilidade moral 10. Sensações e sentimentos 11. Moléstias e paixões 12. Funções psicológicas 13. Vontade 14. Espontaneidade, instintividade 15. Liberdade 16. Volições e atos 17. Inteligências 18. Ideias 19. Operações intelectuais 20. Atenção 21. Percepção-externa, interna, racional 22. Juízo e comparação – juízos primitivos e comparativos 23. Raciocínio – por indução, por dedução, axioma 24. Abstração – ideias abstratas, individuais e gerais 25. Generalização - compreensão e extensão das ideias 26. Memória, retenção, 	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Educação física 2. Primeiros educadores 3. Importância da educação física 4. Meios que serve <p>Secção 1ª</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Meios de conservação 6. Nutrição 7. Habitação 8. Vestuário 9. Exercício 10. Repouso e sono 11. Asseio 12. Abrigo e conservação <p>Secção 2ª</p> <ol style="list-style-type: none"> 13. Meios de desenvolvimento 14. Vista 15. Ouvido 16. Gosto 17. Olfato 18. Tato 19. Órgão do trabalho e locomoção 	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Educação moral – seu objeto e fim 2. Predicados morais do homem 3. Atos, hábito, costumes, caráter 4. Necessidade da educação moral <p>5. Divisão da educação moral –</p> <p>Capítulo I – Educação moral na família</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Educação do berço – quem a inicia; quem pode estudar a alma da criança 7. É preciso educar a mulher 8. Intervenção paterna 9. Regras da educação moral 10. Sistema de Spencer ou das reações naturais 11. Um exemplo de reação natural 12. O absolutismo 13. Castigo físico e prisão – sua improficuidade 14. Vantagens das reações naturais <p>Capítulo II Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> 15. Tirocínio escolar 16. Divisão da educação moral na escola <p>Secção 1ª Educação moral elementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 17. Educação moral – seu programa 18. Regras gerais 19. Listas dos vícios segundo o Cristianismo 	<p>Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Educação intelectual 2. Instrução e educação intelectual 3. Educação comum e profissional 4. O magistério primário 5. Divisão da educação intelectual <p>Capítulo I Didática Introdução</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Didática – sua divisão <p>Secção 1ª Organização material da escola</p> <ol style="list-style-type: none"> 7. A escola primária – questões de sua organização material: I – Local 8. Condições da escola <p>II- Arquitetura</p> <ol style="list-style-type: none"> 9. Condições do edifício <p>III – Móvel</p> <ol style="list-style-type: none"> 10. Peças de móvel <p>IV – Higiene</p> <ol style="list-style-type: none"> 11. Condições higiênicas <p>Secção 2ª Organização interna da escola</p> <ol style="list-style-type: none"> 12. Questões da organização interna: I regime 13. Meios gerais e particulares do regime 14. A que se reduzem os meios 15. Prêmios 16. Punições – castigo corporal <p>II – Disciplinas</p> <ol style="list-style-type: none"> 17. Disciplinas primárias – programa de João Ribeiro <p>III – Classificação</p> <ol style="list-style-type: none"> 18. Critério e processo da classificação 19. Como se faz a divisão do tempo e do trabalho <p>Secção 3ª</p>

Prolegômenos Pedagogia, noções de Psicologia	Parte Primeira Educação Física	Parte Segunda Educação Moral	Parte Terceira Educação Intelectual
<p>recordação, volta; lembrança, reminiscência</p> <p>27. Associação de ideias</p> <p>28. Imaginação</p> <p>29. Crença – evidência; certeza</p>		<p>20. Virtudes cristãs</p> <p>21. Predicados do educador</p> <p>22. O sentimento em ação</p> <p>Secção 2ª Educação cívica</p> <p>23. Educação cívica – seu fim; onde se completa; suas regras</p> <p>24. Considerações contra sua adoção nos instintos normais</p>	<p>Organização externa da escola</p> <p>20. Assuntos da organização externa; a quanto se reduzem</p> <p>21. Leis e regulamentos – suas bases: I – Prédio</p> <p>22. Arquitetura da escola</p> <p>II – Pessoal docente</p> <p>23. Condições para ser professor</p> <p>24. Vantagens no magistério</p> <p>III – Programas de ensino</p> <p>25. Divisão do programa</p> <p>26. Categorias</p> <p>27. Graus de ensino</p> <p>IV – Direção do ensino</p> <p>28. Distritos do ensino</p> <p>29. Agentes da direção</p> <p>Secção 4ª Denominações da escola</p> <p>30. Denominação conforme o destino</p> <p>I – Jardins de infância</p> <p>31. O que são</p> <p>II – Asilos</p> <p>32. O que são</p> <p>III – Casas correcionais</p> <p>33. O que são</p> <p>IV – Aulas noturnas</p> <p>34. O que são</p> <p>V – Colégios</p> <p>35. O que são</p> <p>VI – Escolas normais</p> <p>36. O que são</p> <p>Capítulo II Metodologia</p> <p>Introdução</p> <p>37. Metodologia</p> <p>38. Método – seus processos</p> <p>39. Análise</p> <p>40. Síntese</p> <p>41. Divisão da metodologia</p> <p>Secção 1ª Metodologia geral</p> <p>42. Objeto da metodologia geral</p> <p>43. Programa</p> <p>44. Forma de ensino</p> <p>a. Socrática</p> <p>b. Expositiva</p> <p>45. Processos de ensino</p> <p>a. Analógico</p>

Prolegômenos Pedagogia, noções de Psicologia	Parte Primeira Educação Física	Parte Segunda Educação Moral	Parte Terceira Educação Intelectual
			b. Intuitivo 46. Modos de ensino a. Individual b. Simultâneo c. Mútuo d. Misto Secção 2ª Metodologia especial 47. Metodologia especial 48. Princípio fundamental da metodologia especial 49. Métodos particulares do programa do regulamento da instrução 50. Lições de coisas 51. Língua nacional – divisão de seu estudo a. Antiga soletração b. Caligrafia c. Gramática e Ortografia 52. Aritmética e sistema métrico 53. Desenho linear (geometria rudimentar) 54. Geografia e história 55. Instrução cívica e moral 56. Economia e prendas domésticas

Fonte: Manual de Balthazar Góes com grifos da autora.

A seleção desses conteúdos evidencia sua experiência profissional enquanto educador em Sergipe nas esferas do setor público e privado, e essa divisão busca construir um currículo para as alunas da Escola Normal, delimitando quais os saberes seriam necessários para a prática do educador do ensino primário.

É importante analisar o texto atrelado à sua forma de impressão, quais leitores, quem é o autor e a quem os editores pretendiam alcançar e de que forma, buscando entender a imagem dos homens de um determinado tempo e meio social em que foi produzido e publicado. Contextualizando o lugar de escrita, a história do autor e sua linguagem, faz-se essencial entender como a obra foi pensada e escrita, pois, para Chartier (1990, p. 62), “[...] os textos documentais que, submetidos a uma justa crítica, revelam o que era a realidade antiga”.

No caso do manual de Helvécio de Andrade, *Curso de pedagogia* (1913), a cópia que se obteve para leitura foi um exemplar existente no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe¹¹, na qual consta um prefácio escrito pelo próprio autor, dedicado aos seus leitores.

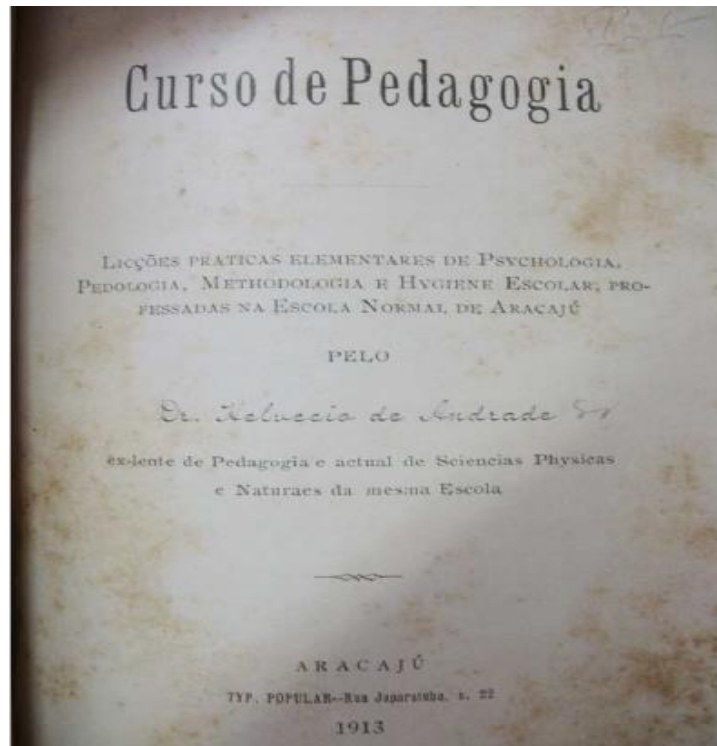


Figura 6 - Capa do Manual de Helvécio de Andrade de 1913

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

O manual mede 14 cm x 21cm, consta de 125 páginas (frente e verso). Não há imagem nem na capa e nem no interior do manual. Sua encadernação é em brochura e destinado aos professores e alunas do curso primário da Escola Normal. A capa é na cor branca e letras pretas, o restante da edição é preto, apresentando uma diversidade de tipo de letras e em tamanhos variados. Já na capa são apresentadas as subdivisões dos capítulos, e seu formato é retrato. Traz claro o nome do autor com letra cursiva em itálico, e o título da obra em negrito, remontando à ideia de chamar a atenção para o título do manual. Ao final da página são apresentados o nome e endereço da tipografia, a cidade e o ano de publicação. Esse manual foi publicado em 1913, pela gráfica Casa Editora, papelaria popular, situada na Rua Japarutuba número 22, Aracaju, Sergipe.

Em seguida, o autor apresenta um texto introdutório intitulado “Ao leitor”, em duas páginas, explicando que este manual seria direcionado aos professores e alunas do curso normal

¹¹ O IHGSE situa-se a Rua Itabaianinha, 41 - Centro, Aracaju – SE.

da Escola Normal, sendo considerado como material de baixo custo. Ainda nesta parte expõe os autores que leu para a escrita de seu texto, assina e data ao final da página. Sua assinatura está com letra cursiva e negrito, dando a entender que seria a assinatura de próprio punho do autor.

Com estas informações coletadas, foi possível realizar a segunda parte de análise, na qual verificou-se que apenas a partir da terceira página é que elas começam a serem enumeradas com o número 1. Dividido em 40 lições, nota-se que os capítulos são chamados de partes e, cada conteúdo, de lição. A primeira etapa de análise foi demonstrar que esse manual divide-se em quatro partes, as quais poderiam se chamar capítulos (Lições práticas elementares de psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar), sendo o primeiro composto de 19 lições e vai da página 1 à 50; o segundo com oito lições, da página 51 à 80; o terceiro com sete lições, da página 81 à 106; e o quarto com seis lições, da página 107 à 122. Todos os capítulos são apresentados com um texto introdutório. Por esse motivo, o quadro 5, descreverá os conteúdos presente em cada capítulo, como mostra abaixo:

Quadro 5 - Conteúdos presentes no manual de Helvécio de Andrade

Primeira parte Lições Práticas Elementares de Psicologia	Segunda parte Pedologia	Terceira Parte Metodologia	Quarta Parte Higiene Escolar
<p>1ª Lição: Definição, objeto e fundamento da Pedagogia. O que é Psicologia? A mente e suas atividades</p> <p>2ª Lição: Objeto da Psicologia. Métodos de estudo. Aplicações pedagógicas</p> <p>3ª Lição: Classificação dos fatos psicológicos</p> <p>4ª Lição: Sensibilidade e Sentidos corporais</p> <p>5ª Lição: Os sentidos</p> <p>6ª Lição: Sentimentos físicos</p> <p>7ª Lição: Inteligência</p> <p>8ª Lição: Atenção</p> <p>9ª Lição: Percepção</p> <p>10ª Lição: Intuição</p> <p>11ª Lição: Memória</p> <p>12ª Lição: Concepção, Análise e Abstração</p> <p>13ª Lição: Imaginação e Classificação</p> <p>14ª Lição: Juízo e Raciocínio</p> <p>15ª Lição: Os poderes da mente, sua sucessão, objetos, atos e produtos</p> <p>16ª Lição: Atividade e Vontade</p> <p>17ª Lição: Princípios de educação física</p> <p>18ª Lição: Princípios de educação intelectual</p> <p>19ª Lição: Princípios da educação moral</p>	<p>1ª Lição: Definição, caracteres, objeto da Pedagogia</p> <p>2ª Lição: Crescimento físico hereditário</p> <p>3ª Lição: Métodos</p> <p>4ª Lição: Fatores do desenvolvimento mental</p> <p>5ª Lição: Avaliação dos sentidos</p> <p>6ª Lição: Memória</p> <p>7ª Lição: Afetividade</p> <p>8ª Lição: A fadiga</p>	<p>1ª Lição: Métodos em geral e particular</p> <p>2ª Lição: Princípios didáticos</p> <p>3ª Lição: Modos, formas e processos de ensino</p> <p>4ª Lição: Processos particulares a cada uma das matérias do programa</p> <p>5ª Lição: Método especial</p> <p>6ª Lição: Método intuitivo</p> <p>Leitura, escrita</p> <p>7ª Lição: Ensino de gramática, da aritmética e da geografia</p>	<p>1ª Lição: Definição, objeto, Saúde. Saúde e seus caracteres. Primeira e segunda infância</p> <p>2ª Lição: Situação e construção da escola</p> <p>3ª Lição: Ventilação, iluminação e asseios nas aulas</p> <p>4ª Lição: Mobília, atitudes e posições</p> <p>5ª Lição: Moléstias que se contraem nas escolas</p> <p>6ª Lição: Moléstias que se propagam na escola</p>

Fonte: Biblioteca Epifânio Dórea.

A cada apresentação de capítulo, as letras são modificadas de tamanho, os tópicos iniciais com letra maiúscula e romana e os subtópicos e que expressasse conteúdos ou conceitos com letras em itálico; seu formato é retrato, preservando o modelo de folhas dobradas. Por se tratar de um livro de leitura destinado aos professores e alunas do curso normal, em sua maioria, os textos foram construídos em frases curtas e numerados, para facilitar a leitura. Um fato observável de escolha por estes capítulos pode ser inferido na última parte desse manual, quando evidencia a relevância de sua formação e seus ensinamentos para a formação das futuras professoras, dando detalhes dos cuidados sobre doenças e prevenções na escola.

Como primeira etapa do projeto gráfico, a definição do formato e tamanho do impresso é fundamental para a escolha dos outros elementos, uma vez que possibilitam, dificultam ou impedem a utilização de determinado tipo específico de encadernação, diagramação, tipos e tamanhos de imagens – principalmente relacionados à exibição de detalhes –, a escolha da tipografia e disposição dos textos e uso de cores. Nos manuais escolares, a definição do tamanho traz consequências ainda para o manuseio, dentro ou fora da sala de aula, como o transporte do manual por parte dos alunos e professores.

A encadernação utilizou-se da cola, o espaço entre linhas é de 1cm, o de parágrafo de 1 cm e o espaço de início de parágrafo é 1,25 cm. As letras apresentam serifa, tanto as letras de capítulos quanto a do conteúdo, as letras de capítulos estão em negrito. No desenvolvimento do texto, é possível encontrar um quadro e duas tabelas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos. As citações que apresentam são do tipo indireta, apenas com o nome do autor, muitas vezes sem sobrenome, e ao final do manual há uma errata com dez palavras. A quantidade de letras nas linhas varia bastante, com intervalo de 35 a 41 letras.

Deste modo, esta pesquisa alerta para o fato de que os textos não sobrevivem fora dos suportes em que são inseridos. Não há compreensão descolada do formato em que o conteúdo se exprime. Dizendo de outra forma, a materialidade do impresso faz parte da maneira como o conteúdo será visualizado, lido ou visto e compreendido. Assim,

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor (CHARTIER, 1998, p. 17).

Esta característica especial do suporte de modificar a possibilidade de significado dos conteúdos encerra a possibilidade, também, de reconhecermos inúmeras condições possíveis de dispor esses conteúdos, ampliando consideravelmente seu poder de significação. O próprio

Chartier afirma: “[...] os autores não escrevem livro: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 1990, p. 182).

2.3 Apropriações do método intuitivo nos manuais de ensino

“[...] o que são as palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez” (BORGES, 1978, p. 79).

A partir das pesquisas de Chartier (1991) e Darnton (2014), sobre a história do livro e das práticas de leitura, é possível pensar sobre o conteúdo do livro, como também ajudam a pensá-lo como uma teia complexa de relações que envolve autores, tradutores, editores, vendedores, poderes públicos e leitores. Por isso, o sentido de um texto é construído por meio da tensão entre textos (autor), impresso (editores) e leitores, não prevalecendo nem o condicionamento do leitor pelo texto, nem a total liberdade do leitor para produzir seus sentidos. Baseado nesta argumentação, o próximo tópico tomará como análise a absorção dos conteúdos e como estes autores assimilaram a percepção sobre o método intuitivo.

Para Chartier (1990), “[...] “apropriação” é compreendida como “a maneira de usar produtos culturais” e a “reescrita”, pois os textos sofrem transformações quando ajustados às possibilidades do leitor. Assim, é necessário pensar essa apropriação em relação ao método, bem como as transformações sobre o modo de pensar e ensinar pelos professores da escola normal de Sergipe.

2.3.1 “Educar-se para viver em seu meio”: *Apostilas de pedagogia*

As lições de coisas não são uma disciplina; são o melhor dos processos de ensino. Consistem em pôr sob o domínio dos sentidos das crianças um objeto – sua figura ou desenho – fazendo que elas lhe descubram as características, e lhe deem afinal o nome que lhe compete, obedecendo sempre ao princípio fundamental: do simples para o complexo; do que se sabe para o que se ignora...Por uma gradação ascendente, sem saltos, chegam assim a habilitar-se os infantis espíritos para, com toda a segurança, entrarem nos estados de qualquer ordem (GÓES, 1905, p. 83).

Iniciar este tópico com a introdução de Balthazar Góes (1905), sobre o que pensa sobre o método de ensino intuitivo, mostra sua aproximação com as leituras da obra de Calkins (1886). Para uma melhor análise de como pensava este professor sobre como deveria ser ministrado o ensino na Escola Normal para a formação das professoras acerca do método

intuitivo, as próximas linhas contemplarão o pensar deste autor sobre o ensino no período de publicação de sua obra.

Na parte introdutória, Balthazar Góes escreveu sobre a Pedagogia e Noções de Psicologia, explicitando conceitos como: “Pedagogia é a arte de educar crianças e educação é o estudo que procura os meios próprios para desenvolver e aperfeiçoar as faculdades e inclinações do homem para lhe tornar a vida mais fácil” (GÓES, 1905, p. 13). Com relação à Psicologia, ele a definiu como a ciência que estudava a alma humana e que a alma humana tinha qualidades específicas que distinguem o homem de todos os outros seres criados, tornando-o mais nobre. A Psicologia¹² foi colocada como uma ciência de observação, tendo por instrumento a consciência, motivo pelo qual as escolas deveriam reconhecer no homem três faculdades, a saber: “[...] sensibilidade, vontade e inteligência” (GÓES, 1905, p. 14).

Balthazar Góes trouxe estas explicações a fim de ser compreendido o controle sobre as emoções, sensibilidades físicas e moral. Seu interesse por esse estudo tinha como finalidade as explicações sobre “[...] os sentidos: vista, ouvido, olfato, paladar e o tato, a fim de que o professor pudesse formar seus alunos para controlar estas suas espontaneidades” (GÓES, 1905, p. 15). Essas explicações buscavam explicitar suas experiências como docente, pois, a partir de suas vivências, ele apresentou uma teorização sobre a importância da Psicologia na prática pedagógica, enfatizando ser preciso que ambas estivessem juntas na tarefa de educar, trazendo também um resumo sobre o manual *Lições de coisas* (1886), enfatizando a importância dos sentidos na prática educativa do professor.

Para ele, seria necessário primeiro compreender a intuição para que assim se pudesse controlar a inteligência das crianças, o que auxiliaria na compreensão sobre o desenvolvimento da capacidade de julgamento e discernimento delas ante os fatos e objetos que seriam apresentados por meio dos órgãos do sentido (visão, audição, tato, paladar e olfato). Semelhante ao que propõe a obra de Calkins, Balthazar Góes também priorizou os primeiros ensinamentos para o exercício de educar os sentidos. “É exclusivamente pelos sentidos que a criança tem acesso ao mundo material. Por estas portas e janelas do seu espírito é que há de prover-se de todas as noções relativas ao mundo” (BARBOSA *apud* CALKINS, 1886, p. 13).

Na primeira parte, escreveu sobre a Educação Física, considerada como uma parte da Pedagogia em que se estuda as condições necessárias para formar homens fortes, sadios e aptos

¹² “Psicologizar” não tem para Pestalozzi o sentido que se dá hoje à Psicologia, como ciência da subjetividade, mas possui um sentido lógico, objetivo, como se vê quando diz, “[...] pôr em harmonia os elementos de qualquer arte com o ser do meu espírito pela observação das leis psicológico-mecânicas, mediante as quais se eleva o nosso espírito das intuições sensíveis aos conceitos exatos”. Essas leis que chama de psicológicas são, em realidade, as leis lógicas pelas quais se rege nosso pensar (SOËTARD, 2010, p. 73).

para o trabalho, colocando os pais como responsáveis por esta atividade, a qual deveria acontecer desde o berço. Neste contexto, citou o livro de Rousseau, *O Emílio*. Apoiando-se nos estudos de Doutor Manoel de Passos de Oliveira Teles, Balthazar Góes esclareceria que:

Como os pais não sabem educar seja por negligência, quer por incompetência, quer por ocupação da vida como acontece na classe operária, a escola, o educador público ou particular tem o dever de suprir essa falta, incluindo em seus programas o cuidado com a higiene, desde o saneamento com o espaço físico, suas roupas, alimentação, repouso do sono e asseio e atividades físicas (GÓES, 1905, p. 26).

Orientava o professor como trabalhar o ouvido das crianças e de que forma a posição dos objetos interferem sobre o som, ressaltando ainda a percepção dos alunos sobre objetos altos, baixos, fortes e brandos. Como dica de aula sobre os sentidos das crianças, propôs que “poderia o professor apresentar objetos aos alunos com uma venda no rosto do aluno, [...] os alunos emitiriam palavras em lugares diferentes na sala de aula bem como o modo de pisar”, isso auxiliaria na prática de treinar os ouvidos (GÓES, 1905, p. 28).

Para trabalhar o gosto e como exercitar este sentido, orientava o professor a apresentar substâncias alimentícias comuns como pão, carne, queijo, leite, batata, manteiga e café, mostrando o que é azedo, picante, adstringente, salgado e doce. Depois de ensinado o gosto, partiria para o olfato, apresentando-se substâncias cheirosas, extremando, sobretudo, as olorosas das inodoras. Para ele, o tato era colocado como uma das faculdades mais fáceis de serem trabalhadas “[...] por que tudo isso reside em todo o nosso corpo, poderia lhe apresentar objetos de diferentes naturezas, formas e tamanhos, seja dentro de uma urna ou saquinho, bem como de olhos vendados a criança com suas mãos papeando o rosto das pessoas” (GÓES, 1905, p. 29). Citou como exemplo o trabalho com grãos, sementes, caroço, áspero, liso, rijo, brando, o quente e o frio e, por fim, o tamanho dos objetos. Para trabalhar com os “órgãos de trabalho e locomoção” (termos do autor), sugeriu como atividade:

Com os braços tentar suspender ou carregar objetos, dar nó simples e de duas cordas, fazer laços, tranças, embrulhar com perfeição pequenos objetos, fazer pacotes, cortar e dobrar papel e cartões, atirar ao alvo, jogar a pela, jardinar, e nadar, andar descalço, andar de pernas de pau, trepar e marcha militar (GÓES, 1905, p. 31-32).

É pertinente enfatizar a classificação que ele traz para as atividades dos “[...] órgãos de trabalho de locomoção” (termo utilizado pelo autor), diferenciando as atividades a partir do gênero da criança, explicitando a diferenciação no currículo escolar. Os exemplos que Balthazar Góes apresentou sobre como educar os sentidos são próximos ao que se apresenta na obra de

Calkins (1886), quando evocava exercícios para trabalhar na seguinte ordem de ensinamento: a vista, o ouvido, o gosto, o olfato e o tato.

A primeira parte de seu livro é baseada na obra *O cuidado das crianças*, do Monsenhor Kneipp¹³, e *O Emílio*, de Rousseau como apresentado pelo autor. Para fortalecer o corpo e as habilidades intelectuais, propôs passeios a bosques e campos, o uso de jogos e brinquedos como boca de forno ou bate-pandê, pilãozinho do carmo, o anel de salto, a melancia, o veadinho ou bode, a cabra-cega, o grilo, atividades essas que permitiriam às crianças observarem as belezas da natureza e, sobretudo, do reino vegetal e do animal. Trouxe as primeiras noções de Geografia, de como se deveria ensinar as marchas militares, andar de pernas de pau, o trapézio, o balanço e a gangorra, apropriando-se do autor Monsenhor Sebastião Kneipp. Soëtard ressalta que Pestalozzi compreendia que o desenvolvimento natural da criança deveria ter um método.

Segundo seu método, a educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todos os poderes e faculdades, plantados pela natureza, em todo ser humano. Para ele, a criança é um organismo que se desenvolve conforme leis definidas, ordenadas, como se fosse uma planta enraizada no solo. Afirmava que o organismo possui três aspectos básicos: intelectual, físico e moral. Popularmente, esses aspectos denominam-se: cabeça, mão e coração (SOËTARD, 2010, p. 38-39).

Na segunda parte desse manual, ao falar sobre a Educação Moral, tomando como referência Perez, citado por Jaguaribe Filho¹⁴, considerava-a como:

Responsável por nos encaminhar para o bem na vida social [...]. Essas atividades favoreciam as tendências reconhecidas úteis pelas pessoas escolhidas, esclarecidas e práticas; reduziria as tendências contrárias ao seu mínimo de energia em, senão a suprir, dirigi-las para o bem sempre que for possível (GÓES, 1905, p. 36).

Apropriando-se das palavras de Jaguaribe Filho em *A arte de formar homens de bem*, Balthazar Góes dizia que o homem tinha certos predicados que lhes são característicos, aos quais chama de morais (racionalidade, linguagem articulada, religiosidade e liberdade). Por meio desses predicados poderiam ser trabalhadas as ideias do verdadeiro, do belo e Deus.

Os predicados morais do homem e a fragilidade natural deste, maior que a de todos os outros seres animados, o tornam essencialmente sociável. Sendo-lhe necessária a vida em sociedade, ele precisa conformar-se aos costumes dela, quer dizer – deve educar-se para viver em seu meio. Em três épocas da vida

¹³ Sebastian Kneipp (Stephansried, 17 de maio de 1821 — Bad Wörishofen, 17 de junho de 1897) foi um sacerdote católico e defensor do naturismo que se dedicou ao estudo e promoção da hidroterapia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sebastian_Kneipp. Acesso em: 14/03/2018.

¹⁴ Domingos José Nogueira Jaguaribe, Visconde de Jaguaribe, nascido em Aracati em 14 de setembro de 1820, falecido em 5 de junho de 1890, foi um magistrado, jornalista e político brasileiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Domingos_Jos%C3%A9_Nogueira_Jaguaribe. Acesso em: 14/03/2018.

se dá a – educação moral: desde o berço até a segunda infância; desta, à juventude; dali até o fim da vida. Mas em dois lugares somente poderá ela ser ministrada com regularidade: na família e na escola. Divide-se, pois, em – educação moral na família e educação moral na escola (GÓES, 1905, p. 37).

O professor deveria estar atento a todo comportamento da criança, seus sentidos deveriam ser aguçados para perceber a índole da criança, assim apresentado num trecho da obra de Calkins (1886, p. 592):

Só assim conseguirei chamar à ação os sentidos de seus educandos. “No chamá-los à atividade, diz Calkins, está o grande método de educar os sentidos morais. Um sentimento sem ação não passa de sentimento; nada opera. Se pretendermos cultivar, nas crianças, a benignidade, havemos de ser benignos em nossos atos; dar-lhes o exemplo do respeito, se as quisermos respeitosas; e, se tivermos em mente desenvolver-lhes ideias de justiça, incutir-lhes honestidade, fazê-las homens leais e vorazes, não há outro meio senão azar o maior número de ensejos, em que lhes exemplifiquemos essas virtudes pelo trato de todo dia” (GÓES, 1905, p. 51).

Essa citação mostra a responsabilidade que o professor deveria ter na instrução de seus alunos, constituindo-se exemplo de virtudes para educar e encaminhar os discentes na prática dos preceitos morais, sendo preciso praticar e exemplificar estes atos a fim de que seus alunos soubessem aplicar em sua vida cotidiana.

Góes (1905) buscou ainda explicitar que a instrução cívica seria a forma de experimentar os sentimentos do patriotismo e, por mais que fosse ensinada na escola sob a direção do mestre, somente ficaria completa na prática da sociedade, pelo próprio impulso do indivíduo. Apoiou-se nas ideias de Pestalozzi e no manual *A instrução pública* (1890), de João Ribeiro¹⁵, para esclarecer que a instrução cívica não deveria ser ensinada nas escolas primárias, pois:

A instrução cívica da mesma sorte que a antiga retórica nos cursos de preparatórios, é um espantoso que se vai criar na legislação moderna para embaraçar o futuro. Efetivamente, como diz Pestalozzi, a educação do homem deveria ser feita em vista da humanidade e não do Estado. Demais a instrução cívica formará tantos cidadãos quantos oradores têm formado a Retórica (GÓES, 1905, p. 52).

Na terceira parte, na qual ressalta a educação intelectual, Góes preocupou-se em explicitar a organização material, física e pedagógica da escola primária. Falou sobre a estrutura física da escola, a luz, os banheiros, o espaço de recreação, as condições do local e a higiene. Ao pensar sobre a mobília da escola, o educador dizia que “[...] deve ser adequada e de suma

¹⁵ João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, nasceu na cidade de Laranjeiras, em 24 de junho de 1860, falecendo no Rio de Janeiro, a 13 de abril de 1934. Mais conhecido como João Ribeiro, foi um jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro, além de membro da Academia Brasileira de Letras. Para maiores informações ler o Dicionário bio-bibliográfico de Armindo Guaraná de 1925.

importância para operação do ensino” (GÓES, 1905, p. 59-60), classificando que os móveis necessários seriam: bancos, carteiras, cabides, mesas, armários, cadeiras, quadro negro, configurando como máxima utilidade para as lições intuitivas os sólidos geométricos, mapa geográfico e do sistema métrico, globo planetário e contador mecânico. Aqui se mostrou atento ao que se pedia para a implantação do método intuitivo, contudo, sabe-se que essas foram solicitações de um sujeito que desejava construir um novo repertório na prática do professor da Instrução Pública primária, visto que estes materiais eram muito caros, importados e quase inacessíveis.

Quanto às disciplinas indispensáveis ao ensino primário, apropriando-se do programa de João Ribeiro, foram nomeadas as seguintes matérias: língua pátria, aritmética, geografia, ciência física e natural, geografia, história, desenho e música; os alunos seriam classificados de acordo com aptidão, adiantamento, idade e robustez; e, por fim, as divisões do tempo e do trabalho seguiriam três regras: os alunos deveriam sempre estar ocupados, o horário seria maior para as disciplinas mais importantes e difíceis, e a última, os alunos seriam poupados de esforços, de modo que depois de uma atividade oral, seria uma escrita, e depois de uma atividade mais prolongada, viria uma mais breve (GÓES, 1905).

No capítulo sobre a metodologia, o autor expressou que esta seria a parte da educação intelectual, a qual estudava os métodos de ensino. Para ele, o método em lógica era “[...] o caminho que segue os espíritos na indicação e demonstração da verdade em qualquer ordem de conhecimento” (GÓES, 1905, p. 77). Fundamentou-se em Felisberto de Carvalho quando este dizia que a metodologia é a maneira de coordenar e transmitir os conhecimentos que devem constituir o objeto de ensino. Logo, o método lógico se apresentava como análise (divisão e classificação) e síntese (leis, demonstração e definição).

Essas definições trazem uma comparação com o que expressa o método intuitivo defendido por Pestalozzi (1996), segundo o qual o método é, sem dúvida, um instrumento necessário, por isso importa observar a natureza infantil para extrair as leis próprias de seu desenvolvimento, criar meios favoráveis para esse desenvolvimento, levar em conta explicitamente a dimensão social da relação educativa, dar eficácia à capacidade da ação da criança. Na Carta XXXI, Pestalozzi (1996) defende que a instrução deveria seguir uma técnica de ensino, sempre do mais fácil para o mais complexo. E Góes (1905), enfatiza uma citação semelhante.

O processo natural de ensinar parte do simples para o complexo; do que se sabe para o que se ignora; dos fatos para as coisas; das coisas para os nomes; das ideias para as palavras; dos princípios para as regras. Os métodos

particulares são tantas quantas matérias que constituem o programa das escolas de uma circunscrição. Para as de Sergipe estão declaradas no Regulamento do Ensino Primário (GÓES, 1905, p. 82).

A citação a seguir traz uma mostra da referência citada por Balthazar Góes ante o manual de *Lições de coisas*, observando-se que sua nota é idêntica à obra de Barbosa (1886, p. 3), bem como ao Regulamento do ensino público nº 501, de 5 de agosto de 1901.

Ao analisar este trecho, infere-se que a compreensão das ideias de Balthazar Góes estava alinhada com a tradução da obra realizada por Rui Barbosa, *Lições de coisas* (1886), podendo ser contextualizada pela citação apresentada em nota de rodapé e em várias citações sobre esta obra. A escolha dos capítulos e dos conteúdos segue uma padronização específica do que se desejava na legislação vigente em Sergipe e em outros estados. Era necessário aplicar o método intuitivo como forma de universalizar o ensino, pregando conteúdos de civilização, moralização, higiene e alfabetização.

Em seu manual, das disciplinas que deveriam fazer parte do ensino público primário, perpassavam: Leitura, Escrita e Caligrafia; Instrução Cívica, Moral e Religiosa, sendo esta última facultativa; Lições de Coisas; Gramática Portuguesa; Aritmética; Desenho Linear; Noções de Geografia Geral e de Cosmografia; Corografia¹⁶ do Brasil, especialmente de Sergipe; nas escolas do sexo masculino, Leitura do Catecismo de Agricultura; nas escolas do sexo feminino haverá trabalhos de agulha e explicação de economia doméstica (GÓES, 1905).

Um fato observável no manual de Balthazar Góes foi a presença da disciplina Lições de Coisas que, segundo a obra de Calkins, deveria ser um processo presente em todas as disciplinas na prática do método intuitivo. Além deste método, o autor esclareceu sobre o método de Sócrates, em que o professor ensinava fazendo perguntas para os alunos, estes, por sua vez, respondiam no estilo do catecismo. Definiu que os processos de ensino seriam os meios empregados pelo professor para facilitar a compreensão do que se explica, podendo ser: analógica ou intuitiva.

A analogia é o processo pelo qual o espírito descobre a relação que há entre as coisas observando e comparando as qualidades e a intuição é o processo pelo qual o espírito tem o conhecimento posto e claro do objeto independente do raciocínio no sentido primário; intuição é a vista do objeto, mas por extensão diz, também intuitivo o estudo das coisas por meio dos sentidos. A intuição ela pode ser direta ou imediata (é o conhecimento do próprio objeto por meio dos sentidos) e indireta ou mediata (é o conhecimento que os

¹⁶ Corografia foi a especialidade da Geografia que se dedicava ao estudo geográfico de um país ou de uma de suas regiões, mais concretamente estudo geográfico particular de uma região ou de um país ou compêndio que trata do estudo geográfico de uma região ou de um país. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/corografia>. Acesso em: 20/04/2018.

sentidos nos dão de um objeto em presença de suas figuras desenho ou símbolo) (GÓES, 1905, p. 80).

Com esta assertiva, pode-se dizer, mais uma vez, o quanto a obra de Balthazar Góes estava atrelada ao pensar de Calkins (*apud* Barbosa 1886) e Pestalozzi (1996). Sobre os modos de ensino, apresentou definições sobre a maneira de organizar a escola e agrupar os alunos no momento das atividades ou ensino: modo individual, simultâneo, misto ou mútuo. Ainda trouxe a ideia de metodologia especial, que se tratava dos métodos particulares de ensino de cada matéria de um programa escolar, contextualizando seu escrito com base no conceito do simples para o complexo. A fim de contextualizar e exemplificar o modo de ensinar a partir do método intuitivo, apresentou um subcapítulo intitulado Lições de Coisas ou Exercícios de Intuição, e nele explicou que Lições de Coisas não é uma disciplina, era o melhor dos processos de ensino, pois consistia em pôr sobre o domínio dos sentidos das crianças um objeto – sua figura ou desenho –, fazendo o que elas lhe descubram as características, lhe deem ao final o nome que lhe compete (GÓES, 1905, p. 83). Aqui, retomou mais uma vez a ideia do manual de Calkins, no qual o ensino deveria sempre partir do simples para o mais complexo.

No ensino da língua nacional, constavam explicações sobre a leitura (antiga soletração ou alfabético, moderna soletração ou fônico e, por fim, da articulação ou emissão de sons), baseando-se nos princípios do poeta lírico, pedagogo e filólogo português João de Deus (1830 – 1896), autor da *Cartilha maternal* (1878). Para finalizar, apresentou, nessa seção, o autor Hilário Ribeiro (1847 – 1886), educador e escritor brasileiro que, por intermédio da *Cartilha nacional* (1885), tratou do aperfeiçoamento do ensino simultâneo da leitura e da escrita, apresentando o tipo manuscrito ao lado do impresso em cada lição. No caso do ensino de Caligrafia, ele propôs que se devia ser prático, porquanto seu fim era fazer com que se executasse com desembaraço a escrita usual, única, realmente útil para a maior parte dos homens, como ressaltado por Felisberto de Carvalho para esse ensino.

Logo desde as primeiras lições de leitura, começarão os estudantezinhos a escrever. Reunidos em classe, cada qual com sua ardósia, vão imitando os caracteres da própria lição do dia, traçados pelo professor no quadro negro, diante do qual a classe está assentada. Quando os alunos souberem ler mais ou menos corretamente, é chegado o tempo de pegarem da pena. Seja o sistema adotado – o de letras rascunhadas a lápis, para cobrir, ou cadernos caligráficos, ou modelos a imitar, os alunos começarão a escrever pelo corpo médio, ou bastardinho, por terem os dedos bastante curtos para o bastardo e pouco destro para o fino (GÓES, 1905, p. 88).

Complementando o ensino da Leitura e Escrita entraria o ensino da Gramática, esta deveria se iniciar desde que o aluno já soubesse ler, devendo a leitura acontecer como diversão.

Durante a leitura ou sobre o ditado que escrevessem nada de teorias, na realidade, trabalhar-se-iam exercícios de significação das palavras, sua classificação e morfologia, tudo sem a nomenclatura científica.

Com relação ao ensino de Aritmética e Sistema Métrico, Balthazar Góes definiu que o professor deveria começar o ensino de contar pelo processo objetivo, pelos números concretos, devendo ser o mais prático possível, utilizando o contador, o quadro de caravelhas, os cubos, as “esferazinhas”, os seixinhos, as sementes, as “tabuazinhas”, dentre outros. Esses exemplos foram apresentados no Manual de Lições de Coisas de Calkins, traduzido por Rui Barbosa (1886). Para ele, o aluno deveria começar a contar logo que se inicia o seu estudo da leitura,

[...] sentado à cabeceira da mesa cercado de seus pequenos discípulos, o mestre tem ali um mundo de coisas que podem ser contadas e comparadas. Está de um lado o contador; do outro, a pedra. Vai dispendo sobre a mesa e contando assim: um; um, dois; um, dois, três até 10 ou somente até 5 na primeira lição. Sabendo contar até cem, já poderia iniciar a contagem de milhões (GÓES, 1905, p. 90-91).

Depois disso, praticaria as quatro operações objetivamente e, em seguida, as reproduziria por números abstratamente, a fim de adquirir gradativamente as noções de unidade, quantidade e números. Segundo ele:

O ensino de frações ordinárias não pareça mais difícil por meio de coisas. Temos vários pedaços de papel do mesmo tamanho e forma; tomamos um e o partimos em duas metades; outro, em terços, outro, em quartos [...]. Quanto ao sistema métrico, o ensino é, por natureza, objetivo; porquanto só é útil fazê-lo com a coleção dos pesos medidas de uso comum, balanças etc. Aqui terá maior amplitude o estudo das frações decimais (GÓES, 1905, p. 92).

No estudo do Desenho linear, o elemento essencial de todos os processos de ensinar é a prática. Primeiro, os alunos deveriam aprender as formas das figuras que são o círculo, o quadrado, o triângulo, o retângulo, observando-as por toda parte, seja na escola, na rua, em casa. Depois, procederia ao ensino sobre o volume ou a capacidade, analisando o cubo, o cilindro, o paralelepípedo, os prismas e as pirâmides. Nesta lição, ter-se-ia em vista que não se tratava de ensinar a demonstrar os teoremas dos quais certos cálculos dependem, mas sim esses cálculos de modo prático, racional e conveniente por sua eficiência.

Finalizou este conteúdo com as referências de Graça Affreixo e Henrique Freire, professores da Escola Normal de Évora, sobre o manual *Elementos de pedagogia*. Henrique Augusto da Cunha Soares Freire nasceu em Almada, Portugal, no ano de 1842, publicou junto com José Maria da Graça Affreixo, nascido em Ovar a 24 de agosto de 1842, o livro *Elementos*

de pedagogia, manual amplamente utilizado nas Escolas Normais brasileiras, em especial pela Escola Normal da Corte, na cidade do Rio de Janeiro, e nas de Niterói e Campos.

Dando continuidade à análise sobre o repertório cultural apresentado por Balthazar Góes na construção de seu manual *Apostilas de pedagogia*, sobre o ensino de Geografia e História, segundo ele, o ensino de Corografia não deveria se prender a ensinar apenas o nome das localidades e rios, também precisava ensinar sobre a conformação do terreno, das direções em que estão as localidades que seguem os rios, as estradas, os canais, as riquezas do solo, as estradas, canais e pontes, explicar os graus de longitude e latitude, paralelos e meridianos. Seria por meio do desenho de mapas, lago, ilha, baía, cabo, golfo ou península que as crianças terminariam o estudo desta matéria na escola primária.

Segundo Góes (1905), a História, nas escolas primárias, ao ser ensinada a partir da resenha dos fatos, não ajudava aos meninos a compreender a importância desta disciplina. “Os meninos não compreendem, é um saber inútil, em relação ao tempo e ao trabalho perdido, um grande prejuízo; em relação ao tédio e perda de amor ao estudo que assim feito produz no espírito das crianças, é ele um grande mal” (GÓES, 1905, p. 94). Ressaltando Graça Affreixo, ele dizia ser necessário que a História fosse, para as crianças na escola primária, o que elas ouviam na família que era o conto de boa fada, um conto moral mais extenso que o ordinário, mas com princípio, razão, servindo de espelho da vida.

Na parte referente ao ensino da Instrução Moral e Cívica, trouxe o Manual *Elementos da educação física e moral*, de Hilário Ribeiro (quarta série educativa), e *Coração* (1891), do escritor italiano, novelista e autor de livros viagens, Edmondo De Amicis (1846 – 1908), traduzido por João Ribeiro. Neste tópico, que não traz explicações práticas de como ensinar essa disciplina, cita os manuais como guia para o professor. No caso da disciplina Economia e Trabalhos Domésticos, trouxe como objetivo inspirar nos alunos o amor ao trabalho e a economia, apresentando cinco princípios de onde dimanam os corolários. Como diz a citação:

Se trabalharmos, porque carecemos do produto de nosso trabalho, não devemos consumir inutilmente o que se produz. Nada fazer que não tenha uma utilidade; nada deixar de fazer do que possa ser útil, preciso ou necessário. Comparecer somente o preciso; nunca o que podemos fazer. Mas o trabalho não deve ser levado ao exagero, que possa depauperar as forças de nosso corpo; este precisa ser utilizado, sim, mas poupado também. O asseio é igualmente um elemento de economia. E por ele que nos conservamos, assim como aos objetos de que carecemos (GÓES, 1905, p. 95-96).

O que se pode observar com esses princípios é uma educação moral norteadas pelos temas Higiene, Fisiologia, História Natural e Economia como conhecimentos necessários ao homem. Neste sentido, a moral está fundada na existência de Deus e nas virtudes sociais que

levavam ao homem o amor ao trabalho, à honra, à família, à liberdade e à pátria. Para finalizar sua escrita, apresentou modelos que deveriam ser seguidos na caderneta sobre matrícula, aproveitamento dos alunos e suas premiações. Esses modelos são cópias dos documentos referentes ao Colégio de Laranjeiras de 1902, que foi de propriedade de Balthazar Góes. Além de ter escrito esse Manual, Balthazar Góes também publicou: *Biografia de Horácio Hora* (1901), *A República em Sergipe* (1891), *Gramática da Língua Portuguesa, para uso de seus filhos*, e *Traços Biográficos do grande mecânico e artista sergipano José Francisco da Silva Zuca* (1913).

Após a leitura da obra de Balthazar Góes (1905), é importante conhecer a escrita de Helvécio de Andrade (1913), por meio do seu manual *Curso de pedagogia*, bem como conhecer como foi divulgado, pelo manual deste autor, o método intuitivo.

2.3.2 “Dirigir-se ao espírito e ao coração por meio dos sentidos”: *Curso de pedagogia*

Dê-se as crianças mais novas ter contato com objetos variados, para que toquem, apalpem, notem a forma, o peso, a temperatura, etc., a princípio sob o auxílio da luz, depois as escuras, ou de olhos vendados, como no jogo da cabra cega, pois a educação dos sentidos prepara a intelectual (ANDRADE, 1911, p. 45).

Em 1911, Helvécio de Andrade foi nomeado pelo presidente do Estado Rodrigues Dórea ao cargo de lente da cadeira de Pedagogia, Pedologia e Higiene Escolar da Escola Normal. Com o objetivo de ativar o interesse pela Ciência da Educação, começou a publicar textos referentes à necessidade de despertar, no aluno, as vantagens do saber e de cultivar a inteligência. Com esta citação, evidencia-se como Helvécio de Andrade difundia os preceitos do método intuitivo. Seu programa de disciplina estava embasado pela reforma de Caetano de Campos, implantada em São Paulo. Apropriando-se dessa reforma, aumentou as horas-aula de sua disciplina a partir da publicação de seu programa de ensino de 1915, 1916 e 1917.

Contudo, ressaltava um grande problema enfrentado pelos professores, que era a falta de livros didáticos que servissem de guia no ensino das disciplinas. Sobre esta ressalva, Helvécio de Andrade, no texto sobre a nova cadeira de pedagogia da escola normal IV, publicado no *Correio de Aracaju*, de 10 de dezembro de 1911, dizia que “[...] o livro antes então utilizado pelas normalistas Apostilas de Pedagogia, escrito pelo professor Balthazar Góes, não podia este livrinho satisfazer as exigências do programa requerido” (*Correio de Aracaju*, 1911, p. 2). Esta escrita de Helvécio de Andrade mostra uma tentativa de projetar-se como

articulador dos conhecimentos referentes à sua disciplina que, até então, seguia o guia de ensino de seu colega Balthazar Góes.

Com o objetivo de publicar um manual didático sobre o método intuitivo, tornou público, no salão da Escola Normal, com a presença do presidente Rodrigues Dórea, seu manual *Curso de pedagogia: lições práticas elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene escolar* em 1913, explicando a importância da instituição para o estado e sobre a necessidade de legar às normalistas uma teoria baseada na ciência.

Na escrita do manual de Helvécio de Andrade é possível observar a existência da tentativa de organizar o espaço da escola, como um texto decisivo para a formação dos professores da Escola Normal. Esse seria um guia de estudo para os professores, orientando-os sobre os procedimentos de ensino e, em especial, da metodologia de ensino, valorizando a pertinência do método intuitivo nos cursos das escolas normais. Era necessário formar professoras que soubessem aplicar os princípios norteadores da Pedagogia moderna e, para isso, Helvécio de Andrade escreveria o Manual *Curso de pedagogia*. Em tal texto, ele esboça seu repertório cultural, faz referência aos países da França, Suíça e Estados Unidos, objetivando legitimar sua escrita, enfatizando o que existia de mais moderno e aplicável nos países desenvolvidos.

O que pretendia, com esse manual, ia muito além de determinar uma metodologia de ensino, pois esse professor da Escola Normal de Aracaju buscou aproximar sua escrita com o que se publicava em São Paulo. Assim, seus escritos mostravam uma aproximação com as teorias divulgadas pela *Revista de Ensino de São Paulo*, publicada trimestralmente. De igual modo, trouxe explicações sobre o que vivenciou enquanto professor da disciplina Pedagogia. Na capa de seu manual, fez questão de enfatizar seu lugar e seus objetivos com a publicação. Ao analisar a capa de um manual é possível identificar não apenas uma estrutura física e material de um livro, como também os objetivos que pretendia ao ensino de Sergipe.

Na capa desse manual, Helvécio de Andrade mostra a sua relação com a tipografia popular, bem como seu drama em se dizer ex-lente da disciplina de Pedagogia e atual de Ciências Físicas e Naturais da mesma escola. Isso mostra uma ação performática em evidenciar seu domínio de conhecimento sobre as diretrizes da Escola Normal, nomeadamente quando apresentou o enfoque na formação das normalistas e trouxe explicações sobre a Pedagogia moderna, sem, contudo, deixar de incluir sua profissão de médico no momento em que introduziu a Higiene Escolar atrelada à rede de disciplinas que deveria possuir o curso normal. Em 1913, Helvécio de Andrade foi admitido como Diretor Geral da Instrução Pública,

acumulando com isso o cargo de professor da Escola Normal e, em 1914, no cargo de diretor da Escola Normal.

Segundo Helvécio, o professor, além de conhecer como organizar uma escola, o ensino, os métodos e os fundamentos da disciplina, também precisava saber sobre os potenciais da alma, a maneira de educá-la, quais as dependências e ligações. Por isso, ele fez questão de ressaltar que:

Instruir e educar é função dos mestres, função difícil e complexa, que exige o conhecimento das faculdades mentais e das leis e processos pelas quais elas se desenvolvem. Seria impossível educar bem sem cultivar o espírito e sem conhecer as suas faculdades (ANDRADE, 1913, p. I.).

Seu repertório cultural explica que, para construir um estado moderno era necessário estabelecer a ordem, administrar racionalmente o tempo escolar, gerir atividade produtiva, disciplinar, organizar o espaço escolar e instruir o trabalho pedagógico. Nesta interseção, tornar a escola como uma instituição modeladora da sociedade foi o empreendimento dos intelectuais daquele período. Nas primeiras páginas de seu manual, na introdução, ficam evidenciados os principais autores utilizados para a escrita de seu programa, no qual analisou as obras de Mantovani, Pinheiro Bittencourt, Lalois de Picavet, Compayré, Yvet, Vieira de Melo, Felisberto de Carvalho, Faria de Vasconcellos, o professor americano S. Welck, a *Revista de Ensino de São Paulo*, as anotações da prática escolar dos Estados Unidos – observadas por Carlos Silveira em uma viagem realizada anos anteriores – e um artigo escrito por Carlos Escobar sobre Leitura Analítica. Com esta literatura, Helvécio de Andrade escreveu alguns programas de ensino (1915, 1916, 1917, 1930) e seu manual *Curso de pedagogia*.

A fim de estruturar a disciplina de Pedagogia, Pedologia e Noções de Higiene Escolar, seus conteúdos e metodologia, bem como consolidar a importância dessa disciplina para a formação das normalistas, ele escreveu o manual *Curso de pedagogia*, constituído de 122 páginas o texto dividido em quatro partes. São elas: Lições Práticas Elementares de Psicologia, Pedologia, Metodologia e Higiene Escolar.

A classificação dos conteúdos evidenciava a tentativa de uniformização do ensino primário, assim como a organização de um método e de um programa geral que levasse em consideração as diferenças peculiares no desenvolvimento da criança em seus estágios cognitivos. Em sua primeira parte, define a relação da Pedagogia com a Psicologia, baseia-se em Welch a fim de comprovar que, no estudo da Pedagogia, é indispensável o estudo da Psicologia, visto que a “[...] Pedagogia é ciência de instruir e educar as crianças, é parte prática, e a Psicologia é a parte teórica da ciência da educação” (ANDRADE, 1913, p. 2). Observando

a tendência de escrita de seus textos, constata-se que ele defendia o fato de que a Psicologia deveria ser colocada como ciência experimental, aplicando-lhe os processos de observação à experimentação. Para falar da Psicologia, fundamentou sua escrita citando Kenisberg, Kant, a lei de Ernesto Weber, ressaltando o progresso da observação e experimentação (ANDRADE, 1913, p. 2). A junção destas duas ciências permitiria à mente manifestar três atividades: sentir, saber e querer. Segundo Andrade (1913), a mente possui a sensibilidade para sentir, inteligência para saber e vontade para querer. Essas três atividades mentais (sentir, saber, querer) corresponderiam aos aspectos da educação que eram clássicos para a época: físico, intelectual e moral. Conforme Soëtard,

A base do método intuitivo de Pestalozzi é a “lição de coisas”, acompanhada de exercícios de linguagem para se chegar às ideias claras. O método da “lição de coisas” caracteriza-se por oferecer dados sensíveis à observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando aos conceitos abstratos. Daí a ênfase ao contato direto com a natureza, à observação da paisagem, ao trabalho de campo como pressupostos básicos do estudo. O professor deve buscar seu material no próprio meio que envolve o aluno, em situação real (SOËTARD, 2010, p. 36).

Com relação à moral, o professor era visto como um espelho para a prática das virtudes de seus alunos, tais como bondade, firmeza, zelo, assiduidade. A moralidade seria o alicerce de toda a educação, pois, [...] “Como arte exigia do mestre um conjunto de qualidades morais, que constituíam por assim dizer a vocação para o magistério do ensino, sem o qual não há especialistas em nenhum ramo da atividade humana” (ANDRADE, 1913, p. 3). Com relação aos princípios da educação moral, o mestre teria o dever de formar o caráter de seus alunos e, para desempenhar este grave dever, era preciso que o docente conhecesse os elementos do caráter em geral, as faculdades morais, os sentimentos, as tendências, os defeitos e qualidades, e suas relações com a organização física, estudo que consistia na matéria principal da Pedagogia. Nesta perspectiva, o professor deveria observar seus alunos na aula e fora dela, seja nos recreios ou passeios.

Andrade (1913) acreditava que a educação da sensibilidade e da vontade deveria iniciar desde os primeiros anos de vida, pois preparava e garantia o desenvolvimento intelectual. O professor deveria começar, esse processo logo, suas explicações de conteúdo pela sensibilidade, as impressões da vista, do ouvido e do tato, as sensações de gosto e cheiro, ver e admirar um quadro, ouvir uma bela música, experimentar o sabor de uma fruta, o perfume de uma flor, seriam os fatos sensíveis.

O segundo seria a inteligência, por meio da qual o aluno poderia julgar a construção de uma obra, de seu valor arquitetônico, saber que as flores dão à sala um ar de festa, comparar

um objeto com outro, descobrir as relações, sua propriedade, resolver um problema de Aritmética. O terceiro corresponderia à vontade, em que caminhar ou deixar de caminhar, ler, escrever, escolher uma profissão, configuram fatos ativos. Por isso,

Tudo aquilo que você sabe, pode tornar-se para você muito mais facilmente claro e distinto do que aquilo que está fora de você, tudo aquilo que você sente, em si mesmo, uma intuição determinada, somente aquilo que está fora de você pode ser uma intuição confusa para você; depois do desenvolvimento dos seus conhecimentos, no que diz respeito a você mesmo, é mais breve do que quando objeto tem algo externo. De tudo aquilo que você está consciente, como de alguma coisa relacionada à vida interior, você está consciente de modo inteiramente determinado; tudo aquilo que você mesmo conhece, é para você e em si mesmo, por reflexo, perfeitamente determinado. Por isso, a direção ao caminho dos conceitos claros e distintos se abre mais fácil e seguro do que qualquer outro, e entre tudo o que é claro, nada pode ser mais claro do que a clareza desse princípio, que o conhecimento da verdade procede, no homem, do conhecimento de si mesmo (PESTALOZZI, 1996, Carta XXI).

Na lição dos sentidos, esclarecia o efeito que fazia na mente uma palavra, um livro. Por exemplo, a vista de um objeto, o contato comum do corpo, reconhecer o som, a vista, o tato, como se designam objetos conhecidos, isto produziria ideias, que eram os sentidos intelectuais.

Para Andrade (1913), a ação e o exercício são os meios educadores das faculdades da mente e dos sentidos, colocando a vista como o mais importante dos sentidos. De acordo com esse professor, a educação dos sentidos perceptivos aumentava o número de ideias, a memória poderia ser enriquecida de imagens e, quanto maior fosse o número de ideias claras e perfeitas adquiridas, mais rica e fértil seria a memória, mais ativa e fecunda. Por este motivo, as crianças, para adquirirem ideias lúcidas e claras, precisavam de incentivos: interesse e repetição.

Os estimulantes da atenção infantil deviam combinar três elementos – simplicidade, unidade, beleza – por meio de sólidos regulares para as mãos, cores atraentes para a vista, melodias simples para o ouvido. Devendo sempre, na educação e no ensino de qualquer matéria, o objeto preceder ao nome, do simples ao complexo, do concreto ao abstrato, de modo a desenvolver a criança de modo gradual, simultâneo e harmonicamente. Esta forma de pensar remete ao pensar de Calkins na obra *Lições de coisas* (1886), que, de um modo geral, pode-se dizer que classificou as faculdades em: a mente de aquisição – percepção; de elaboração – atenção e reflexão; de conservação e reprodução – memória, concepção, imaginação; de generalização – abstração, precedida da operação de discriminar ou analisar; e de associação e indução – classificação, juízo e raciocínio. Por este motivo, Andrade (1913) reafirmava que na educação da criança devia-se atentar aos hábitos.

A atividade habitual, ou simplesmente o hábito tem uma grande influência na vida humana. O hábito nasce da repetição frequente dos mesmos atos, ao mesmo tempo que torna a prática desses atos mais fácil e mais perfeita. Na educação da criança devemos atender muito aos seus hábitos. Os bons hábitos são úteis e concorrem para o progresso individual e coletivo. Favorecer os bons hábitos e combater os maus é trabalhar para o aperfeiçoamento moral da criança, do futuro cidadão (ANDRADE, 1913, p. 41).

Essas explicações mostram-se semelhantes às encontradas no livro de Calkins (*apud* BARBOSA, 1886), o qual buscava habilitar e preparar o professor para praticar lições de coisas em sua aula, mostrando o que importava ensinar primeiro e o que lhe devia seguir na ordem natural, evidenciando assim a importância de cada lição.

Andrade (1913) enfatizou que a Educação Física tinha por finalidade desenvolver o organismo, de modo gradual e harmônico, com o fim de robustecer os membros e órgãos e preservar a saúde. Contudo, era de responsabilidade da família cuidar das crianças, o que não significava dizer que o professor deveria fechar os olhos à Educação Física dos seus alunos, dando-lhes conselhos higiênicos, fiscalizando e dirigindo seus brinquedos e exercícios a fim de conservar a saúde sobre o ar, a alimentação, a habitação e o asseio do corpo. Na *Revista de Ensino de São Paulo*, de junho de 1912, Helvécio de Andrade, em dois capítulos, o primeiro intitulado “A educação física e os jogos em pleno ar” e o segundo “Necessidade de uma ginástica científica”, fez menção à prática esportiva na Inglaterra como exemplo, ressaltando a presença das aulas de ginástica como indispensáveis, em detrimento do desenvolvimento intelectual da criança.

Essas aulas privilegiavam movimentos ritmados dos membros, atitudes, marchas, contramarchas, carreiras, lutas corpóreas, jogos de destreza, saltos, natação, equitação. Para as crianças, esses jogos muito contribuem para aperfeiçoar a vista, o ouvido e o tato (ANDRADE, 1913). Caso na escola não existissem estes recursos, aos quais ele chama de objetos especiais, poderiam também utilizar-se de linhas, circunferências, traçadas no quadro-negro.

Caso a escola não tivesse mapas, estampas coloridas ou sólidos geométricos que favorecessem estas práticas, deveria utilizar quadros, estampas, desenhos em relevo.

Sob a forma de lições de coisas devemos dar à criança todos os conhecimentos úteis sobre objetos comuns, para mais tarde passar aos exercícios de leitura, escrita e cálculo. Devemos antes de tudo mostrar os objetos as crianças, provocando-lhes por meio de perguntas às apreciações (ANDRADE, 1913, p. 47).

Na segunda parte, Helvécio de Andrade iniciou o texto ressaltando a importância dos estudos de F. de Vasconcellos, ao falar da Pedologia, que era o estudo da criança em duplo sentido, tanto físico e quanto “psico”, no qual o ensino era subordinado às necessidades da

criança. Sobre este tema, encontrou-se na *Revista de Ensino de São Paulo* (1911) o texto intitulado “Pedologia”, que evidenciava a evolução física da criança, assinado por Clemente Quaglio (1872 – 1948), de origem italiana, professor de Pedagogia e Psicologia Experimental, estudioso da saúde mental infantil, expoente do movimento pedológico no Brasil. No referido texto, Quaglio (1911) pontuava as mesmas preocupações de Helvécio de Andrade em tornar possível a inclusão da Pedologia no estudo da criança em seu desenvolvimento físico e psicológico.

Nessa outra parte, Helvécio de Andrade conduzia o professor a procurar saber o que a criança estava apta a aprender, tendo em conta a saúde do aluno, seu grau de robustez e entendimento, circunstâncias que variavam de indivíduo para indivíduo. De acordo com ele, “segundos os pedagogistas modernos, reconhece-se que certas crianças decoram e compreendem melhor que outras. Não sendo justo exigir o mesmo esforço das duas partes, sem pensar suas condições orgânicas e mentais” (ANDRADE, 1913, p. 52). Ressaltou a importância de o professor conhecer as dificuldades de seus alunos, analisar seu desenvolvimento e buscar uma prática que valorizasse os sentidos variados de cada aluno.

Por mais que apresentasse o nome de autores estrangeiros e brasileiros, Helvécio de Andrade apropriava-se da fala destes autores, pedagogistas modernos, como sendo sua, sem dizer o nome e o ano da obra lida, nem tampouco o nome completo dos autores. Vários são os exemplos trazidos por ele sobre o progresso de nações, como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos, a Suíça, a partir dos estudos da Pedagogia moderna com vistas a aproximar a família da escola (ANDRADE, 1913). Sem explicitar os autores, Andrade (1913) afirmava que, depois de resolvida a relação da escola com a família, a presença do médico tornava-se complemento indispensável, isso porque, a exemplo dos citados países, a Medicina Escolar passava a ter alta relação com o professor e utilizada com a finalidade de observar a fraqueza ou o defeito da criança, o que ajudaria a compreender seu desenvolvimento físico e mental. Como prática para o desenvolvimento do raciocínio das crianças, orientava que os professores soubessem da importância da Psicologia e da Pedologia, portanto,

“[...] o estudo da Psicologia e da Pedologia exige, pelo menos seus elementos, o conhecimento da antropologia, da anatomia e da fisiologia, que pode ser adquirido no trato das ciências físicas e naturais. Estas ciências juntas às matemáticas são ao professor os elementos principais ao cultivo da inteligência, que lhe é necessário” (ANDRADE, 1913, p. 54).

Como referência, trouxe os estudos de Alfred Binet (1857 – 1911), pedagogo, grafólogo e psicólogo francês que escreveu sobre Hipnose, Psicologia Experimental, Cognitiva e

Educacional. Esses estudos trataram sobre a estatura e as medidas da criança, e as variações que influenciam a raça, o sexo, o clima e a alimentação, apresentando cálculos possíveis sobre o crescimento e peso das crianças no verão e inverno, nas férias e em tempo escolar. Andrade (1913) comparou essas experiências com estudos efetivados na Alemanha e na Dinamarca.

Andrade (1913), ao referenciar a *Revista de Ensino de São Paulo* (1912), apresentou, com base em um texto de P. Malapert, a trajetória de Binet sobre seus estudos relacionados à Psicologia individual da criança, exemplificando a preocupação do pedagogo francês junto ao Dr. Simon, como as crianças tidas como anormais poderiam ser educadas. Para Malapert, Binet foi considerado o fundador da Pedagogia Experimental na França.

Para falar da importância dos jogos, Andrade (1913) baseou-se em Claparède¹⁷, que classificou o jogo como afetivos, jogos que exercitam a atenção e jogos artísticos, definindo-os da seguinte maneira:

Jogos afetivos – são os que têm por finalidade desenvolver afeições familiares e sociais, como o jogo da boneca. Jogos que exercitam a atenção – são os que têm por fim prender a atenção, como sucede com os contos da carochinha. Jogos artísticos – são os que educam os sentimentos estéticos, tais como os exercícios de desenho, os jogos dramáticos (ANDRADE, 1913, p. 64-65).

Esses jogos deveriam ser vistos como o mais estimulante da atividade infantil, sendo o primeiro sinal do desenvolvimento próprio da criança. O exercício dos sentidos, os movimentos dos braços, as primeiras emissões de voz, são verdadeiros jogos que distraem a criança e preparam-na para o desenvolvimento posterior. No entanto, eles não podiam ser apresentados como distração, um objeto de recreio (ANDRADE, 1913). Para Andrade (1913) *apud* Claparède, o desenvolvimento mental da criança era dividido em períodos. Da seguinte maneira,

[...] notam-se os seguintes períodos de interesses, conforme as idades. No 1º ano os interesses são simplesmente perceptivos; subordinam-se as necessidades orgânicas: chuchar, tatear, apreender objetos, etc. No 2º e 3º anos predomina o interesse da linguagem, é o período glóssico. Dos 4 aos 7 anos falam os interesses gerais, que assistem ao despertar da inteligência. Dos 7 aos 12 anos chegam os interesses objetivos e intelectuais. Dos 12 anos diante é o período de interesse do trabalho (ANDRADE, 1913, p. 66).

¹⁷ Édouard Claparède (Genebra, 24 de março de 1873 – Genebra, 29 de setembro de 1940) foi um neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia e da formação da memória. Foi um dos mais influentes expoentes europeus da escola da psicologia funcionalista, tendo as suas teorias grande repercussão nos movimentos de renovação pedagógica da primeira metade do século XX. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1827/edouard-claparde-um-pioneiro-da-psicologia-infantil>. Acesso em: 20/05/2017.

Andrade (1913), ao citar a *Revista de Ensino de São Paulo* (1911) como uma de suas referências para a escrita de seu manual, citou Binet para justificar seu pensar a respeito do uso de jogos competitivos na aula ou no recreio, e de como estes auxiliam no aperfeiçoamento da atenção e da memória, mostrou com isso, a importância dos métodos e da metodologia para a aprendizagem dos alunos.

Na terceira parte, ao falar sobre Metodologia, iniciou explicando a diferença entre metodologia geral e metodologia especial. Essa parte é semelhante ao encontrado no manual de Balthazar Góes (1905), pois classifica e define as distinções entre as metodologias, explicando e exemplificando os métodos pedagógicos em sintético e analítico. Nesse momento, foi possível perceber a inferência sobre o modelo que desejava implantar nas escolas primárias, notando-se que, mesmo depois de oito anos, ainda havia uma preocupação com a formação desses professores e definição das metodologias, considerando que, “[...] a escola atual pela sua má organização material e intelectual exerce depressivamente sobre o organismo da criança; e assim será enquanto a Pedagogia não for baseada na Psicologia, adaptando-se ao ensino ao modo de ser fisiológico e físico da criança” (ANDRADE, 1913, p. 80).

Por isso, Andrade (1913) explicou os tipos de métodos que podiam ser aplicados pelo professor em suas aulas, dentre eles o método socrático ou de investigação, que se procedia por meio de perguntas sucessivas e minuciosas, fazendo uma observação aos livros que traziam apenas perguntas e respostas. “Não era para o aluno decorar e sim refletir e raciocinar” (ANDRADE, 1913, p. 82), cabendo, portanto, ao professor adotar questões que acompanhassem o grau de desenvolvimento mental de seus alunos.

Segundo Helvécio de Andrade (1913), com o método Pestalozzi ou intuitivo, o professor deveria mostrar aos seus alunos o maior número de objetos possível, que indicassem o nome, a forma e o número, as dimensões, os volumes, a capacidade e peso, dentre outros, introduzindo-se depois o ensino do Desenho, da Geometria e da Escrita. Contudo, fazia-se as seguintes ponderações a respeito desse método: “[...] por mais simples e sedutora que seja a concepção a Pestalozzi, ela é deficiente, porque o número, a forma e o nome não são propriedades fundamentais de todas as coisas. O ar, o calor, o frio não tem forma, nem número” (ANDRADE, 1913, p. 83). Para ele, como não havia a presença de livros, o ensino seria todo intuitivo, pelos sentidos e por meio das lições de coisas. Esta passagem traz um questionamento sobre a defesa desse método, visto que ele colocava em dúvida a condução do método intuitivo com relação aos números, apesar de confirmar que todo o ensino deveria ser intuitivo.

No método de Gerard¹⁸ ou moral, a língua materna seria a base dos primeiros estudos, sendo o ponto de partida para o ensino elementar. Nele, a mãe ensinava seus filhos mostrando-lhe objetos, pronunciando os nomes, não só para ensinar a palavra, mas para instruir sobre tudo que diz respeito ao objeto (nome, forma e número). Segundo Andrade (1913), esse foi um continuador do método de Pestalozzi.

O método de Jacotot¹⁹, ou método natural, baseava-se em três princípios: o primeiro sustentava que se todos os homens tivessem a mesma força de vontade todos seriam igualmente inteligentes e instruídos; no segundo, o mestre deveria ser um guia no ensino; e, no terceiro, bastaria conhecer uma parte de qualquer ciência para que o resto viesse por si mesmo. Teceu crítica a esse método quando dizia que “[...] todos estes princípios quando muito generalizado são insustentáveis, tão culpado é o professor que tudo quer explicar, como o que nada explica” (ANDRADE, 1913, p. 85).

O método de Gaultier²⁰, ou recreativo, explicitava que, por meio de exercícios variados sob a forma de um passatempo envolvendo um esforço intelectual, o professor deveria trabalhar a teoria pela prática, articulando os sentidos, a inteligência e o coração da criança. Esse método reunia os melhores princípios de Pestalozzi e Girard, por ser auxiliado pelo estímulo recreativo. Conforme Andrade “ele é intuitivo, moral e interessante, e por isso geralmente empregado com maiores vantagens” (ANDRADE, 1913, p. 85). Por mais que tenha escolhido classificar esses cinco métodos, fez menção da importância de outros:

Além destes cinco métodos principais, há ainda o de João Cornelius, Socke, Jacques Rousseau, que entram nas duas grandes classes dos analíticos e sintéticos. Sendo a missão do mestre instruir e educar, a educação intelectual deveria caminhar ao lado da moral. Nenhuma filosofia é igual à do Evangelho Cristão, manancial perene de virtudes e grandezas morais. Os cinco métodos que acabamos de estudar encerram, todos eles, preciosos segredos, que deverão ser aproveitados anteriormente no ensino. Meditem sobre eles, e façam na prática as felizes aplicações que lhes sugerirem (ANDRADE, 1913, p. 86).

Esta passagem de Andrade (1913) remonta a uma proposta na qual direcionava explicações sobre todos os métodos em atividade, contudo, pediu ao professor que pensasse e utilizasse aquele que fosse possível de ser aplicado. Um tanto contraditório, pois os programas de ensino apenas falavam sobre o método intuitivo. Ele explicou a importância de cada um

¹⁸ Gerard Gilleman, teólogo da moral jesuítica francês. Ver: <https://goo.gl/bMQAyS>. Acesso em: 15/07/2017.

¹⁹ Jean Joseph Jacotot, nascido em Dijon em 1770, morreu em Paris em 1840, foi um pedagogo francês, criador de um método de ensino, chamado «Método Jacotot». Ver: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT02_846.pdf>. Acesso em: 15/07/2017.

²⁰ Abade Gaultier (17451818). Ver: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=http://www.sbhe.org.br/no-vo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/602.docx>. Acesso em: 15/07/2017.

deles, definindo como se enquadraria esses métodos na aula, conceituando-os como preciosos segredos, que deveriam ser aproveitados no ensino. Com relação aos princípios relativos ao ensino, ao aluno e ao professor, evidenciava que o ensino deveria ser racional, baseando-se na Psicologia, no conhecimento das faculdades mentais, na sua origem natural de desenvolvimento.

O ensino deveria ser intuitivo, isto é, dirigir-se ao espírito e ao coração por meio dos sentidos, principalmente pela vista. O ensino deveria ser em princípio analítico e depois sintético. O ensino deveria ser prático, porque a teoria sem a prática é estéril, sendo necessário praticar para saber. Deveria ser moral, religioso e cívico. A criança deveria conhecer seus deveres para com Deus, a família, seus semelhantes e a pátria (ANDRADE, 1913, p. 87).

As matérias de ensino deveriam ser coordenadas de modo que a criança recebesse os conhecimentos, os mais simples, passando depois aos mais complexos, de acordo com seu desenvolvimento mental (ANDRADE, 1913). O mestre deveria saber despertar no aluno a boa vontade para com a escola, a curiosidade e o interesse, todos os estímulos, enfim, capazes de favorecer suas aptidões, levando-o a trabalhar por si. Para este educador:

Hoje as melhores escolas são as que gastam mais giz, isto é, as que mais trabalham o quadro negro. Nas escolas americanas as paredes são revestidas de largos quadros negros, permitindo que muitos alunos trabalhem simultaneamente. No ensino de matemática, é preciso dispor de contadores mecânicos, de sistema de pesos e medidas, sólidos geométricos, etc. No de geografia e da história precisavam de cartas geográficas, esferas terrestres, retratos de homens célebres, etc. O ensino de ciências físicas e naturais deveria ser dado sob a forma de lições de coisas, sendo indispensáveis as séries de seres orgânicos e inorgânicos, quadros anatômicos, jardim e hortos botânicos, etc. Todos esses meios acessórios são necessários ao ensino intuitivo (ANDRADE, 1913, p. 93).

Esta assertiva rememora às determinações previstas nos decretos e programas de ensino da época, em Sergipe, apresentados no quadro 2, bem como aos princípios do manual *Lições de coisas*. Para fundamentar sua escrita, Andrade (1913) trouxe o caso das escolas americanas com o intuito de explicar como acontecia o uso do giz.

Ao abordar sobre o professor, o aluno e o livro no processo didático, dizia que o docente antigamente era tudo, e o discente um ouvinte passivo. O aparecimento do livro havia sido um progresso para a prática do professor e, quando aplicado, era “[...] um grande auxiliar, um excelente instrumento da instrução” (ANDRADE, 1913, p. 91-92), pois despertava a reflexão, a crítica pessoal e levava à meditação. Não obstante, segundo ele, alguns mestres descansaram, começaram a exigir tudo do aluno, uma vez que tinha o livro para ensinar-lhe. Ele culpava o pensamento pedagógico da época por exigir tudo da memória do estudante.

Para justificar sua fala, apoiou sua interpretação no contexto de Jules Gabriel Compayré (1843 – 1913), teórico da Pedagogia e político francês, professor de Educação da École Normale Supérieure de Fontenay-Saint-Cloud, autor de vários livros publicados na área de Filosofia, História da Pedagogia e Psicologia Aplicada à Educação, o qual dizia que o ensino deveria ser um comércio intelectual entre o espírito do mestre e do aluno, sendo o fazer agir o grande preceito do ensino moderno.

Trouxe explicações sobre os recursos fundamentais para as aulas de Matemática, considerando ser necessário dispor de contadores mecânicos, sistemas de pesos e medidas, sólidos geométricos e outros. No caso de ensino de Geografia e História, propôs o uso de cartas geográficas, esferas terrestres, retratos de homens célebres e outros. Com relação à disciplina de Ciências Físicas e Naturais, esta deveria seguir a forma das Lições de Coisas, sendo indispensável o uso de séries orgânicas e inorgânicas, quadros anatômicos, jardim e hortos botânicos, dentre outros. Para Andrade (1913), o ensino deveria ser intuitivo, dado de forma direta ou indireta, sendo importante por trazer resultados, a despeito de muitos professores o levarem com exagero. Em suas explicações, o ensino intuitivo deveria ser prudente, metódico e gradualmente ordenado, pois nunca o professor deveria confundir o espírito de seus alunos sem uma ordem na apresentação de seus conteúdos. Seria importante também que o ensino fosse graduado conforme a idade dos alunos, aos interesses da criança e o seu desenvolvimento intelectual (ANDRADE, 1913).

A fim de fortalecer seu modo de pensar, atribuiu essa ordem aos estudos de Spencer, afirmando, nas lições de coisas, que o aluno deveria falar mais que o mestre. Para isso, o mestre precisava apresentar ao aluno objetos, descrevendo-os, analisando-os, indicando suas propriedades. Assim, exigia que seus alunos falassem, por sua vez, descobrindo tudo com seu auxílio (ANDRADE, 1913). Neste sentido, as lições de coisas exigiam do mestre uma coleção de objetos ordenados, instrumentos apropriados, um profissional hábil, jeitoso, claro e conciso na linguagem.

Para isso as escolas deveriam possuir quadros, mapas, desenhos, modelos de construções simples, séries de animais orgânicos e inorgânicos, dos três reinos, devendo ser mais desenvolvido o estudo do corpo humano, dos órgãos e funções. O ensino intuitivo devia combinar a ação dos três sentidos intelectuais. Marcha do ensino intuitivo:

1. Colocar o objeto diante da classe.
2. Decompor o objeto, defini-lo e dividi-lo em partes, indicando o material que é feito, a cor, a forma, suas propriedades e usos, comparar com outros objetos análogos conhecidos.
3. Habituar o menino a descobrir por si mesmo essas coisas.
4. Fazer numerosas repetições e recapitulações.

5. Dar explicações e exigir respostas simples, claras e precisas (ANDRADE, 1913, p. 98).

Em resumo, explicava que os processos essenciais à aplicação do método intuitivo eram: a intuição pela vista e sentidos auxiliares, os exercícios, mecanismos que eram indispensáveis (a leitura, a escrita, ditados, a recitação), a leitura de livros, as preleções e Lições de Coisas, as interrogações, os exercícios de inversão e de composição, nesta marcha gradual do mais simples para o mais complexo, do concreto para o abstrato.

No estudo da Aritmética, o aluno deveria ser levado a encontrar a definição e a formular regra. Para o ensino prático da Aritmética seriam utilizados os contadores mecânicos, com os quais os alunos aprenderiam a contar, somar, diminuir, multiplicar. O fracionamento, a caixa de Carpentier²¹, o aritmômetro de Arens²², apenas depois de bem encaminhado nestas lições era que deveria saber de cor as tabuadas e estudar as regras da Aritmética. No estudo de Geografia, o professor seguiria o mesmo modo das lições de coisas até que a classe estivesse adiantada nos Conhecimentos Gerais. Depois disso era que os alunos estudariam os compêndios.

Na última parte, Andrade (1913) privilegiou seus conhecimentos médicos com a finalidade de firmar a importância do inspetor médico no espaço da escola. Para isso, afirmava que a inspeção médica das escolas era uma necessidade imposta pelos progressos da Pedagogia, necessidade decorrente do dever patriótico do Estado de preservar a criança de todas as causas de enfraquecimento e de atraso mental. Sua preocupação em firmar a importância do médico atrelada aos princípios da Pedagogia era defendida ao comparar a experiência em países cultos como Inglaterra, Estados Unidos da América, Bélgica, França, Suíça e Alemanha. Nesses países, a disciplina Higiene Escolar era colocada como matéria de primeira ordem no ensino público. Estas afirmações são apropriações retiradas da *Revista de Ensino de São Paulo* (1911), onde Andrade (1913) evocava a vida escolar naqueles países.

Visto ser dever patriótico das nações pôr em prática todos os métodos capazes de preservar a criança das causas de enfraquecimento físico e mental, nesse capítulo Andrade

²¹ Era uma caixa de lições de coisas com diversos objetos destinados ao ensino pelo método intuitivo. Ver: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135151/ISSN2316-9664-2013-02-02-106.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30/09/2017.

²² A apropriação dos chamados de aritmômetros, cujos modelos difundidos no Brasil eram formados por ábacos, bastões para ensinar os princípios do sistema de numeração decimal, instrumentos para o ensino do sistema métrico decimal, quadros sinóticos para ensinar a conversão de unidades, pequenos quadros para escrever, régua e outros dispositivos destinados à exploração das formas geométricas. A difusão do aritmômetro de Arens, modelo desenvolvido pelo irmão lassalista Anton Arens, cujo nome religioso era Irmão Marianus, era indicado para o ensino inicial das quatro operações fundamentais da aritmética, das propriedades do sistema de numeração decimal e também para a exploração do sistema métrico decimal. Ver: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/download/2201/1772>>. Acesso em: 30/09/2017.

(1913) fez referência à necessidade de um médico, em cada município, a fim de inspecionar a higiene da escola. Este cargo seria provido por meio de concurso público, numa tentativa de firmar o prestígio da figura médica no espaço da escola e ampliar o espaço de atuação de seus colegas médicos ou de continuar reconhecido. Cita Jules Simon²³ para ressaltar que a inspeção médica não tinha por fim apenas fiscalizar a saúde dos alunos, como também difundir os preceitos da higiene infantil no seio familiar, advertindo-as e instruindo-as sobre o estado de saúde de seus filhos.

Para frisar a importância dessa disciplina, evidenciava que as formas de saúde abrangem diversos estados do organismo e modos de ser da vida individual e coletiva – a idade, o sexo, o temperamento, as heranças, as raças, os hábitos e as profissões. Fundamentava que a idade apresentava quatro fases de existência: infância, adolescência, virilidade e velhice. A infância dividia-se em duas fases, na primeira, preocupando-se com a alimentação, defendia a importância do aleitamento materno, enquanto na segunda infância a preocupação voltava-se para a prática de exercícios físicos e dos sentidos. Andrade (1913) posicionava-se no sentido de que o pedagogo e o higienista deveriam caminhar juntos, ficando o higienista responsável por observar e acompanhar a localização da escola, os aspectos ligados às dimensões das salas e janelas, à altura do teto, à construção e existência dos banheiros, à iluminação, à limpeza do ambiente, à presença de pátios abertos e fechados.

Com relação aos livros, cadernos, louças, lápis, canetas, cartas geográficas, tudo devia ser cuidadosamente escolhido para não causar miopia às crianças. Os livros deveriam ser em papel forte, branco ou ligeiramente azulado, com letras grandes e tinta preta. As cartas geográficas deveriam ser impressas em letras visíveis. As carteiras americanas preenchiam perfeitamente os fins da Pedagogia moderna. Para fechar sua escrita, dizia que no estado de São Paulo, à frente do nobre labor em prol do futuro da nação, prevalecia o entendimento de que tanto mais forte e feliz quanto mais apto e instruído fosse seu povo. “De que vale uma nação de homens insuficientes, físico e mental? Um povo assim constituído, sem vigor de músculos e ideias será sempre um povo sem liberdade e sem autonomia, governando por ambiciosos e espertos”.

Para Andrade (1913), o modelo de São Paulo era referência para os demais estados, fala da qual pode se apreender como reflexo do que ele experienciou quando ficou em Santos no início de sua carreira profissional, ou pela aproximação que tinha com o professor Carlos

²³ Jules Simon (n. 27 de dezembro de 1814, Lorient - f. 8 de junho de 1896) foi um político francês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro da França, entre 12 de dezembro de 1876 a 17 de maio de 1877. Ver: <http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/s/simon_jules.htm>. Acesso em: 30/09/2017.

Silveira e outros intelectuais da época. Suas conexões permitiram-lhe articular, em seus discursos, as publicações que eram feitas em São Paulo. Contudo, não se pode deixar de dizer que este estado compunha uma circulação de ideias estrangeiradas, se publicava e traduzia muitos textos oriundos de outros países.

Na próxima seção será possível notar os aspectos legais do método intuitivo nas leis, regulamentos e programas que enfatizavam as diretrizes para o ensino primário.

3 “AS LIÇÕES QUE FAZEM MARAVILHAS”: ASPECTOS LEGAIS DO MÉTODO EM SERGIPE (1912 – 1917)

Formar o professor, fazer o mestre, é o primeiro passo a dar por parte dos que se empenham nesta benemérita e pacífica campanha, na qual têm os governos o dever da iniciativa e do incentivo, que não dispensam o empenho e o esforço de todos os que se interessam pelo progresso e pelo futuro da Pátria. Nesta questão o mestre representa a força, a energia e a direção. É preciso, por conseguinte, formar o mestre, pois nem todos nascem com as inclinações naturais e irresistíveis como Pestalozzi e Froebel, os quais seriam no entanto inúteis à humanidade, se a grande instrução que tiveram lhes não viesse aperfeiçoar as faculdades especiais, desenvolver os centros cerebrais da dedicação, do afeto, do altruísmo, que tão profundos, duradouros e sempre crescentes benefícios deixaram no gênero humano (DÓREA, 1917, p. 222-223).

O discurso do Presidente do Estado Dórea (1917), proferido no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe com o tema “A educação em Sergipe”, compõe o percurso de seu trabalho enquanto Presidente do Estado. Nele, trouxe à tona o quanto Sergipe encontrava-se longe de alcançar a efetivação de professores instruídos a aplicar o método intuitivo. Por meio de suas palavras, “é preciso formar o mestre, pois nem todos nascem com as inclinações naturais e irresistíveis como Pestalozzi e Froebel”, Dórea defendia que, por mais que existissem recursos modernos para a prática desse método, era preciso que os professores soubessem aplicá-los e que o governo de Sergipe precisava investir na formação desses professores. Para falar sobre o método intuitivo, o repertório cultural de Dórea (1917) baseava-se nos pressupostos de dois representantes do método intuitivo, que eram Pestalozzi²⁴ e Froebel²⁵, autores citados, na época, pelos intelectuais brasileiros. Pela sua fala, em 1917, ainda é possível afirmar que, por mais que tivessem a legislação como uma imposição, muitos professores ainda não sabiam como se utilizar desse método em suas aulas. Alguns por falta de informação, outros por falta de recursos. Por certo, era preciso “formar o mestre”.

Por isso, esta seção busca examinar como o método intuitivo foi configurado em Sergipe por meio das conexões, performaces e conflitos presentes em determinado grupo para a

²⁴ Johann Heinrich Pestalozzi, nascido em Zurique, em 12 de janeiro de 1746, falecido em Brugg, no dia 17 de fevereiro de 1827, foi um pedagogista suíço e educador pioneiro da reforma educacional (VALDEMARIN, 2004, p. 30).

²⁵ Friedrich Wilhelm August Fröbel (Oberweißbach, 21 de abril de 1782 - Schweina, 21 de junho de 1852) foi um pedagogo e pedagogista alemão, com raízes na escola Pestalozzi, fundador do primeiro jardim de infância (SOUZA, 2000, p. 15).

publicação de impressos em jornais, regulamentos e programas de ensino para as escolas primárias, entre os anos de 1912 e 1917, evidenciando os respectivos ideais e modos de pensar.

Ao investigar o cenário urbano de Sergipe, na década citada, os jornais da época consideravam a modernização da cidade de Aracaju, a partir de construções de prédios públicos como: palacetes; centros de diversões; cinema, em 1910; a chegada do primeiro automóvel, em 1913; construção de redes de esgotos, em 1914; o “Chémin du fer”, trem que ligava Salvador ao São Francisco (Propriá), em 1914 – estes indicadores evidenciam o projeto de governo para que a capital sergipana perdesse o jeito provinciano que a marcara até então. Ao contribuir com estes avanços, os governantes de Sergipe pretendiam participar dos privilégios e prerrogativas dos outros estados, a começar pelo privilégio da autoridade e do mando.

Conseqüentemente, sobre a Instrução Pública recairia o impacto das modificações realizadas pelo Estado na montagem do mecanismo de ação já implantado nos outros estados, que era implementar a prática do método intuitivo. Na prática, as mudanças nos regimentos e leis sobre esse método pouco se diferenciariam umas das outras, como demonstrava o regulamento de 19/10/1912. As inovações nele aparecidas visavam a atender apenas às necessidades imediatas, como a criação das escolas noturnas para adultos de ambos os sexos, que lhes permitissem “[...] ler, escrever e contar corretamente [...]”, em três anos de estudos. Eram exigências que se apresentavam aos operários que concorriam em trabalhar nas fabricas em funcionamento (NUNES, 2008, p. 228). Era comum encontrar nestes regulamentos e leis a retomada de trechos da legislação anterior, trazendo apenas a inclusão de novos autores e defendendo as mesmas ideias.

Foi no ano de 1912, que se publicou o primeiro *Programa de ensino direcionado ao ensino primário*, por Balthazar Góes e um regulamento escrito por Helvécio de Andrade sobre *A boa marcha do ensino primário*. Também nesse ano fundou-se o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, por Florentino Teles de Menezes, que conseguiu congregiar em torno da instituição, os personagens mais representativos da vida cultural e social aracajuana. A publicação de uma revista estimularia o interesse pelos estudos históricos e geográficos provincianos, e as sessões comemorativas tornaram-se momentos importantes da vida da capital sergipana.

A Instrução Pública mantida pelo Estado continuava, porém, com poucas modificações (VALENÇA, 2011). Continuava em ascensão o ensino particular que, já nessa época, contava com 102 escolas e matrícula de 2.151 alunos. Para adaptar o ensino primário aos moldes de São Paulo e Minas Gérias, o presidente Oliveira Valadão incluiu no regimento da Instrução Pública, a partir do currículo do curso primário, a introdução do ensino de Ciências Naturais (lições de

coisas). Sobre isso, foi possível delinear nas próximas páginas o que diziam as leis e os regulamentos sobre o método intuitivo.

3.1 O que diziam as leis, os relatórios e os regulamentos sobre o método intuitivo no estado de Sergipe?

Não há maior erro do que ensinar muito de uma vez. As lições grandes são do passado. As pequenas lições bem explicadas fazem maravilhas (ANDRADE, 1913, p. 12).

Apesar do Regulamento da Instrução Pública Primária já ter sido utilizado em outras pesquisas, optou-se aqui por apresentar algumas leis e regulamentos que mencionassem o método intuitivo. Para auxiliar na compressão sobre a organização e propostas de modernização do ensino, foi possível identificar, a partir de uma breve apresentação de aspectos relacionados ao método, o modo de aprender e ensinar no curso normal da Escola Normal de Aracaju. Dentre as fontes catalogadas para esta investigação, além dos decretos e regulamentos, foram localizados os programas de ensino. Estes foram documentos elaborados pela congregação de professores da Escola Normal, ou seja, pelos professores de cada cadeira, em específico. Por intermédio deste documento, tornou-se possível identificar, com detalhes, os conteúdos constantes no ensino de cada uma das matérias.

O decreto n. 571 de 1912 remete ao entendimento de que o método de ensino prescrito era o intuitivo, tendo em vista a concepção adotada pelo manual de Calkins (1886), o qual ressalta que: “[...] o processo natural de ensinar parte do simples para o complexo, devendo limitar-se, no seu início, ao conhecimento dos objetos que o aluno tem constantemente sob as vistas”. Por isso compreende-se que os processos essenciais à aplicação desse método estiveram voltados à intuição pela vista e pelos sentidos, tudo em um caminhar gradual do simples para o complexo, do concreto para o abstrato.

Dando continuidade, o texto *A boa marcha do ensino primário*, escrito em 1912 por Helvécio de Andrade enquanto diretor geral interino, regulamentou instruções aos professores das escolas primárias de como conduzir suas aulas ao bom aproveitamento do ensino, sendo publicado pela diretoria da Instrução Pública em outubro de 1913. Nesse texto, houve uma preocupação desse diretor em explicitar aos inspetores e aos professores de como deveria ser fiscalizada as condições pedagógicas do ensino e a apropriação do método intuitivo. O que se pretendia era zelo e competência por aqueles que se empenhavam a dedicar-se à educação, estas evidências fizeram o encaminhamento de escrita desta subseção.

Para Helvécio de Andrade seria um erro dar à criança noções superiores à sua idade. Seu pensamento se aproximava aos princípios do método intuitivo e aos fundamentos da Pedagogia moderna, que ressalta que cada idade corresponde a um interesse. Um ponto pertinente neste documento é a responsabilidade que é dada ao professor para que ele adquira seus próprios recursos pedagógicos, seja quadro negro, mobílias, relógio e cartas de Parker. Este pedido é comparado às profissões de médico, advogado e pedreiro, que sem seus instrumentos próprios não trabalhavam. Esta comparação surgiu, visto que as escolas eram consideradas senzalas áridas, secas e nuas (ANDRADE, 1913, p. 11).

Compactuando com as soluções para este problema, Ávila Lima escreve a Helvécio, em 21 de outubro de 1913, informando que, na União Americana, Suíça, Bélgica, Japão, dentre outros países, “[...] a educação cívica há feito os mais admiráveis progressos; e, nos países novos, muito principalmente, a formação do espírito cívico deve como é natural construir um assunto de preocupação constante”. Ao inferir sobre a prática da ginástica sueca em Sergipe, o inspetor Ávila Lima, em seu relatório escrito ao diretor da Instrução Pública, Helvécio de Andrade, em 21 de outubro de 1913, transpôs as citações desses autores:

Daí a seguinte lei da Psicologia, citada pelo dr. Mantovani: Todo o fenômeno físico é concomitante com um determinado fenômeno fisiológico, que, por sua vez, é uma parte especial do sistema nervoso. Herbert Spencer diz tudo em poucas palavras: Nos tempos primitivos, escreve este incomparável filósofo, quando atacar e defender-se era a primeira das atividades sociais, o vigor corporal era o fim essencial da educação; também está, nessa época, era quase essencialmente física. Pouco se cuidava então da cultura do espírito, e, nos tempos feudais, até se tratava esta cultura com desprezo. Mas hoje, que reina no mundo um estado de paz comparativo; hoje, que a força muscular não serve mais do que para os trabalhos manuais e que o bom êxito na vida depende quase inteiramente da força da inteligência, a nossa educação tornou-se quase que exclusivamente intelectual. Em vez de respeitar o corpo e de desprezar o espírito, nós respeitamos o espírito e desprezamos o corpo. Estes pontos de vista exclusivos ambos são maus. Não compreendemos ainda esta verdade que, visto a vida física ser o fundamento necessário da vida intelectual, a inteligência não deve ser desenvolvida à custa do físico. As duas concepções da educação, a antiga e a moderna, devem combinar se simultaneamente. (LIMA, 1913, p.8).

Helvécio de Andrade, enquanto diretor geral interino da Instrução Pública, em seu relatório apresentado ao presidente do Estado, em 15 de agosto de 1914, enfatizou o quanto era notória a preocupação com o atraso do estado perante as demais nações, ressaltando que:

Ainda hoje, aquele tempo de descuido e de indiferença atua nos municípios isolados por uma longa e penosa escravidão moral. Mantidos distanciados das virtudes republicanas, como fora da federação, ignorantes de evolução do país e do seu próprio valor, como célula *mater de regimen* de 89, os burgos podres, denominados municípios, viveram 20 anos de atraso, oferecendo as gerações

novas, tomadas de assombro, o espetáculo deprimente da ignorância, da opressão e do terror, do esquecimento de toda a fraternidade e de todo o respeito que se devem os homens (ANDRADE, 1914, p. 5).

Conforme se pode observar, o discurso proferido por Helvécio de Andrade recolheu, seletivamente, elementos referentes à situação da formação educacional daquela época e foi por meio desse discurso que ele construiu seu repertório, de acordo com suas necessidades de compreender certas situações e definir suas estratégias de ação. A partir dessas incursões foram apresentadas as performances criadas para a difusão do método intuitivo.

Nesses discursos, os autores expõem como funcionavam, nos demais países, o ensino público e os métodos apropriados e como eram organizados. Era, por sua vez, um discurso de idealização, pois queriam entender e explicar sobre o Brasil, visto que se encontravam insatisfeitos com o modelo de ensino. Pode-se dizer que essa difusão de ideias fez parte de uma iniciativa de implementar uma pedagogia científica atrelada à construção de laboratórios de pedagogia, e logo os princípios da Pedagogia uniriam-se à Psicologia. Essas duas disciplinas serviriam como fundamentos da prática docente.

Já no decreto de n. 587 de 1915, Helvécio de Andrade ressaltou o valor, justificou a predileção e divulgou a prioridade desse método quando recomendado ao cuidado do professorado. Os preceitos do método intuitivo estimulavam a aquisição do conhecimento por meio dos sentidos e despertavam a atenção espontânea do aluno, a fim e conduzi-lo à atenção refletida. Nisso consistia o segredo do ensino intuitivo, pois, do ponto de vista essencial, é o método da ação refletida preparatória para análise e síntese. Vê-se que o método intuitivo não se reduz aos dados imediatos da vista, mas aplica-se a todo e qualquer ensino (SERGIPE, 1915, p. 8).

A busca por vestígios que levassem ao esclarecimento de como se procedeu o ensino primário permitiu a identificação do método intuitivo em Sergipe. Dentre os deveres dos professores das escolas primárias previstos no decreto de n. 630 de 24 de abril de 1916, escrito por Manuel P. de Oliveira Valladão e Francisco Monteiro de Almeida, estavam a obrigatoriedade de uso de livros aprovados pelo Conselho Superior de Ensino e conhecimento dos regimentos da Instrução Pública, incluindo a aplicabilidade do método intuitivo em todas as matérias. Por isso, o ensino primário compreendia as seguintes disciplinas: leitura e caligrafia; ensino prático da língua portuguesa; aritmética até regra de três simples; noções de geografia geral e do Brasil, e particular de Sergipe e do Brasil; noções gerais de ciências físicas e naturais (lições de coisas) com aplicações à zootecnia e agricultura; educação cívica e moral;

desenho linear e noções de geometria plana; trabalhos manuais apropriados ao sexo; música (cantos e hinos por audição); ginástica e exercícios militares.

Para a Escola Normal, o curso acontecia em quatro anos, e seguia os mesmos preceitos sobre o método intuitivo em todas as matérias, de modo especial nas matérias de Pedagogia e Ciências físicas e naturais, evidenciando a importância desse método para aprendizagem dos alunos, como forma de que eles adquirissem melhor aproveitamento dos ensinamentos pela forma prática e intuitiva. As lições sobre qualquer matéria deveriam seguir o programa, sendo práticas, concretas e essencialmente empíricas, logo as faculdades das crianças deveriam ser desenvolvidas de forma gradual e harmônica, por meio dos processos intuitivos. Digo ainda que se costumava sempre divulgar pelas escolas o nome dos livros adaptados e a obra *Lições de Coisas*, de Calkins, para estudo do Mestre. Nisso verifica-se, nos objetos, semelhanças e diferenças dentro do alcance que a criança podia observar, de acordo com a maturidade, e facilitava-se por meio de um ensino ligado ao prazer da criança, de forma recreativa. Neste caso, facilitava-se a aprendizagem de forma curiosa e que fosse desenvolvida com amor, partindo do que é mais fácil, mais acessível, para o mais complexo.

A busca pela definição das diretrizes do ensino pode ser observada a partir da conferência de Rodrigues Dórea que, nesta possível captura de informação, relata:

Presenciei nos poucos dias que tive a fortuna de estar na América do Norte, ao qual me refiro, não por pressupção de turista, mas para reforçar minhas asserções com o meu próprio testemunho, o exemplo de uma nação grande, que quer ser maior, e há de ser, pelo patriotismo de seus filhos, preocupados com a grandeza futura de seu país. Está chamando as atenções do mundo, por exemplo, o Instituto Rockefeller de New York, no qual já se falava sobre o ensino experimental. Ao encontrar com o amigo dr. Oliveira Lima que fazia curso na Universidade de Harvard, e que já havia feito outro curso na Universidade da Pensilvânia foi possível conversar sobre o ensino intuitivo (DÓREA, 1917, p. 228).

Esse discurso de Rodrigues Dórea (1917) clarifica que o método intuitivo de Sergipe não estava apenas ligado ao que Rui Barbosa havia traduzido como instrumento educativo naquele período. As relações sociais também traziam, em seu bojo, uma estratégia política de ação, a qual se chamará de estruturas de oportunidades. Quanto às citações e referências estrangeiras utilizadas pelos professores da Escola Normal, mesmo sendo provenientes de relações de amizade, com trocas de relatórios e projetos de governo, essas obedeciam a propósitos políticos, motivo pelo qual eram selecionadas apenas aquelas conforme o potencial para legitimar ações políticas em seu governo.

Rui Barbosa, como divulgador desse método no Brasil, previa que seria a solução para os problemas da educação no país, sendo este o repertório que utilizou para fortalecer a implementação de suas ideias. Cada um jogava com os arranjos que conseguia com as estruturas de oportunidades políticas. Segundo Souza (2000), no início do século XX, foi necessário criar uma estrutura para as escolas com criação de prédios próprios, com estrutura física, administrativa e pedagógica, que pudesse ser equiparada aos modelos estrangeiros. Portanto, o meio de mudar a sociedade, em seus modos e costumes, seria no espaço da escola.

Constatou-se também, nos programas de ensino, o currículo das disciplinas da Escola Normal de 1917 e obteve-se a relação de conteúdo: a de Zoologia e higiene, que ocorria no 4º ano, foi escrita por Helvécio de Andrade, nela consta orientação do uso do método intuitivo para o ensino de História natural devendo ser utilizado o livro de Carlos Moraes. No caso da disciplina de pedagogia da professora Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, os ensinamentos, a evocação da educação dos sentidos, a educação intelectual, o conhecimento concreto, a cultura da atenção, métodos de ensino e modos de ensino, e como indicação de leituras os manuais de *Lições de pedagogia* de L. Chasteau (tradução de Antônio Figueirinhas) e *Lições de pedagogia* de Helvécio de Andrade. Na disciplina de Francês, a professora Norma Reis evocou o método intuitivo de Léon Gouy.

Em continuação aos textos de Helvécio de Andrade, ao escrever em 1917 sobre *Princípios fundamentais das Lições de Coisas*, foi escrito que o preceptor começasse o ensino do ponto em que se achava o aluno ao iniciar a vida escolar e o adiantaria o espírito passo a passo. Ou seja, levando em consideração o nível em que o aluno tivesse ao chegar à escola, o professor deveria ir ensinando paulatinamente, partindo das coisas que ele já conhecia, para depois apreciar novas ideias, ainda que, antes de aprender as palavras, estudassem a noção das coisas.

Nesses regulamentos está registrado o panorama da educação em Sergipe. Esses documentos evidenciam o zelo, em especial, quanto ao método de ensino que os professores deveriam aplicar em sala de aula, tanto para melhor aproveitamento do ensino, quanto para o bom desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

A partir desses estudos, observa-se a proximidade com os demais estados, no que se refere a defender e divulgar em seus programas e legislação a aplicabilidade do método intuitivo. Essa concepção afinava-se com o discurso que se empreendia nos demais estados brasileiros, que buscava a construção de uma nação por meio da educação. A instrução pública deveria se preocupar com o desenvolvimento moral, intelectual e físico das crianças, ministrando-lhes conhecimentos úteis à vida. Os intelectuais da época pregavam a relação dos

princípios da Educação Física, Educação Moral e Educação Intelectual (1888), compactuando com a obra de Spencer, nominada *Educação intelectual, moral e física*, na qual defende que a ciência e a natureza poderiam ter as respostas de como a sociedade deveria se orientar.

Em Sergipe, enquanto inspetor do ensino, Ávila Lima apresentou o que observava em suas visitas às escolas, dentre elas a preocupação pela instrução física, moral e intelectual. Esse repertório ajuda a desvelar a configuração do método intuitivo em Sergipe, sendo possível demarcar as posições e a disputa política pelo controle da Instrução pública. Portanto, as cenas que serão apresentadas, neste trabalho, buscam fazer o entrecruzamento das posições destes sujeitos, como circulavam suas ideias sobre o estatuto da Pedagogia moderna e do método intuitivo, as rixas entre eles, os lugares que frequentavam e o que conseguiram publicar são fundamentais para construir seus repertórios culturais e performances. A constituição destes repertórios e performances é vista como um cardápio alargado de modelos sobre uma prática pedagógica frente ao método intuitivo. Assim, contextualiza-se a disputa de como cada sujeito pensava o método intuitivo.

Para saber como as ideias sobre o método intuitivo chegaram em Sergipe, a conferência proferida no IHGSE, em 23 de setembro de 1917, por José Rodrigues da Costa Dórea (1857 – 1938), natural de Propriá, médico e político em Sergipe no período de 1908 a 1911, aponta que:

Foi no mesmo Estado que uma grande educadora americana, Miss Brown, concorreu poderosamente para levantar a instrução ao nível em que se acha, sendo hoje esse Estado o viveiro onde se vai buscar pessoal competente, professores capazes, e onde fui requisitar e contratar o dr. Carlos da Silveira, que deixou aqui tão magnífica passagem, e onde já haviam outros Estados ido buscar elementos para reconstruírem a sua instrução. Hoje todos lamentam a saída do professor competente, que infelizmente recusou voltar ao Estado, por convite louvável do Presidente, ressentido, talvez ainda, da desacertada demissão, acompanhada, para a justificação para o ato mal inspirado, da inconsistente invenção de que o ilustre professor não era mais do que um desvalorizado, protegido de amigo meu, ao qual eu queria dar meio de vida, o que determinou, ao solicitar aquele professor a rescisão do contrato, dizer em alta e digna carta ao presidente que o demitira, que “em tempo declarava que veio a Sergipe indicado pelos seus superiores de São Paulo, tendo tantas relações com o governo que havia saído como com o governo em exercício” (DÓREA, 1917, p. 231).

Com relação aos laços que se atam e se desatam entre as fontes deste estudo, num primeiro momento de investigação e pesquisa, pensava-se que Sergipe seguia apenas o que era divulgado no estado de São Paulo, pela presença do professor paulista Dr. Carlos Silveira. Na conferência proferida em setembro de 1917, o Dr. Rodrigues Dórea ressaltava:

Fiz vir de outro Estado um mestre habilitado para remodelar nossos professores e iniciá-los nos processo modernos de ensino, instruindo-lhes sobre noções novas, métodos modernos e racionais, deduzidos do estudo das crianças, concorrendo por esse jeito a instrução de meio de desabrochar nelas a inteligência, ensinando-lhes a atender, a compreender, a raciocinar, poupando-lhes inúteis cansaços, pois que a instrução deve ser ministrada de modo a não perturbar ou embaraçar, tanto o desenvolvimento físico como o intelectual do menino (DÓREA, 1917, p. 226-227).

Carlos Silveira veio a Sergipe a convite do Dr. Rodrigues Costa Dórea para capacitar os professores sobre a Pedagogia moderna e o método intuitivo. Ao coletar as fontes no Arquivo Público do Estado de Sergipe (Apese) e no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), percebeu-se que existia uma rede de sociabilidades entre o diretor da Instrução Pública com pessoas de outros estados, seja pela presença nos congressos de instrução pública ou pelos relatórios que se trocavam entre eles. É pertinente esta passagem, pois, na conferência de Rodrigues Dórea, transpõe-se a divulgação sobre a necessidade de formação dos professores para a aplicação do método intuitivo em Sergipe, apesar da legislação trazer suas evidências bem antes. O que se pode dizer é que foi aplicado na legislação, sem, contudo, os professores saberem como desenvolvê-lo em suas aulas, motivo pelo qual o convite foi feito, pelo presidente Rodrigues Dórea, ao professor de São Paulo para instruí-los sobre o método.

A fim de aprimorar seus anseios em organizar a Instrução Pública de Sergipe, os professores da Escola Normal escreviam diversos textos em jornais e publicaram manuais sobre o método intuitivo. A rede construída por esses sujeitos contribuiu na criação de centros literários, na participação de congressos fora do estado de Sergipe e na busca de manter contato com amigos de outros estados a fim de fortalecer seus vínculos de amizade. Não foi somente por intermédio de amizades que os grupos buscaram legitimar seu modo de pensar, os impressos, em especial os relatórios de inspeção, evidenciam as deploráveis condições para a aplicação do método intuitivo. Como professor escrevia e discursava sobre melhorias na instrução pública, Ávila Lima enviou a Helvécio de Andrade a seguinte sugestão para a criação de um imposto a fim de melhorar as condições da educação primária.

[...] uma certa renda para melhoramentos da educação sergipana. Se os princípios jurídicos me enganam, do modo por que está instituído o nosso regime republicano, acho tal pensamento contrário a direito. Se, por disposição expressa do art. 68 da Const. Federal, os municípios são autônomos, em tudo quanto respeita ao seu peculiar interesse, os poderes municipais não são passivos de quaisquer obrigações, senão por deliberação de seus respectivos conselhos. Seria mais lógico o Estado criar ou aumentar um imposto, já existente, aplicando essa nova receita à educação da infância e da adolescência. Certo lhe não negarão apoio os sergipanos dignos deste nome, porque – *salus societatis suprema lex esto*. Esqueçamo-nos das

intendências: são o osso descarnado, hirto e frio da politique local (LIMA, 1917, p. 11).

O discurso de Ávila Lima (1917) mostrou a preocupação pela melhoria da educação pública e da constituição da educação nos moldes da modernização. Sua rede de sociabilidades permitiu-lhe ter fôlego para impor e dispor com seus pares. Uma dessas disputas foi pela sua cadeira na Escola Normal, quando impôs seu repertório cultural como performance para a legitimação no campo educacional de Sergipe. Com este enfoque, este texto, por meio da citada rede de sociabilidades, apresenta o discurso sobre o método intuitivo em Sergipe, apropriando-se das falas de professores da Escola Normal.

Nesses discursos, falava-se sobre os seus anseios e sobre suas conquistas, portanto, o que estava posto, naquele período, era uma amostra da arte de ensinar frente a um modelo no qual pudessem, o professor e o aluno, entrar em contato com o conhecimento a partir da sensibilidade, ou seja, a partir da intuição.

Mais uma vez, são encontrados personagens que absorveram as ideias produzidas na Europa e nos Estados Unidos, cujos esquemas aprendidos foram compartilhados, a fim de dar visibilidade ao seu trabalho. Esta ambiência cultural, de difusão do método intuitivo, permitiu adotar estratégias que refletiram sobre o cenário republicano. Partindo desta premissa, pode-se dizer que as páginas iniciais do método intuitivo estiveram vinculadas a personagens-chave envolvidos na organização do novo regime político, mas cuja atuação remonta às últimas décadas do Império, nos planos políticos, cultural e educacional.

É notório pelos recortes das fontes apresentadas que, em Sergipe, os governos procuraram promover mudanças por meio de Leis, de Decretos, Regulamentos, mas essas mudanças ao que tudo indica nem sempre se cumpriram. Por razões como a falta de recursos, a construção de prédios próprios não foi realizada. Será esboçado nas próximas páginas o que propunha os programas de ensino no período de 1912 a 1917.

3.2 “Lousas limpas, decentemente vestidos e mãos asseadas”: as normas e os programas de ensino

[...] Se acompanhamos os debates que se travavam na área da educação ao longo do século XIX, mais especificamente aqueles que se referiam às determinações sobre os conteúdos escolares, ou seja, sobre aquilo que, no século XIX, chamamos de programas e currículos escolares, veremos que a sua extensão está intimamente relacionada à organização e à utilização dos tempos escolares e, daí, com os métodos pedagógicos, ou, mais especificamente, com a organização das turmas e das classes (FARIA FILHO, 2000, p. 149).

Na tentativa de entender as alterações propostas pelos regimentos, foi necessário conhecer os programas de ensino, o que contavam sobre o método intuitivo, os livros a serem adotados e o repertório cultural escolhido por eles para divulgar esse método em Sergipe.

Também será possível a compressão de como eles pensavam o método, visto que, do ponto de vista pedagógico, o método é a forma de escolher e preparar a matéria de ensino; os processos são expedientes que se articulam imediatamente à forma de exposição dos conteúdos da matéria de ensino. O método caracteriza o ordenamento dos conhecimentos prezando a progressão natural dos saberes. Se o método garante a ordem natural das ideias, então os processos articulam-se à exposição das ideias.

A fim de realizar uma análise sobre a presença do método intuitivo em Sergipe, foi necessário estudar os programas de ensino entre o período de 1912 a 1917. Nos programas enfatizava-se que o ensino continuava a ser intuitivo, de forma prática e concreta. Nesse período, publicaram-se modelos de como incluir o método intuitivo no currículo das escolas primárias.

A análise e compreensão dos métodos de ensino, da organização dos programas escolares e dos procedimentos didáticos, pelo que se concebeu neste estudo, não devem ser trabalhadas separadamente das questões que envolvem os conteúdos escolares e as sugestões de leituras daqueles que redigiram esses programas de ensino. Neles, é possível conhecer os repertórios utilizados pelos professores da Escola para difundir o método intuitivo e o perfil do cotidiano escolar que se pretendia implementar. Será, com este diálogo, possível descortinar os que podiam ensinar, o que e como se devia ensinar?

Ao manusear o livro de Atas do Conselho Superior da Instrução Pública de Sergipe, presente no Arquivo Público do estado, obteve-se a informação pertinente à apresentação do Programa de ensino escrito pelo professor Balthazar Góes, no dia 17 de janeiro de 1912, para uma possível avaliação entre uma das pautas deste encontro. Nesta reunião, estiveram presentes o Cônego Francisco Gonçalves Lima, como presidente, Dr. Cândido Costa Pinto, como diretor do Atheneu, Dr. José Moreira de Magalhães e Francisco Teixeira de Farias, Balthazar Góes e João Antônio de Oliveira, como professores.

No dia 20 de janeiro de 1912, esse programa foi aprovado de forma unânime. A defesa escrita pelos senhores Dr. José Moreira de Magalhães, João Antônio de Oliveira e Francisco Teixeira de Faria, enfatizava a experiência profissional de Balthazar Góes que, desde a juventude, “[...] já trabalhava afanosamente em favor da instrução e colocando esse programa como um trabalho didático que merecia atenção e o pensar dos competentes, pela simplicidade do método com que desenvolveu e resolveu os problemas da instrução preliminar, pelo modo

de dizer com clareza admirável”. Era apresentado, neste documento, como professor conceituado na área da Pedagogia e da Psicologia, cujo programa era formado por aplicações da Pedagogia em todas as matérias constitutivas do curso primário.

Ao longo de sua trajetória, Balthazar Góes inseriu-se, no campo educacional, como mediador da organização do projeto de governo educacional em Sergipe. Sua passagem, como Diretor e professor da Escola Normal, permitiu-lhe construir estratégias de inserção sobre o pensar educacional no ensino primário. A mobilização para a aceitação desse programa de ensino foi entendida como estratégia de oportunidade conquistada por meio de um grupo de professores, daqueles que acreditavam e defendiam o modo de pensar a educação e o ensino intuitivo em Sergipe. A produção de seu programa de ensino remete a pensar que as formas de projeção e afirmação conquistadas por Balthazar Góes são resultados de sua experiência como educador. Esta teia de relações pessoais de Balthazar Góes mostra os laços entre os indivíduos, logo o eixo de cada um é considerado como um processo de experiência profissional assemelhado – em que cada indivíduo passa por experiências comuns –, no qual todos estavam engajados na formação de um projeto de ensino que subsidiasse a mobilização para a inserção do método intuitivo.

O referido programa de Balthazar Góes, publicado pela tipografia O Estado de Sergipe, consta de 17 páginas, em um texto composto pelas seguintes disciplinas: Língua Materna, Aritmética, Geografia, História, Desenho, Música, Ginástica, Lições gerais e Educação Moral e Cívica. Antes de iniciar seu programa de ensino acerca do ensino primário de Sergipe, esse professor fez questão de mencionar algumas explicações aos professores sobre a ordem dos conteúdos. “As sessões são divisões de classes; os parágrafos, em romano, divisões dos exercícios das disciplinas; as letras – a, b, c, d, etc. São passos ou lições da disciplina de cada sessão” (GÓES, 1912, p. 5).

Seu programa estava destinado ao curso primário, entretanto, fazia menção também aos grupos escolares, já que também assumiu na época a direção dos grupos escolares da capital. Góes “[...] acreditava que todo trabalho pedagógico que não for baseado na razão, no bom senso e na experiência, não preenche o seu fim, sendo considerado completamente inútil” (GÓES, 1912, p. 3). A prática de assumir várias funções, ao mesmo tempo, no governo, pode ser explicada pela falta de profissionais aptos e formados para determinadas funções, ou mesmo como uma estratégia política de manter sempre os membros de seu grupo nas funções administrativas do governo. Isso mostra a defesa pela manutenção de estar sob os olhares da época, ou mesmo em busca de uma ascensão social e cultural.

Ao se retomar a compreensão do programa de Balthazar Góes, nota-se que ele selecionou, como primeiro tópico de seu programa, as explicações sobre os procedimentos metodológicos para cada disciplina. Como disciplinas para o programa, ele sugeriu (Quadro 6):

Quadro 6 - Programa do ensino primário de 1912 de Balthazar Góes

1º ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Língua materna	Língua materna	Língua materna	Língua materna
Aritmética	Aritmética	Aritmética	Aritmética
Geografia	Geografia	Geografia	Geografia
História	História	História	História
Desenho	Desenho	Desenho	Desenho
Música	Música	Música	Música
Ginástica	Ginástica	Ginástica	Ginástica
Trabalhos manuais	Trabalhos manuais	Trabalhos manuais	Trabalhos manuais
Lições gerais	Lições gerais	Lições gerais	Lições gerais
			Educação Moral e Cívica

Fonte: Repositório da UFSC.

No estudo da Língua Materna, Balthazar Góes²⁶ sugeriu a Cartilha de Hilário Ribeiro e o Sistema de João de Deus; enquanto para o ensino de Aritmética, a orientação era para o uso das Cartas de Parker; o ensino de História deveria começar pela biografia dos homens; o Desenho deveria seguir a Coleção Olavo Freire; na disciplina de Música eram entoados hinos patrióticos e escolares; a Ginástica era direcionada aos exercícios de agilidade e força; nos Trabalhos Manuais, o currículo era diferenciado para os alunos do sexo masculino e feminino; e nas Lições Gerais era trabalhada a Educação dos Sentidos.

O Programa de Helvécio apresentou mais detalhes nos conteúdos do que no ano de 1912, com uma descrição que, em muitas vezes, se assemelhava ao Programa de 1912. Em contraponto, o programa de Helvécio de Andrade, de 1915, apresentado com 26 páginas e também publicado pela tipografia O Estado de Sergipe, era direcionado ao curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas. Não diferente daquele de Balthazar Góes, antes de iniciar a definição dos conteúdos de cada disciplina, esse programa trazia instruções particulares sobre como deveria ser a metodologia da aula, apelando para uma sequência de (a) a (f) para orientar o professor como se comportar perante sua turma e sempre fazer perguntas individuais aos

²⁶ A figura de Balthazar Góes apenas foi possível visualizar no cenário educacional de Sergipe até 13 de janeiro de 1914, data em que ele faleceu na capital Aracaju (ANDRADE, 1913).

alunos antes de expor o conteúdo. Apresentando o método de ensino intuitivo como objetivo, para Helvécio de Andrade seria importante ao professor saber que:

Nenhuma lição de coisas ou de leitura elementar será dada senão sobre objeto muito conhecido dos alunos e que o professor possa mostrar em natureza ou pintura [...]. O professor durante uma lição não deixará as outras secções desocupadas, num instante, dar-se-lhe-a, até preencher o horário, cópias a fazer das últimas lições ou quaisquer outros exercícios apropriados. (ANDRADE, 1915, p. 4).

Suas lições são apresentadas por etapas, divididas em meses entre fevereiro-março, abril, maio-junho, julho-agosto, setembro, outubro-novembro, todo o programa seguindo o método objetivo. Na aula de leitura, utilizava-se a Cartilha Analítica e o livro de R. Pestana, enquanto as Lições Orais adotavam a instrução sobre Higiene e Asseio. O estudo da escrita subdividia-se em período até abril, utilizando-se do lápis de pedra e depois o lápis de pau, além do livro de caligrafia vertical de Francisco Viana. Para o ensino de Aritmética sugeria as Cartas de Parker e o Caderno de Ramon Roca, Desenho de Olavo Freire, as aulas de Música apresentavam as cantigas infantis de Menezes Vieira e a Ginástica era a sueca. O ensino de História adotava o livro *Meu Sergipe*, de Elias Montalvão. O ensino de Gramática adentrava, no 3º ano, com a Gramática de Pape Charpentier, o desenho seguia o livro *Desenho linear*, de Abílio Cezar Borges, a Educação Moral e Cívica o livro *A história por seus heróis*, de Sílvio Romero, e apenas no 4º ano usava-se a *Gramática elementar*, de João Ribeiro. Na parte da educação, indicava-se o manual *Lições de coisas*, de Ruy Barbosa, na caligrafia eram utilizados cadernos usados – gótico. No Quadro 7, expõem-se as disciplinas desse Programa de Andrade.

Quadro 7 - Programa do ensino primário de 1915

1º ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Leitura (lições orais)	Caligrafia	Leitura Gramática	Leitura Gramática Elementar
Caligrafia	Aritmética	Caligrafia	Caligrafia
Aritmética	Desenho	Aritmética	Aritmética
Desenho	Geografia	Desenho	Desenho
Música	História	Geografia	Geografia
Ginástica	Música	História	História
	Trabalhos manuais	História Natural (Física)	História Natural (Física)
	Ginástica	Educação Moral e Cívica	Educação
		Música	Música
		Trabalhos manuais	Ginástica
		Ginástica	Trabalhos manuais

Fonte: Repositório da UFSC.

Com relação aos conteúdos referentes às disciplinas constantes do Quadro 7, observou-se que a maioria se complementava, pois, antes de iniciar o estudo de uma disciplina, seria

necessário fazer uma revisão do ano anterior. Algumas disciplinas seguiam os mesmos conteúdos dos anos anteriores, como acontecia nas disciplinas de Desenho, Música, Ginástica e Trabalhos Manuais. No caso do programa de 1916, de Helvécio de Andrade, produzido em 23 páginas e publicado pela tipografia O Estado de Sergipe, foi direcionado ao curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas. Esse programa traz o mesmo repertório utilizado em 1915, apresentando as seguintes disciplinas (Quadro 8):

Quadro 8 - Programa do ensino primário de 1916

1º ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Leitura (Lições Orais) Escrita Aritmética Desenho Música Ginástica Trabalhos manuais	Leitura Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História Música Trabalhos manuais Ginástica	Leitura. Gramática Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História História Natural (Física) Educação Moral e Cívica Música Trabalhos manuais Ginástica	Leitura. Gramática Elementar Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História História Natural (Física) Educação Música Ginástica Trabalhos manuais

Fonte: Repositório da UFSC.

O programa de 1917 (Quadro 9) de Helvécio de Andrade, com 24 páginas, difere dos demais programas em sua publicação, que foi feita pela tipografia da Imprensa Oficial. Esse programa, direcionado para o curso primário nos grupos escolares e escolas isoladas, apresentou o mesmo repertório utilizado em 1915 e 1916. Contudo, incluiu explicações particulares sobre como o aluno deveria se apresentar perante uma pergunta do professor, notando-se que o disciplinamento estava bem presente.

Os alunos responderão de pé a chamada, e nesta atitude se conservarão, mãos para trás, até que o professor dê o sinal para sentarem-se; Antes de dar o sinal para os alunos sentarem-se, o professor passará rapidamente revista à classe, para verificar se todos estão preparados para as lições, isto é, se trazem as lousas limpas, lápis, papel, e se estão decentemente vestidos, as mãos asseadas, fazendo de passagem as condições precisas, dando conselhos, etc.; O professor não indicará os trabalhos com uma classe antes que a outra esteja ocupada; Antes de determinar um exercício o professor explicará rapidamente como deve ele ser feito; Toda vez que os alunos levantarem-se ou estiverem desocupados, em torno do quadro negro, da carta de Parker, cruzarão os braços ou conservarão as mãos para trás; Em classe o maior silêncio deve ser mantido com vigor, em benefício da disciplina e da atenção, e disso depende todo o êxito do ensino (ANDRADE, 1917, p. 4).

O discurso sobre higienismo se mostrou presente nos textos de Helvécio de Andrade, não apenas porque era médico, mas porque também era uma prática constante, naquele período, instruir a sociedade sobre os hábitos de higiene, o cuidado com o corpo, a fim de evitar a proliferação de doenças no espaço social e, de modo especial, na escola. Outra relevância, nesta citação, é a presença dos recursos pedagógicos em sala, tais como as Cartas de Parker e o quadro negro, sendo o primeiro muito requisitado no período de inserção do método intuitivo. Os alunos sempre deveriam estar ocupados, utilizando-se dos sentidos para o disciplinamento do corpo e da mente. Como disciplinas possíveis, Helvécio de Andrade sugere as apresentadas no Quadro 9, em seguida:

Quadro 9 - Programa do ensino primário de 1917

1º ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Leitura (Lições Orais) Caligrafia vertical Aritmética Desenho Música Ginástica Trabalhos manuais	Leitura Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História Ciências físicas, naturais e educação Música Trabalhos manuais Ginástica	Leitura Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História Ciências físicas, naturais e educação Música Trabalhos manuais Ginástica	Leitura Caligrafia Aritmética Desenho Geografia História Ciências físicas, naturais e educação Música Ginástica

Fonte: Repositório da UFSC.

Ao final de seu programa, Helvécio fez esta sugestão: *Cartilha Analítica* de Arnold ou Arnaldo Barreto; *Leitura* de R. Pestana; *Minha Pátria* e *Contos Pátrios*, na aula de História; e Geografia continuou com Elias Montalvão; *Por que me ufano dos meus pais*, A. Celso, Autores contemporâneos, João Ribeiro, Livros de composição de Bomfim e Bilac (para o professor); *Aritmética Elementar* de Trajano e Ramon, *Cadernos de Aritmética* de Ramon; *Gramática Elementar* de Pope, G. Andrade e João Ribeiro; *Geografia Elementar* de Lacerda, *Lições de Coisas* de Ruy Barbosa (para o professor); *Caderno de Desenho*; *Caderno de Caligrafia Vertical*; Cartas de Parker; contadores mecânicos, pesos, medidas, mapas, globos, séries de animais orgânicos e inorgânicos, dentre outros.

O levantamento e a seleção destes programas de ensino permitiam ver a insistência da referência do livro *Lições de coisas* como uma estratégia de evidenciar a difusão do método intuitivo, bem como das disciplinas Lições gerais e depois Ciências Físicas, Naturais e Educação. Como é possível dar visibilidade ao método apenas por duas disciplinas, ou apenas

pela sugestão de uso das Cartas de Parker para afirmar que o método estava sendo aplicado pelos professores?

Ao saber que o método é o caminho, então é a via que conduz a um dado fim. O método engloba um conjunto de passos sistematizados e, principalmente, ordenados a fim de abordar a busca por um saber, por um conhecimento. Os resultados alcançados nessa busca são frutos da escolha de um determinado caminho, isto é, de um método. Logo, estas descrições não são encontradas nestes programas, são delineadas sugestões de conteúdos e direcionamentos ante as nomenclaturas para as disciplinas, o que mais se aproxima são as sugestões de leituras para a condução destas aulas. É importante rever estes programas como uma forma de catalisar os instrumentos didáticos selecionados para a aplicação desse método.

A fim de melhor ilustrar estas observações nota-se que, no programa de Balthazar Góes, existem apenas sugestões de conteúdos e bibliografia; contudo, os programas de Helvécio de Andrade apresentam mais explicações sobre a organização metodológica de cada disciplina, com passos instrutivos de como iniciar, desenvolver e finalizar cada aula, lembra ao professor que sempre deve retomar os conhecimentos da última aula, utilizando-se da oralidade dos alunos para iniciar a aula, algumas vezes chama estas orientações de passos, outras de exercícios, bem como também de exemplos. As instruções de Helvécio de Andrade são separadas por meses, apresentando variáveis com relação ao programa de Balthazar Góes.

Uma coisa é certa, em meio a esta luta pela legitimação de quem sabia mais, o campo educacional de Sergipe depositou todas as esperanças na dimensão pedagógica trazida pela definição da intuição. Tudo leva a crer que o ideário dos preceitos do método intuitivo seria a salvaguarda para os problemas da educação primária. Tudo seria resolvido com o uso deste método.

Entretanto, o método sugeria recursos que não estavam disponíveis a todos os professores, era difícil adquirir tal programa, apenas com a visita dos inspetores é que se dialogava sobre esse método e alguns professores nem sabiam por onde começar, quanto mais como utilizar tal bibliografia sugerida.

Para a divulgação de seus ideais, sua forma de pensar a educação e os preceitos modernos da época, era precisar chamar a atenção da população por meio de jornais, veículo de comunicação que trazia à tona a conjuntura política, cultural, educacional e social. O contato com esses jornais permitiu conhecer as querelas entre os professores da Escola Normal, como se tratavam e viam a difusão do método intuitivo. Logo, nas próximas discussões serão mais visíveis as ações performáticas desses professores, principalmente o discurso de Helvécio de Andrade e Ávila Lima.

3.3 “Anda a correr meio mundo”: as querelas nos jornais sergipanos

O confronto político tem início quando, de forma coletiva, as pessoas fazem reivindicações a outras pessoas cujos interesses seriam afetados se elas fossem atendidas. (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009, p. 11).

Os jornais no início do século XX destacaram-se como um espaço autônomo em relação à concentração de autonomia para a divulgação das ideias de seus donos. Além disso, também assumiram uma função educativa e informativa dos acontecimentos da época. Os intelectuais se tornavam repórteres, vendiam artigos, faziam propaganda de remédios e de seus serviços, escreviam letras e propagandas, e abasteciam os folhetins com seus ideais e/ou ainda simplesmente os traduziam para que fossem publicados na imprensa local. Serviam como vitrine para a exposição de suas defesas teóricas, dos temas pedagógicos que acreditavam ou que lhes trariam benefícios. Estes textos eram escritos por um grupo social especializado no cumprimento de sua ação civilizadora e que circulava principalmente no espaço das escolas.

Nesta parte são esboçadas as conexões constituídas pelos professores da Escola Normal na configuração de seus cargos, no modo como discutiam o método intuitivo e sobre a aprovação de suas publicações. Junto a isso, também são expostos alguns dramas e conflitos enfrentados, por eles, para a manutenção de seus cargos, os laços que foram construídos, as disputas dentro de seu campo de poder, seja na formação pessoal ou profissional, pois dentro destas conexões foram criadas suas performances. As performances desses professores são evidenciadas com tensões entre os sujeitos, quando eles se utilizaram do improviso e da criatividade, na definição de seus repertórios, como manobras. A criatividade envolvida nas performances foi tal, que cada um se particularizava, visto que os repertórios apresentado por eles aparece como feito e refeito. Nota-se que os professores tiveram contato com outros autores, além de Pestalozzi, para falar sobre o método intuitivo e, por isso, julgaram os instrumentos disponíveis para a reformulação do ensino em Sergipe.

Os repertórios se mostraram flexíveis, de modo que cada um se utilizava de seus instrumentos para se manter no campo de ação e atuação sobre o ensino em Sergipe. Os jornais *Diário da Manhã* e *O Estado de Sergipe* mostraram que o repertório só existe quando encarnado em performances confrontacionais. Com relação a tais performances, Alonso (2012, p. 32) ressalta que Tilly nunca arredou pé do postulado de que o eixo fundamental da vida social é o conflito, quando ganha formas históricas peculiares. Qualquer invenção, uso ou mudança de repertórios só podem ser entendidos neste esquadro histórico e relacional, que põe o confronto em primeiríssimo plano. O “repertório surge como [...] conjunto limitado, familiar, historicamente criado de performances reivindicativas que, sob a maioria das circunstâncias,

circunscreve em muito os meios pelos quais as pessoas se engajam em confrontos políticos’.” (ALONSO, 2012, p. 36).

A preocupação em preparar o mestre com base no conhecimento científico, atrelado às *Lições de Coisas*, possibilitou perceber elementos indicativos sobre o modo como ensinar, dar e tomar a lição.

Ao ler os relatos de jornais da época, a exemplo do *Correio de Aracaju* de 06/03/1912, nota-se que Helvécio de Andrade tecia críticas aos métodos de ensino da época, achava-os enfadonhos e, por isso, os alunos eram “[...] pedantes, enfazados (sic)” (ANDRADE, 1912, p.3). Foi pensando nisso que decidiu unir seus conhecimentos médicos e formular uma disciplina na Escola Normal, cujo objetivo seria tratar um pouco de higiene, hábito de obediência e formação moral.

Helvécio de Andrade utilizou-se do jornal *Correio de Aracaju*, de propriedade de João Menezes²⁷, de 4 a 6 de outubro para falar sobre o tema “O Homem e a natureza”. Essa foi uma transcrição de sua conferência realizada em 1 de outubro de 1911, na Escola Normal de Aracaju, na qual esclarecia sobre o desenvolvimento da instrução pública do Brasil e a contribuição dos estudos de Spencer para compreender a natureza do homem, seu lugar no universo, enfatizando a importância da psicologia para a educação, bem como os princípios da educação física, moral e intelectual, exemplificando as teorias de Aristóteles e Platão.

Esses encaminhamentos sobre a ciência, o homem, o universo e o processo de civilização, permitiram a Helvécio de Andrade, antes de ser nomeado lente da Cadeira de Pedagogia, Pedologia e Higiene Escolar, na Escola Normal, por Rodrigues Dórea, publicar no jornal *Correio de Aracaju*, em dezembro de 1911 (Anexo 3), uma série de sete artigos, intitulada “Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal”, abordando as diretrizes curriculares desta nova disciplina.

Enfatizava, em seus textos, a necessidade de despertar no aluno as vantagens do saber, de cultivar a inteligência. Acreditava que não bastava dispor aos alunos apenas bons livros e bons mestres, mas educar sua vontade, de modo a civilizá-lo. Ao observar seus textos, se nota que os artigos apresentavam o modo como Helvécio de Andrade via a instrução pública, bem como servia como estratégia para legitimar seus discursos. Suas análises definiam que a educação era a mesma de trinta anos atrás, apenas com a distinção de que antes a fiscalização era mais rigorosa. Evidenciou, ainda, alguns erros implantados na instrução ante a organização,

²⁷ João Menezes (1866 – 1924) foi tipógrafo, deputado estadual em 1891 e reeleito em 1894 a 1896, diretor do *Diário Oficial do Estado*, redator do *Correio de Aracaju*, secretário do Ateneu Sergipense, deputado federal no triênio de 1918 a 1920.

as disciplinas, os programas e os métodos utilizados. Sua escrita mostrava a insatisfação com o uso da memorização e dos castigos físicos como processos de ensino presentes nas escolas sergipanas. Segundo Helvécio de Andrade, o bê-á-bá, o estudo da tabuada, da ortografia e da caligrafia, continuavam a desestimular os cérebros infantis, e que não passavam de lembranças do passado (ANDRADE, 1911).

Após um ano de magistério na Escola Normal, Helvécio de Andrade publicou algumas de suas aulas ali ministradas, no jornal *Correio de Aracaju*, intitulado seus artigos de “Assuntos Pedagógicos”, evidenciando temas como o ensino intuitivo, leitura analítica, organização de uma classe, a importância dos jogos escolares e da ginástica para higiene da mente e desenvolvimento do corpo. Além desses temas, escreveu sobre as lições de Pedologia em três artigos, informando quais as influências da escola no desenvolvimento das crianças (ANDRADE, 1912). A fim de divulgar os princípios da Pedagogia moderna e da falta de materiais para o uso em sua disciplina Pedagogia, Pedologia e Higiene Escolar, que assumiu na Escola Normal, começou a divulgar no referido jornal a realidade presente na Instrução Pública de Aracaju.

Matéria vasta, que a reforma distribuiu pelo 2º, 3º e 4º anos em duas horas de aulas por dia, e que exige estudo e reflexão, experimentei as primeiras dificuldades com a falta de livros, que me servissem de guia no ensino. O que de melhor encontrei foi o folheto de Balthazar Góes; mas, simples esboço, o livrinho do eminente professor não podia satisfazer as exigências do programa requerido. Sem bons livros, completos, e sem o conhecimento das matérias que lhe são auxiliares indispensáveis – a Física, a Química, a História Natural, as matemáticas elementares, é impossível fazer-se um curso regular de Psicologia (ANDRADE, 1912, p. 1).

Foi com esse discurso que apresentou a relevância dos estudos sobre a Pedagogia, Pedologia, Psicologia e da Higiene Escolar, fundamentando a necessidade de práticas que desenvolvessem a observação e a experimentação nos alunos. Estes foram os passos seguidos por ele para apresentar seu repertório cultural.

No jornal *O Estado de Sergipe*, Ávila Lima se apresentou, pela primeira vez, com um texto intitulado “Universalização do Direito”, utilizando-se de duas colunas para falar sobre a inauguração do curso de legislação comparada, proferida por ele, no qual abordaria sobre os seguintes temas: formação dos Kosmos, direito moral e religião.

Por mais que fosse sua primeira escrita jornalística, trouxe vários autores em seu discurso a fim de referendar seu pensamento, deixando transparecer que ele não era o único a pensar na importância deste curso para a formação dos jovens. Assim, para sua escrita, apresentou o repertório dos seguintes autores: Spencer, Büchner, Augusto Comte, Cogliolo,

Laplace, Stuart Mill, Ihering, Pedro Lessa, Dr. J. Monteiro, o luzeiro da Faculdade de São Paulo, Platão, Alves Mendes, Dr. Clovis e Ernesto Glasson. Ávila Lima chamou a apresentação de seu repertório cultural de digressão filosófica, evidenciando que seu curso seria uma porta aberta e eficaz colaboração na obra do futuro, uma ordem permanente que possibilitaria um progresso contínuo para a sociedade.

O curso trazia, em seu bojo, os princípios do naturalismo, positivismo, teologia, metafísica, a fim de mostrar a contribuição das ciências jurídicas e sociais para a formação de um povo, como ele mesmo reitera, “[...] uma língua para todos os povos, um direito para todas as sociedades”. Segundo Ávila Lima, esse curso de legislação comparada traria o ensino sobre a ordem permanente e o progresso contínuo da humanidade. Em 20 de janeiro, ele utiliza-se de três colunas para concluir a escrita de sua digressão filosófica sobre a *Universalização do Direito*, ressaltando que “[...] o fim do direito é único, que é o bem-estar, a paz comum, o remédio mais pronto e eficaz para a reintegração dos males sociais” (LIMA, 1914, p. 2). Ali, de forma nada tímida, Ávila Lima começou a apresentar-se a Sergipe, informando sua forma de pensar e sua formação profissional, não sabendo ele que os rumos de sua formação o levariam para o campo do magistério e para as disputas com colegas de outras profissões. Esta seria a porta de entrada para um conjunto de tramas que se iniciariam no campo do ensino de Sergipe.

Para a elaboração desses artigos, em defesa do método intuitivo, as principais obras citadas por Helvécio de Andrade remontam aos autores Mantovani, Pinheiro Bittencourt, Lolai e Picaret, Vieira de Melo, Felisberto de Carvalho²⁸, Faria de Vasconcelos²⁹, o professor americano S. Welck, além da *Revista de Ensino de São Paulo*, das anotações da prática escolar dos Estados Unidos observadas por Carlos Silveira e um artigo escrito por Carlos Escobar sobre leitura analítica (ANDRADE, 1919). A partir desta leitura, construiu o Programa de ensino da Escola Normal e um manual sobre Pedagogia, defendendo sua preleção pelo método intuitivo em todas as disciplinas dessa Escola.

Por meio dos jornais foi possível conhecer os debates sobre o método intuitivo entre os intelectuais da época, notando-se as ideias difundidas por estes sujeitos, como foi o caso de

²⁸ Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho nasceu em Niterói, em 9 de agosto de 1850, e faleceu no Rio de Janeiro, em 18 de outubro de 1898. Formou-se em Jornalismo, Música, atuou como professor, além de escrever livros didáticos que foram utilizados em prol da educação brasileira por muitos anos, deixando, desta forma, uma marca significativa na memória nacional brasileira. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=16205>. Acesso em: 14/08/2017.

²⁹ Antônio de Sena Faria de Vasconcelos Azevedo ou simplesmente Faria de Vasconcelos ou A. Faria de Vasconcellos (1880 – 1939), bacharel em leis formado pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tornou-se professor universitário e um prestigiado pedagogo ou pedagogista associado ao movimento Escola Nova. <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=16204>. Acesso em: 14/08/2017.

Helvécio de Andrade (1913), que criticava a Psicologia Experimental, e Ávila Lima (1913), que defendia a reformulação dos métodos de ensino e dos princípios teóricos e práticos na Instrução Pública de Sergipe.

Segundo Helvécio de Andrade (1913), para construir um espírito moderno era preciso estabelecer a ordem, administrar racionalmente o tempo escolar, gerir atividade produtiva, disciplinar, organizar o espaço escolar e instruir o trabalho. A fim de circular seu pensamento em defesa sobre o método intuitivo, este sujeito apresentou, nos jornais de Sergipe, alguns discursos sobre o método, intitulados de sumárias, sobre as três formas de intuição: a intuição sensível, a intuição intelectual e a intuição moral.

Compenetrai-vos, pais de família, de que vossos filhos necessitam não só da educação intelectual, mais ainda, da física e moral que forma verdadeiramente o caráter do homem. A educação, na frase de um sábio autor; é a chave de ouro que abre ou fecha a porta do porvir e seu fornecido alicerce; ela assemelha-se a um farol de luzes cintilantes, esclarecendo o viver de povos que se acham mergulhados nas trevas dos conhecimentos humanos. (ANDRADE, *O Estado de Sergipe*, 14/08/1914).

Ávila Lima (1914) contestava as ideias de Helvécio de Andrade, questionando a falta de clareza e veracidade na teoria pedagógica explanada pelo diretor da instrução. Argumentava, ainda, que a definição dos sentidos proferida por Helvécio de Andrade era confusa e incorreta, “[...] por melhores que sejam as intenções do seu autor, não preenche absolutamente o fim que foi combinado, uma vez que foi escrito sob o ponto de vista abstrato e estéril, confuso e anárquico” (LIMA, *Diário da Manhã*, 08/08/1914). A partir deste levantamento, constatou-se uma produção relativamente significativa sobre esses dois professores acerca do tema ensino, com ênfase no método, destacando-o como objeto central para reformulação do ensino em Sergipe. No interior desses debates, estava em voga a disputa entre eles pela disciplina Pedagogia da Escola Normal, não estando apenas envolvidos com os métodos e as práticas educativas, mas também interesses pessoais.

Ao buscar nos jornais de Sergipe elementos relacionados ao método de ensino, foi observado que este assunto passou a integrar, de modo cada vez mais constante, tanto a pauta sobre a reformulação da instrução de ensino público, quanto da produção intelectual em defesa deste método. Helvécio de Andrade (*Correio de Aracaju*, 31/07/1913) entendia que a uniformização do ensino primário, no Brasil, exigiria, antes de tudo, a organização de um método e de um programa geral, levando em consideração as diferenças peculiares no desenvolvimento da criança em seus estágios cognitivos, devendo este programa abranger as escolas maternas, primárias, isoladas e os grupos escolares.

Observa-se, pelos escritos de Helvécio de Andrade, que ele defendia a Psicologia como ciência experimental: “um professor de Pedagogia que na sua primeira lição, nega a base psicológica desta disciplina fundamental do curso normal, revela-se incapaz de sua tarefa. Que Pedagogia iria ensinar?” (ANDRADE, *O Estado de Sergipe*, 14/08/1914). Enquanto Ávila Lima criticava fielmente esta ideia: “bom educador não seria aquele que saberia de cor as regrinhas da Pedagogia, mas aquele por certo, conhecendo a sua situação na natureza por longos conhecimentos da humanidade, conheça sua situação ao lado de seus alunos” (LIMA, *Diário da Manhã*, 09/08/1914). Por isso ambos construíram ensaios tecendo críticas sobre esse novo modelo educacional defendido pelo diretor da Instrução Pública. Para responder às críticas de Ávila Lima, Helvécio de Andrade construiu 18 artigos intitulados “Críticas e ensaios de Psicologia pedagógica”, no jornal *O Estado de Sergipe*. Ao recordar a argumentação de Sirinelli (2003, p. 247), que, no tocante aos intelectuais, diz que “[...] a maioria dos caminhos segue linhas fragmentadas”. Nestas linhas fragmentadas, paulatinamente seus itinerários foram forjados, estabeleceram-se novas rotas e distintos contornos.

Em contrapartida a esses itinerários de ideias, Ávila Lima escreveu 12 artigos no jornal *Diário da Manhã*. Esses ensaios permitiram entrever os entusiasmos e os recalques destes intelectuais em defesa de seus pensamentos, mostrando as tensões que foram constituídas para a implantação do método intuitivo em Sergipe.

Para evitar o ilogismo e a desarmonia da definição de sentidos, da lavra do dr. Helvécio de Andrade, podemos substituí-lo pela seguinte que nos parece verdadeira: sentidos são faculdades que põem os animais em relação com o mundo exterior. Ou por outras palavras, as faculdades que põem os animais em relação ao mundo exterior chamam-se sentidos. A educação dos sentidos é o ideal por excelência da Pedagogia, pois é do aperfeiçoamento destas faculdades do organismo que depende a maior perfeição humana, na luta pela existência, cuja vitória será sempre dos mais fortes ou mais aptos, segundo o demonstra a teoria incontestável da seleção natural. (LIMA, *Diário da Manhã*, 11/08/1914).

Esses autores buscavam, por meios desses ensaios, ascender sob o que consideravam sendo a falha do outro, mostrando o prestígio e legitimidade de que gozavam na sociedade. A cadeira de Pedagogia era disputada por ambos e a publicação do manual *Curso de pedagogia*, proposto por Helvécio de Andrade, causou grande descontentamento a Ávila Lima que, por sua vez, lecionava esta disciplina no Colégio Tobias Barreto. A partir destes entraves, notam-se as convergências entre eles. Helvécio de Andrade, compactuando com o método intuitivo, defendia que era preciso despertar e aguçar o sentido da observação em todas as idades, em todos os graus de ensino, colocar a criança na presença das coisas, fazê-las ver, tocar, distinguir,

medir, comparar, nomear, enfim, conhecê-las. Ávila Lima (1914) demonstrava, em seus discursos, que o método era bom, porém faltava material pedagógico nas escolas, concordando com as necessidades de renovação pedagógica e do preparo do mestre para lecionar nas escolas públicas do Estado. Com relação ao ensino da leitura, ambos destacaram a posição favorável ao ensino da leitura analítica pela palavração, apresentando críticas sobre o uso da soletração das palavras. Para esses sujeitos, a falta de preparo dos professores constituía o principal obstáculo à realização das finalidades da educação. Ávila Lima, em uma de suas visitas como inspetor, buscou, em seu relatório, publicado no jornal *Diário da Manhã*, de 5 de novembro de 1916, evidenciar que o professor primário de Sergipe se encontrava aquém da condição necessária para desempenhar a função docente, retratando a condição do professor primário que, com raríssimas exceções, era bastante limitada. Observadas as convergências de ideias de Helvécio de Andrade e Ávila Lima, no que concerne ao tema modernização da escola na cadeira de Psicologia e Pedagogia, este último autor, em relação ao primeiro, apresenta fortemente críticas sobre o livro *Curso de pedagogia* escrito por Helvécio de Andrade.

Anda a correr meio mundo o já citado livrinho do dr. Helvécio de Andrade. Este tema que é o berço feliz e infeliz, do seu aborto pedagógico que, está sendo, agora mesmo, confutado, recebeu-o com um certo ar substancial: todo mundo baixou a cabeça diante do seu potente, sem pronunciar uma palavra a respeito. E isto foi bastante para que, em torno do nome do seu autor, se formasse logo uma espécie de atmosfera luminosa. O professorado primário aplaudindo-o seu barulho nem estrepito, e os letrados da terra começaram logo a dar ao nobre escritor atributos enciclopédicos de filósofo. As nossas ilustríssimas normalistas decorram-lhe talvez as 30 e poucas lições (LIMA, *Diário da Manhã*, 20/08/1914).

Pode-se inferir que o processo de circulação desta proposta pedagógica e, por que não, desse método, foi longo e descontínuo, haja vista a recusa de alguns professores em compreender o método intuitivo. Deste modo, a intensa disputa desencadeada por Helvécio de Andrade e Ávila Lima teve, como consequência, importantes contribuições para a difusão do método intuitivo. É notório que, nessas lutas, cada agente procurava se engajar para impor suas ideias, o que indica que Helvécio de Andrade, apesar das sofridas retaliações, continuou a ser aceito pelos seus pares, assumindo mais vezes a direção da Instrução Pública do estado de Sergipe, por consequência, a direção da Escola Normal.

Durante sua administração, como diretor da Instrução Pública, Helvécio de Andrade promoveu várias conferências, que ocorreram no salão da Escola Normal, no Centro Literário Educativo, na Hora Literária, bem como em outros salões disponíveis à época. Pode-se dizer que essas foram ações performáticas, selecionadas por ele para divulgar a proposta desse

método de ensino. Nesses espaços, os professores, as alunas e os políticos proferiam temas sobre a educação. Com este caráter educativo, os palestrantes almejavam instaurar uma nova ordem educacional falando sobre a situação do ensino (VALENÇA, 2001).

Entretanto, o professor Ávila Lima discordava da atuação de Helvécio de Andrade como diretor da Instrução Pública, principalmente da utilização do manual *Curso de pedagogia*, pois acreditava que esse manual era mais teórico do que prático, enfatizando, ainda, que sua escrita partia de um ponto de vista rebuscado e abstrato. A crítica que fazia ao manual de Helvécio de Andrade simplesmente estava ligada ao fato deste ter explicitado, em seu manual, a ideia de que a Psicologia era vista como uma ciência experimental, aplicando a observação e a experimentação (LIMA, *Diário da Manhã*, 08/08/1914). A fim de defender sua cadeira na Escola Normal, Ávila Lima contrapôs-se às ideias de Helvécio de Andrade criticando o manual *Curso de pedagogia* e, por conseguinte, assumiu a cadeira de Pedagogia e Metodologia, em 1912.

Por este motivo, iniciam-se as discordâncias, entre ambos, sobre como pensar a Psicologia enquanto ciência. Neste contexto, Ávila Lima, utilizando o jornal *Diário da Manhã*, edição de 11/08/1914, argumentava que o manual de Helvécio de Andrade apresentava falta de clareza e de veracidade da teoria pedagógica, explanada no método intuitivo. Em 08/08/1914, no mesmo periódico, o professor Ávila Lima declara: “Inveterado no meu habitual sceptismo (*sic*), eu não creio na realização dessa formosa esperança, que, a ser um dia objetivada, não lhe nego os grandes progressos, mas a psicologia é ainda uma espécie nebulosa em formação”. Deste modo, por não acreditar na efetivação da Psicologia Pedagógica, escreveu sérias críticas à obra de seu colega. Esta divergência instigava esse professor a reconstruir toda a obra de Helvécio, segundo suas análises.

Diante das acusações e denúncias recebidas, Helvécio de Andrade não costumava ser indiferente e respondia com outras provocações, inclusive por meio da escrita de dezoito artigos com o título “Críticas e ensaios de Psicologia Pedagógica: refutação”, no jornal *O Estado de Sergipe*, datado de 14/08/1914, objetivando, com estes textos, mostrar à sociedade aracajuana os benefícios desta disciplina na formação das normalistas, bem como combater as acusações do colega Ávila Lima. De igual modo, em suas aulas, Helvécio de Andrade fazia questão de criticar o colega Ávila Lima, ressaltando que era impossível ser professor de Pedagogia e negar a contribuição da Psicologia para a efetivação de uma prática pedagógica. Ainda, dizia que Ávila Lima era apenas um declamador de frases, sem fundamentação pedagógica, pois, em seus discursos, ora desacreditava da Psicologia como ciência, ora entendia o progresso dela. Para o diretor da Escola Normal, não restavam dúvidas quanto ao estatuto de ciência da Psicologia,

levando em conta que esta possuía um princípio diretor, um objeto e método próprio (ANDRADE, 1914).

As rivalidades, ou mesmo a atração entre os membros de um determinado grupo, são regidas pela rede de sociabilidades definidas dentro de um campo. O que se observa é que estes sujeitos estavam conectados ao que acontecia nos movimentos estrangeiros e se inspiraram neles, mas reinventaram ideias e estratégias ao adaptá-las às condições locais. E estes discursos nos jornais evidenciam os tipos de táticas e jogos de performances criadas por eles. Assim, as acusações enfrentadas e emitidas por Helvécio de Andrade e Ávila Lima mostram o grau de tensão das redes de intelectuais que compartilhavam de interesses ou estabeleciam concorrências entre si, críticas que definiam, mesmo que parcialmente, a atmosfera intelectual de uma época. De igual modo, mostram que, conduzidos pela oportunidade de ascender sob a falha do outro, esses professores deliberavam o grau de prestígio que recebiam da sociedade.

Em suas falas, o diretor da Instrução Pública manifestava seu descontentamento com a imprensa sergipana por apenas evidenciar as críticas que recebia do professor Ávila Lima, à exceção do jornal *Correio de Aracaju*, que transcreveu a carta escrita pelo intelectual Moreira Guimarães³⁰, felicitando e elogiando o livro *Curso de pedagogia*, tal como se demonstra no texto de Andrade, publicado no jornal *O Estado de Sergipe*, de 16/06/1914: “Dou-lhe mil parabéns pelo seu estudo de Pedagogia, penso que se dirigindo ao diretor da Escola Normal, iniciará bem o trabalho de propaganda do seu livro”. Ávila Lima apontou outros assuntos sobre o manual de Helvécio de Andrade, dentre eles o estudo da Pedologia, ciência que estuda o desenvolvimento biológico e cognitivo da criança, de modo que, a partir destas discussões, esses sujeitos acabaram mostrando suas capacidades científicas sobre o estudo da Pedagogia.

Em defesa da Psicologia como ciência, Helvécio de Andrade fez questão de evidenciar as contradições do pensamento de Ávila Lima, mostrando descrédito pela fala do colega e alegando a falta de uma fundamentação teórica que justificasse seus conhecimentos sobre o método intuitivo. Por mais que as acusações fossem agressivas em suas réplicas e tréplicas, o

³⁰ José Maria Moreira Guimarães, general nascido na cidade de Laranjeiras, em 1864, e falecido no Rio de Janeiro em 1940. Estudou na Escola Militar da Praia Vermelha, foi engenheiro militar pelo regulamento de 1889 e bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Não parou na carreira militar, estudou também Medicina, na Faculdade do Rio de Janeiro, até o 5º ano. Foi membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; da Sociedade de Geografia de Lisboa; da Sociedade Acadêmica de Paris e da Sociedade de Geografia de Tóquio (Japão); sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba; sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lima no Peru, em 1921. Foi membro fundador do Instituto Varnhagem, na capital federal, vice-presidente e orador oficial do Centro Sergipano, do Rio do Janeiro, presidente da Revista Família Acadêmica, associação literária que existiu na Escola Militar da Praia Vermelha, colaborando, naquela ocasião, com Euclides da Cunha, Lauro Müller, Rodolfo Brasil. Existe uma poesia de Euclides da Cunha oferecida a Moreira Guimarães (GUARANÁ, 1925, p. 332-335).

objetivo maior estaria na utilização do manual *Curso de pedagogia*, que estava a ser utilizado pelas alunas da Escola Normal. As tensões entre eles continuavam, e Ávila Lima insistia que alguns pontos foram mal elaborados pelo colega, pois, no estudo dos sentidos, acreditava que a sensação era um sentimento corpóreo produzido pelo contato do corpo com o meio exterior. Para legitimar seu repertório cultural, buscou as leituras de obras de Bertrand, Sinibal, Haeckel, Aristóteles e Payot³¹, conforme divulgou no jornal *Diário da Manhã*, de 11/08/1914. As discordâncias entre esses dois professores, pelo reconhecimento e pela compreensão dos conhecimentos científicos da Psicologia, os levaram às várias desavenças escritas e, por vezes, pessoais.

Analisar essas falas como dispositivo de consagração permitiu entender o porquê da insistência em discutirem, publicamente, um tema comum aos dois. Ambos foram professores das aulas de Pedagogia, fato que tornava ainda mais agressivo o conflito, entre eles, pela busca da conquista da hegemonia do campo educacional. Com efeito, o lugar que cada agente ocupava na estrutura social estava determinado por uma espécie de condições sociais de produção no campo científico e uma dessas condições era a detenção do conhecimento. Apesar de eles registrarem que não tinham segundas intenções e que suas críticas apresentavam uma preocupação como o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos da Escola Normal, o afã mostrava o contrário: ao notar a recepção que o manual recebeu pelos colegas da Escola normal, Ávila Lima alegou que o diretor da Escola Normal não tinha responsabilidade de tornar público um escrito tão confuso e errôneo. Trouxe um apelo catequético, em seu último artigo: “[...] prefiro sofrer por dizer a verdade, a fazer sofrer a verdade com um silêncio” (LIMA, *Diário da Manhã*, 21/08/1914).

Por meio desses discursos, também foi possível apresentar os professores que compartilhavam interesses ou estabeleciam concorrências entre si, como foi o caso de Ítala Silva de Oliveira (1897 – 1984), que participava do grupo de Ávila Lima e criticava o modo como Helvécio de Andrade geria a Instrução Pública. São muitas, portanto, as possibilidades de conhecer as estratégias de oportunidades criadas pelos professores da Escola Normal.

³¹ Bertrand Arthur William Russell (1872 – 1970) foi um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX. Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (Alemanha, 1834 – 1919) foi um biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin e um dos grandes expoentes do cientificismo positivista. Jules Payot (1859 – 1939) foi um educador francês, pedagogo e psicólogo. Disponível em: https://www.ebiografia.com/bertrand_russell/. Acesso em: 30/07/2017.

4 “UMA GUERRA BAIXA”: OS DESAFETOS ENTRE OS POLÍTICOS E PROFESSORES

Depois de fazer meu curso de Pedagogia, quando me diplomei como normalista, que vi o que era a instrução pública do meu estado, horrorizei-me. Tive a impressão de quem, sonhando que se achava num campo, onde a natureza se ostentava sempre bela, foi transportada ao acordar para um terreno inculto, onde a semente germina, mas não é cercada dos cuidados que requer. Compreendi, então, que no Brasil, em geral, uma coisa concorre poderosamente para que a instrução pública não satisfaça os fins que visa. É a escolha de indivíduos que não têm a mínima noção do que instruir e educar. Sim, porque por ser bacharel, médico ou engenheiro, se não induz da aqui que se seja educador [*sic*]. Quem sabe lidar com criminosos, com doentes, que quem sabe medir terras, não se presume que tenha o direito de saber educar cérebros juvenis [...] Nossa escola Normal não se ensina, mas sim preparam-se, e muito mal, alunas para exames. A aluna é uma espécie de máquina humana, que na época dos exames, ou mesmo durante o curso, só faz decorar e decorar sem tréguas. Estuda para ganhar notas e por força delas passar no final do ano. E não merece o nome vaidoso quem anda pela imprensa se dizendo reformador de uma tal instituição (SILVA, *Diário da Manhã*, 9/11/1916).

Abro esta seção expressando os desafetos de Ítala Silva contra Helvécio de Andrade. Sua fala traz à tona seu descontentamento com o modelo de instruir e educar que se passava na Escola Normal. Enfrenta o modelo sugerido e publicado pelo diretor da Instrução Pública em regimentos e programas de disciplinas, enfatizando que longe estava este estabelecimento de ensino próximo das querelas sobre o método intuitivo. Suas desavenças com este professor perduraram por alguns anos, e estes enfrentamentos apenas cessam quando ela egressou a Salvador para cursar medicina em 1921.

4.1 “Um sábio, um competente, um erudito”: os escritos nos jornais e periódicos sergipanos

A relação de Ítala Silva de Oliveira com a imprensa sergipana vem desde jovem, pois publicava artigos convidando os sergipanos a participarem de campanhas filantrópicas e educativas. O espaço conquistado nos periódicos locais se deve ao seu irmão, o poeta Ansou Silva, que atuava como produtor e diretor do *Almanack de Sergipe*, e ao seu tio Clodomir Silva, jornalista, escritor e professor do Colégio Atheneu, além de deputado estadual.

Foi por meio de uma série de artigos publicados entre 7 de novembro e 17 de dezembro de 1916, no jornal *Diário da Manhã*, que iniciou suas publicações polêmicas ante o diretor da Instrução Pública de Sergipe, o médico e professor Helvécio de Andrade.

Ítala Silva fazia dos jornais seu porta-voz para denunciar as posições conservadoras de Helvécio de Andrade,

Quem não se subordina a aquela política, paga bem caro o seu tributo. A humilde escritora destas linhas também tem sido vítima dos caprichos daquele bloco e principalmente do diretor da instrução pública. Ao sabor de sua vontade tem movido contra mim uma guerra baixa (SILVA, *Diário da Manhã*, 27/05/1916, p. 2).

Com esta informação, Ítala Silva mostrou os dramas e conflitos travados por ela diante de Helvécio de Andrade, evidenciando, em seus escritos, que, por meio de seus estudos, pelo poder da instrução e do trabalho, ganharia a luta. Mas sua aprovação na Faculdade de Medicina lhe permitiu ganhar outros rumos e, no Rio de Janeiro, fez sua carreira profissional.

No caminho ante a administração da Instrução Pública de Sergipe, Helvécio de Andrade conquistou amigos e desavenças entre seus pares. Como foi o caso da professora Ítala da Silva³², da Escola Normal, que apresentou, em jornais, sua forma de ver a educação em Sergipe, manifestando alguns descontentamentos sobre o modo como Helvécio de Andrade a administrava. Foi no jornal *Diário da Manhã*, de propriedade do senhor Apulchro Motta e também redator, cujo lema era “Jornal para todos”, que Ítala Silva publicou algumas notas sob o título “Nos domínios da instrução”, conforme se apresenta a Figura 7, a seguir:

³² Ítala Silva de Oliveira foi professora de Português, Francês e Aritmética. Em 1916, foi nomeada secretária da Liga Sergipense contra o analfabetismo; em 1919, tornou-se conservadora de gabinetes na Escola Normal e professora adjunta de Física, Química e História Natural, em 21 de setembro de 1916, tornou-se a primeira professora da Liga Sergipense; em 1921, afastou-se de suas atividades, pois foi cursar Medicina em Salvador, concluiu seu curso, em 1927, defendendo um trabalho intitulado *Da sexualidade e da Educação sexual*. No período de 1914 a 1917, além de publicar artigos no jornal *Diário da Manhã*, também escreveu nos jornais *O Estado de Sergipe* e *O Democrata*. No Rio de Janeiro, escreveu no jornal *O País* e, em São Paulo, na *Revista Feminina*. Colaborou no *Almanack de Sergipe*, fundado pelo seu irmão Jeferson Silva de Oliveira (FREITAS, 2003, p. 134-145).



SECCÃO LIVRE

Nos domínios da Instrução

Nos tempos antigos da Roma pagã, no reinado dos Cesares, tinha o povo romano o dever de prestar honras como aos deuses, de cegamente obedecer-lhe, sob pena de pagar com a vida a ousadia do não cumprimento disto.

Nas mãos de um imperador estava a sorte de um povo, e se clementes elles eram algumas vezes, outras, procediam como Nero, que por um simples capricho mandou incendiar Roma.

Figura 7 - Correio da Manhã de 1916

Fonte: Foto tirada do acervo da Biblioteca Epifânio Dórea.

Sua fala representava o pedido das alunas da Escola Normal para remarcar a colação de grau para 10 de dezembro do corrente ano, antecipando assim seus exames para novembro, ao invés de dezembro, pois o paraninfo escolhido pelas formandas, o professor Antônio Fernando da Graça Leite (1901 – 1968), não poderia participar em outra data. Contudo, Helvécio de Andrade, enquanto diretor da Instrução Pública, não permitiu a mudança de data dos exames e, para Ítala Silva, isso seria uma forma de governar nos tempos do Império, visto que Helvécio e Graça Leite não apresentavam afinidades. Em outras linhas, denotando descontentamento ante o modo de Andrade administrar, ela ainda afirmou: “Mas, senhor diretor, simpatia não se impõe: conquista-se”. Ressaltou, ainda, que o presidente do estado não estava a ligar para a instrução da escola, pois fazia vista grossa para as atitudes de Helvécio de Andrade.

Segundo essa professora, em todos os anos, o diretor da instrução se autoconvidava para ser paraninfo e, por não ser ele o escolhido, sentia-se “despeitado”. Com esse texto, Ítala Silva tentou mostrar à sociedade de Aracaju o que acontecia nos bastidores da Escola Normal, para que o presidente do estado não descuidasse da educação e do cultivo daquele estabelecimento, pois ali havia partido e política. Em 16 de julho de 1916, no jornal *Diário da Manhã*, Ítala Silva trouxe a narrativa de um romance, lido por ela, em defesa do feminismo, mostrando o retrato psicológico de Bertha Felicie Sophie Von Suttner, uma nobre nascida em Praga, no dia 9 de

junho de 1843, e falecida em Viena, em 21 de junho de 1914, que se tornou escritora, pacifista e compositora de música austro-húngara.

Já prestes a se afastar da função de professora e ingressar no curso de Medicina na Bahia, em 1917, a professora Ítala Silva escreveu no jornal *Diário da Manhã*, sobre o Congresso que aconteceu em Sergipe em 1917 organizado pelo Conselho da Instrução Pública de Sergipe,

Vejamos um sábio, um competente, um erudito, em suma, concorrer com uma memória a um Congresso, no qual se encontra a fina intelectualidade brasileira, e vejamos também este trabalho ser reprovado, porque, o português tudo podia ser menos português, e também porque, como ele próprio confessa, o seu trabalho era uma espécie de coletânea. Pestalozzi, Froebel, Azevedo Sodré, Afrânio Peixoto e outros, cederam, sem saber, é verdade, trechos de escritos seus para este trabalho. A este certame também concorri eu, realejo que propaga competência, mas que não demonstra, no dizer do senhor, tratei quase do mesmo assunto, e a minha não foi arquivada. Como se explica isso? Cumpre aqui dizer que também que, desconhecendo o regimento interno do Congresso, com toda a franqueza e sinceridade absoluta que me caracterizam, deixei exarado, na mesma, o meu protesto contra o modo de ensinar geografia, em Sergipe, nos estabelecimentos do ensino primário. Guilhotina verdadeira é a Escola Normal, onde ao saber e ao capricho da vontade se reprova quem não tem esta beleza efêmera, ou quem não possui o metal que tudo pode – ouro (SILVA, *Diário da Manhã*, 17 de dezembro de 1917).

Após esta coletânea de artigos, a presença de Ítala Silva nos jornais de Sergipe ficou menos expressiva. Logo após a saída de Helvécio de Andrade do cargo de diretor da Instrução Pública de Sergipe, esta professora recebeu um cargo na Escola Normal, o qual deixou-a longe de enfrentamentos contra o professor Helvécio de Andrade. Nos textos desta professora, ele era apresentado como um déspota, vingativo, plagiador, ultrapassado, imoral, mentiroso, não cumpria o regulamento, dentre outras características pouco aceitas para a função de professor que ele ocupava. No mesmo ano, foi morar em Salvador para ingressar no curso de medicina.

Trabalhar com pesquisas documentais como, no presente caso, os jornais, permite ver em uma única de suas páginas o encontro de assuntos diversos, propagandas, convites, modelos de administração pública, tal como localizado, abaixo do texto de Ítala Silva, o registro de inauguração da Caixa Escolar. A divulgação dessa Caixa foi prestigiada na tarde do dia 14/07/1916, no salão da Congregação da Escola Normal, na presença do Dr. Monteiro de Almeida, ilustre secretário do governo, do Dr. Deodato Maia, chefe de polícia do estado, e do Dr. Helvécio de Andrade, diretor da Instrução Pública. Como estratégia de mobilização, homenagearam o presidente do estado, General Valladão, colocando seu nome na Caixa Escolar do estado. Para a elaboração do estatuto dessa Caixa, de acordo com o jornal *Diário da Manhã*, de 16/07/1916, foi nomeada a seguinte comissão: “Drs. Deodato Maia, Helvécio de Andrade e

Coronel Jose Silvério, delegado fiscal do tesouro federal” (*Diário da Manhã*, 1916, p. 3). Esta nota representa o encontro desses dois sujeitos a divulgar a realidade educacional da época.

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe foi o espaço dos intelectuais de Sergipe, local onde se divulgavam os trabalhos empreendidos pelos professores, políticos e juristas. Foi naquele espaço que Ávila Lima, como seu sócio e intelectual, construiu sua rede de sociabilidades, informando como pensava a educação para o bem de Sergipe. Os jornais evidenciaram o convite para os membros do referido Instituto comparecer às reuniões e divulgar os assuntos ali tratados, conforme se apresenta na Figura 8 a seguir:

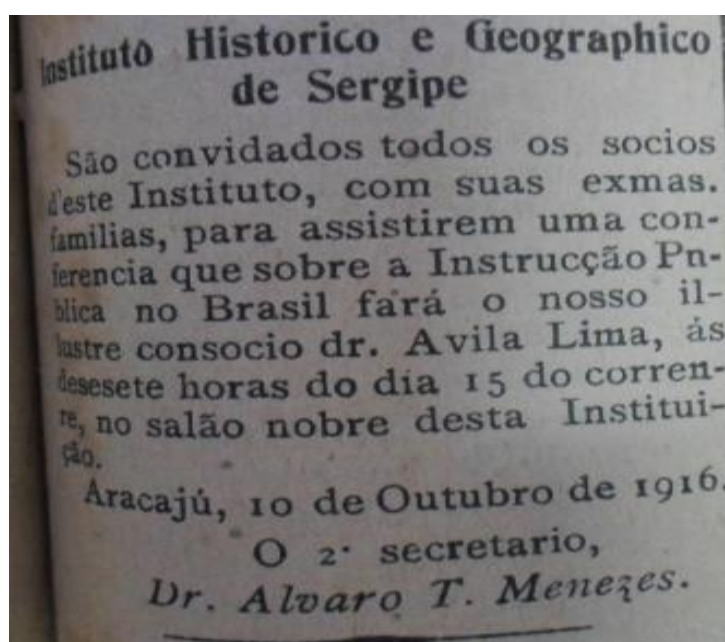


Figura 8 - Diário da Manhã de 1916.

Fonte: Foto tirada do acervo da Biblioteca Epifânio Dórea.

Como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Ávila Lima foi convidado para fazer parte da comissão permanente da redação da *Revista do IHGSE*, em 1919, assumindo com redator juntamente com Libério de Souza Montepio³³ e Antônio Batista Bittencourt. Em espaços como esse, eram discutidas as principais diretrizes para as reformas educacionais, sendo incorporadas, em seu seio, as atividades intelectuais que se aplicavam ao ensino público, por uma ação conjunta de intelectuais da época para impulsionar e sustentar o movimento de modernização pedagógica do qual Ávila Lima foi um defensor. No IHGSE, conquistou amizades, contribuiu com a efetivação da Liga Sergipense contra o analfabetismo,

³³ Libério de Souza Montepio nasceu em Lagarto (1866) e faleceu em Laranjeiras (1947). Coursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife, tendo como professor Tobias Barreto de Menezes. Foi Promotor Público da Comarca de Lagarto e Presidente do Tribunal de Relação do Estado de Sergipe (GUARANÁ, 1925, p. 79).

publicou artigos, ensaios e digressões filosóficas sobre o direito. Era astucioso e, por isso mesmo, não deixou em nenhuma oportunidade de se impor, enquanto intelectual, no espaço educacional de Sergipe.

Ao se observar o jornal *Diário da Manhã*, de 17/10/1917, notou-se a frequente matéria sobre os limites de Sergipe e Bahia, ressaltando a importância do 5º Congresso de Geografia³⁴ que ocorreu naquele estado, bem como a contribuição do senhor Costa Filho representando o IHGSE e consolidando a criação de um curso prático de Geografia Física do Brasil a ser realizado no quartel do corpo de polícia estadual. Sobre o ensino de Geografia, Helvécio de Andrade opinou a respeito das necessidades dos alunos estudarem esta disciplina por intermédio das Lições de Coisas, o que requeria ao professor orientar seus alunos no desenho de mapas. Sobre isso, publicou o texto Escola primária,

E mais: A Cartografia que precisamos ensinar na escola é a de esboço, uma coisa muito ligeira que auxilie o estudo da Geografia e não fatigue o cérebro infantil. E isso não é novo, como princípio, pois está claramente exposto em Calkins, tradução de Ruy Barbosa (Lições de Coisas), o missal do professor, ou antes de todos os professores, dos professores de qualquer categoria. E mais: “É preciso que o aluno faça o mapa e seja capaz de representar em rápido esboço qualquer parte das superfícies terrestre” (ANDRADE, *Diário da Manhã*, 27/10/1917, p.2).

Mais uma vez, observa-se a permanência do debate ante o método intuitivo, em cujo âmbito circulava a necessidade dos professores se adequarem a esta metodologia. Nesse sentido, pela representatividade no IHGSE, Ávila Lima, enquanto representante deste grupo, publicou, em 1918, um mapa sobre Sergipe (Figura 9). Esse mapa foi aprovado pelo Conselho Superior da Instrução Pública do Estado e pela Comissão do IHGS. O lado direito, abaixo do mapa, traz a denominação de que Ávila Lima era professor, por concurso, do Atheneu Sergipense, sócio honorário do IHGS e membro do Conselho Superior da Instrução Pública do Estado, explicando, ainda, que esse mesmo mapa fora revisado, pelo autor, em 1935, sendo uma cópia do senhor Otavio E. Santos, assinado na data de 4/02/1936.

Ao observar o caminho percorrido por esses sujeitos e suas publicações, nota-se uma circulação entre eles, sobre as disciplinas ministradas, de seus textos em jornais e o modo como construía sua rede de sociabilidades. Para entender a rede de sociabilidades, os jornais de

³⁴ Neste evento, a senhorita Ítala da Silva recebeu um diploma dando honras à escrita de seu texto Necessidade do ensino da geografia: Geografia escolar. Neste mesmo congresso, estiveram a publicar: Dr. Armino Guaraná – Glossário etimológico dos nomes da língua tupi na geografia do estado de Sergipe; Dr. Florentino de Menezes – Influência dos fatores geográficos na formação da sociedade brasileira; Dr. Luiz José da Costa Filho – A geografia e a guerra; e Dr. Helvécio de Andrade – Do ensino da Geografia. Ítala foi representada por Costa Filho (*Diário da Manhã*, 30 de agosto de 1916, p. 1).

Sergipe puderam apresentar um arsenal rico dos grupos destes professores, como foi o caso da apresentação da comissão estabelecida para a efetivação do Congresso dos Professores Primários em Sergipe. No *Diário Oficial* de agosto de 1925, foi publicada a ata da primeira reunião, notificando, assim, que no dia 25 de julho de 1925, no salão principal da Escola Normal Ruy Barbosa, reuniram-se os professores Etelvina Amália de Siqueira³⁵, Leonor Telles de Menezes (professora, poetisa e oradora), Maria Amélia Fontes, Sirena de Prado e Silva, Helvécio de Andrade, Edgar Coelho, Arthur Fortes, Manoel José dos Santos Mello, e Abdias Bezerra, faltando, por motivos justificados, Quintina Diniz e José de Alencar Cardozo, para conversar sobre a organização interna e externa do ensino, inspeção do ensino, prática pedagógica, higiene e educação escolar.

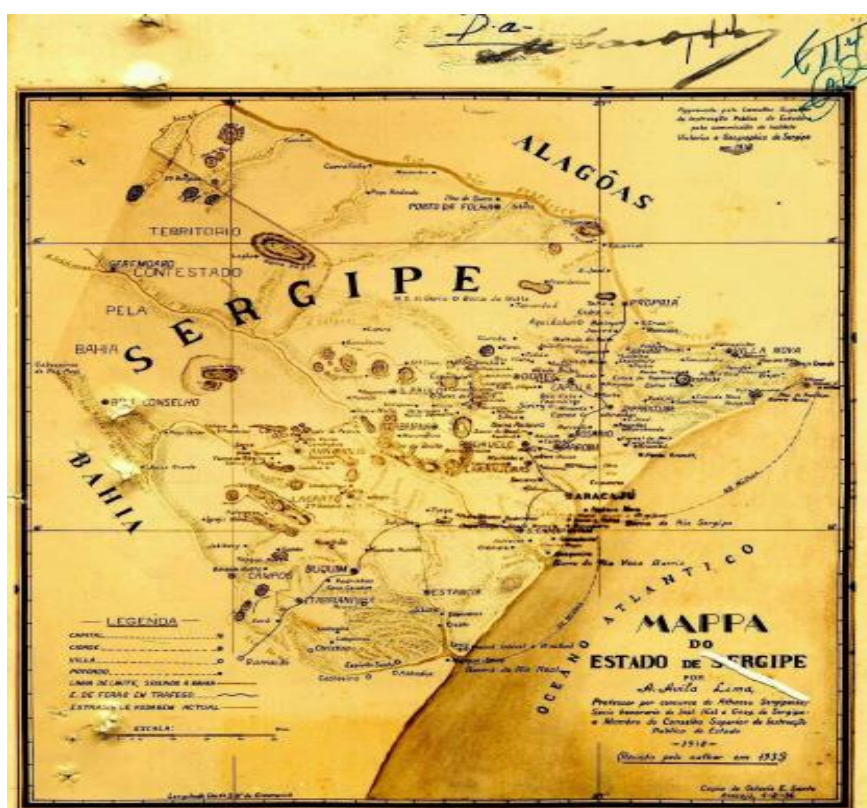


Figura 9 - Mapa de Sergipe produzido por Ávila Lima em 1918

Fonte: Extraído do site: <http://www.tjse.jus.br/arquivojudiciario/images/stories/file/Mapa_Sergipe_1918.pdf>. Acervo digitalizado de documentos da história do Brasil e de Sergipe.

Nessa reunião, os participantes definiram que as matérias abrangidas pelas seções se tornariam teses, encaminhadas à comissão para examinar e aprovar a publicação. Para finalizar,

³⁵ Etelvina Amália de Siqueira nasceu em Itabaiana/SE, em 1862, e faleceu em Aracaju no ano de 1935. Professora e auxiliar do diretor da Escola Normal, Etelvina também colaborou no jornal *A Discussão*, de Pelotas (1883 – 1885), escrevendo sobre o abolicionismo, e em vários jornais de Aracaju, inclusive na *Nova Era* e nos *Almanaques Sergipanos*, de 1887 a 1902, escrevendo versos e artigos literários (GUARANÁ, 1925, p. 115).

a organização do evento deixou marcada a próxima reunião para o dia 02 de agosto daquele ano. No *Diário Oficial* de 27/07/1925, obtém-se de informação de como aconteciam as publicações sobre os regimentos, programas, manuais e ementa de disciplinas. Deste modo, o jornal tornou-se um mecanismo de divulgação e defesa de seus grupos e ideias.

Numa conferência realizada na Hora Literária em junho de 1927, intitulada *Do método em educação*, Helvécio de Andrade discorreu sobre a importância do método para a qualidade do ensino, apresentando, desta forma, as principais diretrizes para o desenvolvimento de uma instituição escolar moderna. Considerada por este educador como um templo que concorre para estabelecer os alicerces do progresso moral e intelectual de Sergipe, a escola moderna deveria ser única, com uma educação uniforme com a função de preparar a sociedade pela instrução religiosa, moral e cívica. Lembrava que “[...] a escola é o templo, continuação do lar, onde se cultiva essa flor mimosa e santificada pelas preferências de Cristo; é a oficina onde se adestram homens capazes e dignos de honrar a pátria e a humanidade”³⁶.

A luta pelo discurso socialmente reconhecido não estava limitada aos desentendimentos e queixas mantidas, entre eles, nos periódicos de grande circulação daquela época em Sergipe, mas ia além, dizia respeito à formação de opinião que os grupos podiam ter acerca da capacidade intelectual de cada um dos mentores da discussão. As refutações mostravam a busca pela posição no campo educacional, estabelecendo as disputas por meio da mobilização de estratégias que eram específicas desse campo. Neste caso, formavam-se grupos que procuravam tornar hegemônica a linha de pensamento de cada um deles, a fim de serem reconhecidos como um grupo dominante, efetuando uma distinção entre os demais grupos. A inclinação desses professores para a educação era tão forte quanto suas envolturas políticas, pois seus interesses estavam interligados com grupos políticos já consolidados, e isso contribuiu para a estabilização desses sujeitos no campo educacional.

Ambos defendiam o trabalho, o dever e a pátria como os “mais nobres intuitos da Pedagogia moderna”, eram contra a emulação como procedimento educativo e divulgaram a necessidade da educação moral. Em contrapartida, divergiam quanto à necessidade de ser ministrado nas escolas o ensino de religião, que foi uma questão polêmica discutida na época. No entanto, essa discussão permeava o campo da educação, com divergências. Helvécio de Andrade considerava indispensável o ensino religioso nas escolas primárias por entender que ele beneficiava o emblema de que só a religião poderia fornecer o conhecimento intuitivo da justiça e da moralidade.

³⁶ ANDRADE, Helvécio de. *Do método em educação: conferência realizada na Hora literária*. Aracaju. Typografia do O Christão, 1927, p. 02

Em meio a estas discordâncias, Ávila Lima escrevia nos jornais sobre política, educação, temas jurídicos, poesias, e estas publicações deram maior visibilidade a esse professor, visto que em alguns jornais é possível encontrar elogios tanto no campo da educação como no jurídico.

O calendário assina amanhã, a data natalícia do ilustre homem de letras doutor Adolpho Ávila Lima, advogado de incontestável saber jurídico e de grande nomeada em nosso fôro. Cavalheiro de fina educação e filósofo, o doutor Ávila Lima goza no meio social sergipano de elevada estima e consideração, pelas nobres qualidades que possui. Inteligência robusta, jornalista e poeta, o aniversariante distinto é uma das figurações de relevo da atual geração intelectual de Sergipe (LIMA, 1928, p. 1)³⁷.

Ao analisar a trajetória desses professores, foi possível entender o alcance de suas ideias na conformação das reformas educacionais empreendidas em Sergipe, bem como as relações estabelecidas entre esses agentes e o campo educacional, entre eles e seus respectivos grupos. Estudar os jornais *O Estado de Sergipe* e *Diário da Manhã* permitiu reconhecer a imprensa como canal significativo para a ampliação e constituição das reformas educacionais, pois era vista, pelos professores, como meio de estratégias de ação, na qual os debates empreendidos por eles tratavam de questões em andamento, assuntos que deveriam ou mereciam ser executados. Assim, pode-se dizer que as discussões de suas ideias foram ouvidas e lidas por muitos, visto que suas críticas foram publicadas em jornais sergipanos, afirmando seu pensamento sobre a instrução pública que, por sua vez, ajudou a formar opiniões sobre o tipo de educação presente naquele momento.

Por mais polêmicas e acirradas que fossem as discussões sobre a educação, conquistaram o carisma e legitimidade entre pares e pares concorrentes. Foram as ações propostas, assim como as atuações no campo educacional, que garantiram a Helvécio de Andrade e a Ávila Lima a conquista de cargos importantes e interferir no processo de conformação da instrução pública durante as primeiras décadas republicanas. Desta forma, as réplicas e tréplicas foram motivo para auferir legitimidade às ideias de cada professor, o lugar que cada sujeito ocupava na estrutura social, mostrando a condição social e detenção do conhecimento de cada um, uma vez que a maioria dos textos, escritos por esses professores, fazia menção à estruturação da disciplina que disputavam na Escola Normal.

Contudo, o que se buscava com estas réplicas e tréplicas era construir um repertório cultural que desse subsídio para organização da difusão desse método pelas escolas primárias de Sergipe e organização dos programas da Escola Normal. Não foi fácil admitir que o método

³⁷ Advogado Adolpho Ávila Lima. *Gazeta de Sergipe*. Aracaju, 25 de agosto de 1928, ano II, n. 234. P. 1. Col. 3.

precisava passar por mudanças, e elas estavam em todo o país. O movimento da Escola Ativa já havia ganhado terreno em muitas capitais do Brasil e seria necessário que Sergipe pudesse implementar esta proposta em seus programas de ensino, e Helvécio de Andrade não foi desatento a isso. Logo, interagiu com as leituras que permitia incutir este ideal em Sergipe. Nas próximas linhas notar-se-á como ele construiu seu repertório para incutir no seu programa de ensino da Escola Normal de 1930 a passagem do método intuitivo para o método ativo.

4.2 “Um devotado movimento uníssono e forte”: a passagem do método intuitivo para o método ativo

A escola ativa, já que é preciso adotar um título novo, era a mesma escola fundada pela reforma de Caetano de Campos em São Paulo e a mesma criada em 1911 por Carlos Silveira em Sergipe. Já os métodos ativos eram apenas aperfeiçoamentos, desdobramentos do método intuitivo (ANDRADE, 1931, p. 17)³⁸

Esta citação abre esta seção com a percepção de que Helvécio de Andrade desacreditava da originalidade deste movimento, afirmando que só tinha um novo nome. Não obstante as críticas que efetivou ao novo movimento, este professor se mostrou entusiasta destes novos preceitos educacionais, incentivava a aplicação dos centros de interesses, dos diários infantis, dos métodos intuitivo e analítico, dos projetos escolares, das aulas de observação e experiência, da educação para a vida cívica, do ensino moral e da escola ativa.

Por mais que a escola ativa³⁹ fosse indicada no programa de 1930 por Helvécio de Andrade, ao discutir a importância dos novos rumos que esta escola poderia fornecer, baseando-se nos centros de interesses regionais, era acionada por trabalhos individuais ou coletivos no campo, na casa, no desenho e em excursões. Contudo, mesmo compreendendo sua importância, revelava que o modelo seria impraticável em Sergipe, mas que seria significativo no ensino profissionalizante.

Helvécio de Andrade (1930), no texto intitulado *Escola sergipana*, trouxe à tona seu pensamento de como construir um repertório de ideias. Para ele a Escola Nova ainda era objeto de experiências e tentativas, principalmente no que diz respeito à aplicação dos seus princípios

³⁸ ANDRADE, Helvécio de. *O lar e a Escola*: conferência. Aracaju: Casa Ávila, 1931. P. 17

³⁹ Descrevendo a criação de diversas iniciativas consignadas como Escola Nova ou Escola Ativa, as experiências mais importantes e com maior contribuição teórica foram aquelas desenvolvidas por John Dewey na Escola de Chicago, o método de projetos desenvolvidos por William Heard Kilpatrick (1871 – 1965), o método dos centros de interesses elaborado por Jean-Ovide Decroly (1871 – 1932) na Bélgica, os materiais e métodos criados por Maria Montessori (1870 – 1952) na Itália e os estudos sobre psicologia de Édouard Claparède (1873 – 1940) e Adolphe Ferrière (1879 – 1952) na Suíça (VALDEMARIN, 2010, p. 89).

na educação sergipana. Esse movimento, tal como foi concebido nos Estado Unidos, merecia um estudo acurado para uma posterior adaptação no campo educacional sergipano.

“[...] em educação, adaptar ao meio – hábitos, costumes, práticas, de povos muito diferenciados, é criar situações incertas e embaraçosas, por falta de apoio no sentimento popular, façamos a Escola nacional, não como a fazem a Suíça, a Bélgica, Nova York, mas a nossa feição, a feição de nossa gente, da alma brasileira” (ANDRADE, 1930, p. 6)⁴⁰

É por este motivo que, quando assumiu a direção da Instrução Pública em 1930, e ao publicar o Programa desse mesmo ano, ainda encontra-se a indicação do método intuitivo-analítico. Nos vestígios, por mais que apontem para os preceitos da Escola Ativa, há um recorte que ainda privilegia o método anterior: “[...] procuravam desenvolver nas crianças a espontaneidade, a liberdade de pensar, para acabar-se com o método condenado de repetir, de aprender de cór, sem reflexão, automático, mecanizado, de sujeição absoluta a letra dos livros e a autoridade intangível do mestre” (ANDRADE, 1930, p. 28).

Observou-se que as indicações poderiam tender a um novo método, cuja afirmação estava clara no tocante ao que estava em voga. Preconizava no momento, a espontaneidade, a liberdade de pensar. Para melhor esclarecer, entre os objetivos de renovação pedagógica, estava a renovação do material escolar para corresponder às finalidades da educação, “[...] para que possa ser ministrado o ensino eminentemente prático, objetivo, *analytico-synthetic*” (ANDRADE, 1930, p. 34). Ao que tudo indica, seria então esse um novo método a se inserir no ensino primário sergipano.

No caso do programa de 1930, escrito por Helvécio de Andrade, apresentado com 18 páginas e publicado pela tipografia da Imprensa Oficial, direcionou-se para o curso primário, trazia o mesmo repertório utilizado em 1915, 1916 e 1917, enfatizando o método intuitivo. Contudo, deferente dos anteriores, não apresentou instruções particulares ao professor, já seguiu para a divisão das disciplinas e conteúdo, e abriu espaço para a discussão da Escola Ativa. (Quadro 10).

Quadro 10 - Programa do ensino primário de 1930

1º ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Leitura (linguagem oral e escrita) Aritmética História do Brasil Geografia Lições Gerais	Leitura (linguagem oral e escrita) Aritmética História Geografia Lições gerais	Leitura (linguagem oral e escrita) Aritmética História Geografia Lições gerais	Leitura (linguagem oral e escrita) Aritmética História Geografia Lições gerais

⁴⁰ Andrade, Helvécio de. *Escola sergipana*. Aracaju: Typografia do O Luctador, 1930. p. 6.

Caligrafia Desenho Música Trabalhos manuais Ginástica	Caligrafia Desenho Música Trabalhos manuais Ginástica	Caligrafia Desenho Música Trabalhos manuais Ginástica	Caligrafia Desenho Música Trabalhos manuais Ginástica Educação Moral e cívica Gramática
---	---	---	--

Fonte: Repositório da UFSC.

Os programas de Helvécio de Andrade seguiam uma ordem similar, incluíam apenas novos autores para modernizar sua bibliografia. No 4º ano, trouxe como sugestão a *Gramática Elementar Coração de Crianças*, a *Cartilha Analítica*, cadernos de Desenho e Caligrafia, *Aritmética Elementar*, o livro *Minha Pátria e Meu Sergipe*. Na disciplina de Educação Moral e Cívica, começou a direcionar suas explicações, metodologias de ensino, para os centros de interesses de Decroly e a Pedagogia de Projetos, sugerida pela Escola Nova (ANDRADE, 1930). Observa-se, também, uma nota de rodapé no texto, o relato, a condenação dos programas em nome da Escola Nova, pela atenção dada por Decroly aos programas. Em seu método, a Escola Ativa era constituída, segundo Helvécio de Andrade, por não trazer novidades, o que propunha era um maior contato com o aluno, com o mundo ao seu redor e que o próprio aluno observasse e descobrisse as suas faculdades de forma constante. Observa-se que toda Escola Ativa gira em torno dos centros de interesse.

Nas excursões quantos “centros de interesse”? uma planta, um pássaro, uma fonte, um córrego, a água estagnada, fábricas, acidentes geográficos, quantos? Os “projetos” são outros tantos meios educativos de grande valor: “globulização”. Os alunos desejam construir, por exemplo, um navio, um avião, o que for, à sua escolha. O professor aplaude a lembrança, auxilia, guia, facilita-lhes os meios, respeitando, porém, a iniciativa e o trabalho. Adotarão os professores ao lado desses processos de desenvolvimento, o uso dos “diários infantis”. Introduzirão as crianças a relatarem o que virem e observarem em casa, na rua, nos passeios, por escrito, naturalmente, como puderem. Em dia apropriado comentarão os “diários” aconselhando o escritor ou escritores, guiando-lhe a inteligência sem contrariar a sua espontaneidade. Os alunos perderão o medo de emitir os seus juízos, ganharão confiança, terão individualidade. Faço, enfim, um apelo sincero e enérgico ao professorado para que, unindo no mesmo ideal de reconstrução nacional, pela instrução e pela educação, num devotado movimento unísono e forte, prepare os futuros cidadãos de Sergipe e do Brasil, de modo que venham a constituir a nação mais bela do novo mundo, o povo mais livre e feliz (ANDRADE, 1930, p. 9).

A inclusão deste novo pensar são evidências dos repertórios apropriados ao longo do tempo, no qual o sujeito vai adaptando novas performances para se manter no campo. Para isso, apresenta um modelo de horário a ser seguido, pelos professores primários, com a distribuição

das disciplinas. Abaixo, no Quadro 11, mostra-se como deveriam ser seguidos os ensinamentos nos dias de sábado.

Quadro 11 - Horários das disciplinas do ensino primário de 1930

9 às 13h	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1ª hora	Aritmética	Cálculo	Geografia e História		Lições Gerais (Centros de Interesses)	
2ª hora	Observação	Recreio	Experiência		Recapitulações e excursões	
3ª hora	Leitura	Linguagem Oral	Linguagem escrita ou composição		Avaliação dos diários. Narração. Declamação.	
4ª hora	Desenho, Canto e Trabalhos manuais				Ginástica. Os últimos 15 ou 20 minutos empregar em assear e repor, na sala de aula, os objetos de ensino.	

Fonte: Programa de ensino de 1930, p. 13. Repositório da UFSC.

No caso do horário para as aulas noturnas, procedia-se, na 1ª hora, à Leitura, Escrita, Lições Gerais, sendo 20 minutos para cada exercício; na 2ª hora, estudar-se-ia Aritmética, Cálculo, Desenho, tendo 20 minutos de exercício e 5 minutos, antes ou depois, para o Canto. Das Lições Gerais constavam noções de Geografia e História Pátria, pelos meios mais intuitivos e concretos, Higiene, Fenômenos Físicos mais comuns, Educação Moral e Cívica.

Fica evidente no texto, que o autor pretendia, por meio do conteúdo, transmitir todo um conjunto de conhecimentos e atitudes ligado à moral e ao civismo, isto é, à forma mais adequada ao exercício profissional e técnico da instrução, fundamentada no estudo. Tem-se também a impressão de que pretendia, por meio das referências de nomes de grandes filósofos, cientistas e poetas, contemporâneos e antigos, ressaltar a importância do estudo para a formação dos técnicos de ensino.

Constatou-se, então, explicitamente uma tendência de mudança no ensino primário sergipano, um novo método deveria ser adotado, logo não mais era baseado apenas no método intuitivo, pelo menos era o que estava prescrito nos documentos. Esse novo modo de ensinar foi adotado em outros estados do Brasil, porém, as orientações são as mesmas para o ensino primário sergipano. A saber, eles descreveram que a Escola Nova foi um movimento educacional que, por meio de propostas, procurou modernizar o ensino trazendo para a escola as novas descobertas, nos ramos das várias ciências, acerca do ensino e da aprendizagem.

Os pontos básicos descritos estão subentendidos na fala dos Presidentes de Sergipe, como foi o caso de Manoel Correa Dantas, em 1928 e 1930, nas orientações postas nos Regulamentos e Programa de Ensino de 1930, enfatizando que o aluno era o centro das atenções

e a individualidade, a observação dos fatos da vida, entre outras coisas, faz dele um ser importante.

Uma parte significativa do Relatório Anual foi intitulado de Escola Ativa, que, no entendimento de Helvécio de Andrade, não era novidade, e sim ideias do movimento da Escola Nova advindo de intelectuais de São Paulo, que utilizaram as ideias de Decroly e que já contavam nas orientações do Programa de 1930. No Relatório, ele expõe que a Escola Ativa: “[...] não é mais que a prática do método objetivo, animada por processos ativos, dinâmicos – palavra nova de uma ideia velha. A escola clássica, tradicional caracterizava-se pela passividade do mestre e do aluno” (ANDRADE, 1930, p. 10). As ideias da Escola Ativa, para Helvécio de Andrade se assemelhavam com o que já era aplicado no ensino primário, mas de forma dinâmica.

No jornal *Diário da Manhã*, escreveu um texto intitulado “Proteção à infância⁴¹”, no qual enfatizou a Pedologia e sua preocupação com a afetividade infantil, alimentação saudável, aleitamento materno, higiene e celibato feminino. Dedicou uma atenção especial aos inquéritos e métodos de observação que apreciavam as condições psicológicas e fisiológicas das crianças. Entendia, que “[...] o estudo da criança, a observação das faculdades e aptidões, eram noções absolutamente novas em nossos meios educativos”. No mesmo ano, escreveu no mesmo jornal o texto “Escola sergipana”⁴², explicitando orientações sobre o seu programa de 1930, ressaltou a necessidade de simplificar o programa escolar, alargar os horários, dar autonomia didática ao professor, liberdade ao aluno para escolher as temáticas a exercitar, promover a socialização e a integração do educando ao meio em que vivia de modo a conhecer suas necessidades visando ao seu desenvolvimento mental e prático.

Um fato observável sobre o pensamento de Helvécio de Andrade ante à Escola Ativa foi que cogitava que a implantação dessa escola nas escolas públicas brasileiras ainda seria remota, posto que era cara e incompreensível à cultura popular. Para ele, essa escola seria aquela na qual o professor deveria ater profundo conhecimento sobre cada aluno, nos mais distintos aspectos, inclusive se ele era feliz, ou não. “Não se pode ensinar a alunos que não se conhece sua vida, as suas características, os desejos, e sobretudo, os interesses não só dos alunos, mas da classe como um todo, isto é, o professor deve identificar o potencial de colaboração e desenvolvimento do grupo de alunos” (ANDRADE, 1930, p. 12). Para isso, seria imprescindível que os alunos tivessem liberdade para se expressar, mas com disciplina.

⁴¹ Proteção à infância. *Diário da Manhã*. Aracaju, 01 de julho de 1922, ano XIII, n.2524, p. 01. Col 02-03.

⁴² ANDRADE, Helvécio. *Escola sergipana*. Aracaju.: Typografia do O Luctador, 1931, p. 05.

Segundo ele, o professor deveria ser como um bom jardineiro, para manter o seu jardim sempre belo.

Tal comparação teria como referência principal os estudos psicológicos, que se desenvolveram muito apoiados na biologia e, por consequência, nas ciências positivas, em forte desenvolvimento na época. O teor das comparações expressaria o diálogo que ele estabeleceu com os principais pensadores das ciências da psicologia e pedagógicas, em circulação no período.

Além disso, também discutiu as dificuldades dos professores primários, a importância da aplicação dos processos de ensino da Escola Ativa e dos métodos de ensino para modernizar a Instrução Pública, embasados nos princípios defendidos pela Associação Brasileira de Educação (ABE)⁴³. Preocupados em formar/moldar o povo por meio de uma orientação nacional e religiosa, os intelectuais da educação pretendiam construir uma nação brasileira por meio da Escola Nova. O discurso era embasado no tripé: higienização, racionalização e nacionalização, noções que estavam presentes nos discursos de Helvécio de Andrade.

Foi justamente com este repertório cultural que Helvécio de Andrade difundiu os aspectos práticos desta mudança, passando a incorporar em seus discursos a difusão da Escola Ativa, permitindo novos sentidos e novas possibilidades práticas, re combinando ideias tensionadas pelos modos de uso. Ele acreditava que a sociedade passava por um processo de mudanças aceleradas e que a educação deveria participar desta dinâmica, incorporando, principalmente, a flexibilidade. As palestras e conferências direcionavam a busca pela melhoria da técnica de ensino.

Recorrendo aos textos publicados por Helvécio de Andrade, foi possível delinear suas mudanças de pensamento ante o método intuitivo e o método ativo para modificar o estado das coisas da instrução pública de Sergipe. Por mais que tenha sofrido críticas e perseguições pelos seus pares, como foi o caso de Ávila Lima, Ítala Silva e Carvalho Neto, ele se dispôs a construir a história da educação pública de Sergipe apropriando-se de ideias e aperfeiçoando as suas convicções sobre o modo de ensinar e aprender.

Os textos explicitam um conjunto de práticas educativas, por ele consideradas apropriadas para aquela época. A tensão entre o velho e o novo, e cada centímetro percorrido ao longo de sua carreira como médico e educador, podendo dizer também como político

⁴³ Fundada no Rio de Janeiro em 1924, a ABE foi considerada como instituição basilar de discussões sobre aspectos educacionais, não só por promover Conferências Nacionais de Educação, mas também por ser a principal instância de articulação e propaganda do movimento de renovação educacional. Com pretensões de ser uma organização nacional, seus fundadores idealizaram a implantação de filiais nos estados brasileiros. Em Sergipe foi criada a Associação Sergipana de Educação (ASE), por Helvécio de Andrade.

astucioso, a renovação de suas ideias vista pelos documentos que foram manuseados, permitem observar o dinamismo e a vivacidade de suas ideias sobre o método intuitivo nos textos de jornais e documentos oficiais da educação.

Nota-se que a preocupação com o método como dinâmica de organização dos procedimentos educacionais, a concepção de atividades como trabalho educativo e a formação do professor como condutor de todo o processo renovador tiveram papel primordial. Como nos demais programas, as ciências do comportamento e da biologia foram tomadas como marco explicativo do desenvolvimento humano para a condução de uma aprendizagem que considerasse as necessidades próprias da infância e a sua interação ao meio social. Neste último programa, ele trouxe para fundamentar seu texto as ideias dos americanos John Dewey e Kilpatrick e dos europeus Decroly e Edouard Claparède.

Por mais que os textos destes autores soem como repetitivos, faz-se importantíssimo considerar que eles apresentam seus desdobramentos, o alinhamento de seus repertórios, bem como as performances que foram delimitadas para estas renovações no pensamento sobre a instrução pública de Sergipe. Os impressos foram colocados como lugares de expressões e de estratégias de poder, que condicionavam as orientações para a formação dos professores e para determinadas práticas educativas, as quais passam a serem autorizadas e legitimadas.

Logo, a configuração da proposta educacional de Helvécio de Andrade, baseada nas ideias de renovação educacional, foi adequada ao objetivo de utilizar a educação como reforço do poder político por meio das reformas educacionais. Colocando em primeiro plano os aspectos metodológicos e apresentando-os como os elementos capazes de contribuir para um processo que fosse modernizante e preservasse a ordem social.

A seguir, será analisado o conflito vivido pelos professores primários de se aplicar o método intuitivo nas escolas primárias de Sergipe, no período de 1917 a 1930.

4.3 “A desalentadora perspectiva duma pungente dúvida”: o método intuitivo nas escolas primárias de Sergipe

“[...] consiste em retalhar o passado em pequenos fragmentos e amuralhá-los dentro de escritos, nos quais podem ser analisados em detalhes minuciosos e rearmados em ordem racional” (DARNTON, 2014, p. 91).

A descontinuidade política e administrativa era visível. Nos quarenta anos da Primeira República as mudanças se sucediam em todos os ramos da instrução pública, alterando, no todo ou em parte, a organização da escola. No ensino primário foram 27 os atos dos poderes Executivo e Legislativo, no ensino secundário 36, e no ensino normal 35, no ensino profissional

12, e no ensino superior três. “[...] Era preciso pensar a ação de educar como um fenômeno mais amplo e completo, que implicasse transformações incutindo posturas e valores para poder adaptar a população ao modelo de sociedade pretendido” (OLIVEIRA, 2004, p. 11). Tal afirmativa sintetiza a necessidade de reformas na educação em Sergipe a fim de ver concretizado o almejado desenvolvimento. Uma discussão importante de ser suscitada nesta seção, pois nem tudo que se idealizou foi possível aplicar.

A educação em Sergipe contou com o auxílio de defensores do método intuitivo, para que assim fosse propagada sua modernização. Mas abraçar a causa, incentivar e estimular práticas mais modernas não foi tarefa simples. Em relação à aplicação de novos métodos, o Decreto 587/1915 apresentou algumas dificuldades que surgiram ao implantar uma nova metodologia em um ambiente escolar mal aparelhado. Professorado antigo, serviço de inspeção escolar precário, materiais de ensino e mobílias inadequadas foram algumas das principais questões pontuadas. Segundo o exposto nos documentos, Helvécio de Andrade afirmou que

Muitos são os professores antigos que não compreenderam e não poderiam ainda praticar com proveito esta parte do programa. Uns, por não conhecerem todas as disciplinas; outros, por cansaço devido à idade e aos muitos anos de serviço ou por falta de material escolar. O certo é que somente nos grupos e nas escolas regidas por novos professores e em raras das restantes, é praticado o método do programa, isso mesmo não de modo perfeito (SERGIPE, 1915, p. 07).

Nesta subseção, comenta-se o trabalho dos inspetores escolares e suas observações diante do que encontravam nas escolas primárias de Sergipe. Muitas são as variáveis encontradas por esses sujeitos sobre a aplicabilidade do método intuitivo, e é isso que a presente pesquisa fez questão de abordar. A figura dos inspetores será apresentada no âmbito de um serviço realizado para averiguar se os trabalhos feitos pelos professores das escolas primárias coincidiam com o que exigia a legislação, se bem cumprida como os professores estavam a aplicá-la. A escolha pelos trabalhos dos inspetores legitima-se por ser uma tarefa que, além de torná-los vigias do cumprimento das normas dos regulamentos educacionais, também os constituía como direcionadores do fazer pedagógico dos professores, sendo, portanto, apresentados como olhos vigilantes do Estado.

A análise da atuação e a difusão dos princípios do método intuitivo pelos inspetores é a pretensão desta subseção, uma vez que, durante o período de 1917 a 1930, algumas ações performáticas foram firmadas para a implantação deste método. Considera-se importante ressaltar que, na escrita da apresentação dos termos de visita, não será possível seguir uma ordem cronológica, apresentando apenas aqueles que foram possíveis de serem manuseados.

De acordo com Anne Emílie Souza de Almeida (2009, p. 58-59), até 1916, os inspetores eram selecionados pelo presidente do estado. Porém, eles teriam que ter formação em qualquer ensino superior e se distinguirem pelo interesse em assuntos educacionais. Apesar de continuarem, em 1926, a ser indicados pelo presidente do estado, tornava-se necessário, para esta nomeação, que este profissional tivesse um conhecimento notório dos assuntos educacionais ou possuísse uma experiência como professor público ou particular. Somente a partir de 1931 é que se passou a exigir a aplicação de concurso público. Enquanto auxiliares do diretor da Instrução Pública, os inspetores seguiam seu trabalho como vigilantes, denunciando e elogiando os professores, apresentando a realidade encontrada nas diversas escolas que visitavam. No bojo do trabalho realizado pelos inspetores, foi possível observar a aplicação do método intuitivo, pelos professores, e quais dificuldades foram encontradas.

Em 9 de novembro de 1917, ao visitar a aula da professora Etelvina Umbelina de Oliva, o inspetor João Esteves da Silveira, detectou que a instrução estava sendo bem desempenhada, contudo enfatizou: “[...] pena é que não tenham servido de mobiliário adequado”. Esse parecer está muito restrito apenas a esta informação, não há descrição dos alunos, nem o andamento do conteúdo, e, se houve arguição, foi uma informação que trouxe apenas a evidência de que não havia recursos didáticos disponíveis para a prática do professor.

Dando sequência, a escola do sexo feminino da professora Mariana Fontes de Oliveira possuía 32 alunas matriculadas e frequentes, com um mobiliário composto de bancos, carteiras, uma mesa, um quadro negro, todos bem conservados. Contudo foi sugerida a substituição pelo modelo americano. Segundo o delegado de ensino Olympio Mendonça, o ensino era bem divulgado pelo método intuitivo (27/10/1916).

No dia 16 de agosto de 1917, em Aracaju, Maria de Menezes, inspetora de ensino, visitou a escola singular do sexo masculino, do professor Tarcísio de Oliveira Cezar, com matrícula de 50 alunos e frequência de 34, foi assistida a aula de aritmética, na qual 9 a 10 alunos conseguiam resolver questões, e 10 a 11 acompanhavam a leitura. Segundo esta inspetora, os alunos que denotavam aproveitamento eram por resultado do esforço do professor, pois a escola carecia de tudo relacionado ao ensino intuitivo, possuindo apenas um quadro negro, os bancos simples com buracos cobertos por madeira, não havia mapas escolares, nem material para o ensino intuitivo.

Em suas fiscalizações, o inspetor Antônio Xavier de Assis ao visitar a escola do sexo masculino da capital, regida pela professora Tecya Chantal de Britto Almeida, que residia na Avenida Barão de Maroim, apresentava a matrícula de 44 alunos, distribuídos em três classes, com frequência no dia 23 de maio de 1918 de 27 alunos. O inspetor enfatizou que a terceira

turma já estava nos rudimentos das frações ordinárias, com leitura e outros materiais de acordo com os passos do programa. O mobiliário constava de cadeiras americanas, com mesa e cadeira do mesmo estilo, quadro negro, cartas de Parker, contador mecânico, relógio de parede e mapas. Informou ainda que o mobiliário era completo e que o salão no qual residia a professora Tecya estava em perfeitas condições de higiene.

Em 25 de março de 1919, Ana Elvira de Góes visitou a escola do sexo masculino da Villa de Socorro, situada à Rua do Rosário, com presença de 15 crianças, dividida por três classes. Relatou que a matrícula da escola ainda estava em formação e acusava 22 alunos, o material escolar compunha-se de quatro bancos-carteiras, uma mesa com gaveta, uma cadeira de traços e um quadro negro com cavalete. A escola precisava de mapas do Brasil e geométricos, carta de parker e relógio. Fez referência de que a professora era normalista da Escola Normal do estado e havia estagiado no Grupo escolar modelo da capital. Contou ainda que a professora era conhecedora do novo método de ensino, conforme sua conversação com ela, sem assinatura do inspetor.

Ao visitar a escola pública do sexo feminino da professora Esmeralda de Freitas, na cidade de Propriá, em 7 de junho de 1919, Antônio Xavier de Assis observou a matrícula de 50 crianças e frequência de 11, pois era dia de feira na cidade, justificativa dada pela professora.

O método de ensino adotado se aproxima da moderna orientação pedagógica. Caligrafia vertical, geografia ensinada com o uso do quadro negro e Lições de coisas, tudo isto vai sendo assimilado com facilidade. É urgente a necessidade de um relógio, de mapas geográficos, sólidos geométricos e outros objetos escolares (ASSIS, 1919, n. p 1.).

O inspetor Ascendino Argôllo, em 13 de setembro de 1920⁴⁴, escreveu, em seu termo de visita, sobre os seguintes aspectos: matrícula de 35 crianças e 30 frequentes, o edifício⁴⁵, sobre o mobiliário, composto por 16 carteiras americanas, uma banca escrivãzinha, um quadro negro, um relógio, um contador mecânico, uma carta de Parker, um mapa geográfico e outros objetos escolares. Orientou à professora a adoção dos livros didáticos aprovados pelo Conselho Superior de Instrução, publicados no *Diário Oficial* do Estado. Com relação ao método de ensino, ele evidenciou que:

Com as novas modificações porque está passando a instrução pública do Estado, diverso é o rumo que o professorado tem de seguir no assimilar tanto quanto possível a doutrina que os tratadistas contemporâneos vão indicando

⁴⁴ E6, 1179 – A proprietária da escola era a professora Rosentina Junqueira Leite.

⁴⁵ E6, 1179 – Cumpre notar que, na transcrição de sua visita, o inspetor constatou que o prédio era alugado e que a proprietária já havia solicitado a entrega da chave, porém a preceptora lutava para fazer a aquisição de uma casa que proporcionasse a comodidade imprescindível ao corpo discente.

aos educadores da mocidade – o ensino por intuição. A fim de que se torne eficiente esta orientação metodológica tão fecunda em resultados magníficos quão proveitosa para as conquistas da inteligência, lembro a Exma. docente o que, sobre o assunto escrevi em relatório, em as colunas do “Diário Oficial” na parte relativa ao expediente do Conselho Superior de Instrução (ARGÔLLO, 1920, n. p.2).

Em 8 de outubro de 1924, Florival de Oliveira, ao visitar, no povoado Pedra Branca, município de Laranjeiras, a escola rural da professora Etelvina Pinto de Mello, numa turma de 23 alunos frequentes, relatou que continuava a professora a dar aula com assiduidade, consoante ao que ordenava o regulamento. A escola encontrava-se provida de bom mobiliário, em perfeito estado, obedecendo aos preceitos do método intuitivo, composto das seguintes peças: duas carteiras dianteiras, oito médias (sistema americano), um grande quadro negro com cavalete; do material pedagógico constava um mapa de Sergipe, um do norte do Brasil e um contador mecânico⁴⁶. Ainda em Laranjeiras, Florival de Oliveira visitou, em 9 de outubro de 1924, a escola rural do povoado Taboquinha, na aula da professora Possidônia Bragança de Azevedo, onde observou a matrícula de 30 alunos, sendo 15 meninos e 15 meninas. Nesta visita, deixou impressos elogios à professora, ressaltando o sobrenome da família como representatividade ao bom andamento do ensino.

O ensino está sendo, como era de esperar, bem orientado. Digo – como era de esperar – porque se trata de uma descendente da Família Bragança, em cujo seio fulgiram as mais belas estrelas do magistério sergipano. A felicidade e a grandeza de muitos lares, em nosso Estado – e produto da inigualável atuação moral e intelectual d’aquela cujo nome escrevo possuído da mais intensa emoção e religioso respeito – a professora Possidônia Bragança (OLIVEIRA, 1924, n. p.2).

Pelo que consta no documento de inspeção realizada na escola feminina de Campo do Brito, na turma da professora Adélia Lobão de Andrade, frequentada por 28 alunas, em 27 de maio de 1925, Florival de Oliveira verificou, enquanto Delegado regional do ensino, que:

Continuava sem material pedagógico, havendo, ainda, falta de programa. Quanto ao ensino, mais uma vez cumpri o dever de exaltar as vantagens do método intuitivo, o único que se, coaduna com as condições mentais da criança. Bem sei que, entre as populações do interior, a ojeriza a esse método é grande (OLIVEIRA, 1925, n. p.1).

Ao lembrar o repertório utilizado por Balthazar Góes sobre as aulas de Leitura, orientava que as professoras utilizassem a *Cartilha de Hilário*, contudo, observa-se uma alteração desta ordem em 3 de julho de 1925, quando Florival de Oliveira visitou a escola da professora Clara

⁴⁶ E6, 1141.

Medeiros, em Campo do Brito, orientando que substituíssem a Cartilha de Hilário pela Cartilha de Arualdo Barreto⁴⁷. Sobre o material escolar da Escola pública do sexo feminino situada em Riachuelo, Florival visitou, em 7 de julho de 1925, a aula da professora Maria Pureza de Albuquerque, sobre a qual constava, no termo de vista, a informação de que ela veio assumir a regência da turma em março do ano de 1925, pois a antiga proprietária da escola, a senhora Cecília de Araújo Ramos, havia falecido. A respeito do estabelecimento, estava asseado, porém a disciplina estava a desejar. O mobiliário, em perfeito estado, dispunha de 14 carteiras (sistema americano), um quadro negro com cavalete, uma carta de Parker, dois mapas pertencentes à professora, proprietária também do relógio existente. Florival notou, ainda, que os livros de escrituração haviam sumido e, como dilema encontrado, a professora não possuía o regulamento de ensino, fato que repercutiu no seguinte comentário: “devo, finalmente observar que a professora não possui, ainda, o atual regulamento, o que é muito prejudicial à marcha do serviço”.

Ao se fazer uma leitura dos termos de visita ainda sobre o ano de 1925, foram encontrados documentos do senhor Ascendino Xavier Ferrão de Argôllo, observando-se a presença às preleções das Lições de Coisas, bem como o método intuitivo que estava sendo aplicado de forma eficaz e proveitosa pelas professoras Maria dos Prazeres Zicker (12/03/1925) e dona Leopoldina Baptista de Oliveira (23/03/1925), ambas da cidade de Maroim. Em 15 de abril de 1925, o senhor Ascendino Argôllo⁴⁸ verificou, no povoado Guimardia, na escola pública mista da professora normalista Amélia Francisca de Assis, a presença de 38 alunos frequentes, num estabelecimento pequeno, bem ventilado, porém desprovido dos seguintes materiais:

Está desprovida de mobiliário, bem como de quadro negro, mapas geográficos, cartas de Parker, sólidos geométricos, etc. É digno de nota o interesse com que a distinta normalista se dedica à profissão que abraça trabalhando com todas as forças de seu coração e de sua inteligência, pelo desenvolvimento intelectual e moral das classes que frequentam sua aula (ARGÔLLO, 1925, n. p.1).

Pelo relatório de Argôllo (1925), observou-se que a população do Povoado Caetetú, município de Maroim, estava satisfeita com o estabelecimento da professora Guiomar Siqueira da Silva, pois era cercado de respeito e admiração. Segundo ele, o método de ensino por intuição estava seguindo a orientação inspirada pelo regulamento da instrução. Por mais que fosse

⁴⁷ Essa fonte foi extraída do Apese - E6, 1141. Sobre o professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto (1869 – 1925), ele publicou a *Cartilha Analytica*, pela editora Francisco Alves (RJ), com 1ª. edição presumivelmente em 1909 e a última, a 74ª, em 1967.

⁴⁸ E6, 1141.

apresentada uma realidade que impossibilitava a prática do ensino por intuição, os inspetores sempre logravam êxito no trabalho das professoras, ressaltando que “a digna docente muito se esforçava pela execução do programa, interessando-se com dedicação e boa vontade, pelos modernos ensinamentos da pedagogia, especialmente na parte relativa ao método intuitivo” (ARGÔLLO, 1925, n. p.1).

O delegado regional do ensino, Ascendino Argôllo, ao visitar a cidade Maroim, em 18 de agosto de 1926, identificou, na escola pública do sexo feminino era regida pela professora Maria da Conceição Mendonça, que os livros escolares estavam bem escriturados, contudo o prédio não se encontrava em condições pedagógicas de higiene, as salas eram muito quentes e pouco ventiladas. O método intuitivo estava sendo praticado mais ou menos de acordo com o conselho de ensino, não sendo completa a execução do programa didático, em virtude da ausência dos objetos técnicos indispensáveis à eficiência do referido método. O interessante é que mesmo vendo esta situação, o delegado de ensino ainda frisa que “a zelosa e dedicada professora” tem reunido as melhores energias do seu espírito ao intuito de cumprir com os ensinamentos de seus alunos.

O texto dos inspetores ou delegado de ensino são bem próximos, todos notam a matrícula dos alunos para analisar a frequência, e manutenção destas escolas, pois eles serviam de vigias para a permanência delas. O que estava em atenção no momento eram as instalações das escolas, em que local foram construídas e se existia condições de higiene. O higienismo mostrava-se forte nessa época, visto que exigiam saneamento básico próximo às escolas, bem como aspectos ligados à quantidade de salas, se eram arejadas e ventiladas. Inclusive, tornou-se disciplina nos cursos das Escolas normais. Por estes motivos, muitas escolas eram avaliadas pelos inspetores e se não cumprissem as regras determinadas pelos regimentos e programas de ensino eram consideradas inapropriadas.

Outro aspecto relevante ao estudo destes termos de visita faz referência ao cumprimento pedagógico estabelecido pelos regimentos e programas de ensino. Nota-se uma ênfase na observação ao mobiliário da escola, se estava de acordo com as determinações legais e os preceitos do método intuitivo. Eram descritas, em seus textos, a quantidade e qualidade destes materiais. A maioria dos textos que foram encontrados solicitava que os professores cumprissem essa regra para que o ensinamento dos conteúdos fosse atrelado aos objetivos do método intuitivo.

A maioria dos professores não possuía os materiais solicitados pelo método, contudo, os inspetores sempre faziam menção aos esforços destes professores em se fazer cumprir tal

método, chegando a apresentar frases bíblicas, filosóficas e patrióticas para afirmar o empenho desses professores.

Nas observações e na apreciação individual encontrou-se variáveis nos tamanhos dos textos e quantidades de páginas, alguns mais detalhistas, outros menos observadores. Isso pode ser colocado como inexperiência dos inspetores ou apenas como forma de identificar a existência da escola. Concernente à fiscalização ao detalhamento mais apurado do que se encontrava, pode-se destacar a quantidade de alunos matriculados, os aspectos físicos do prédio, o aparelhamento escolar, as carteiras, os móveis, o material didático, o material escolar, a classificação dos alunos, a apreciação do professor e se havia ressalvas.

Pelo aspecto material, foi possível identificar, pelos termos de visita, se estavam adequados à proposta do método intuitivo, bem como as aquisições ao modelo americano, como as cadeiras e mesas. Em poucos relatos foi possível notar que o inspetor tenha feito arguição aos alunos, sua avaliação era transcrita apenas pelo que se notava na aula.

Para que os inspetores verificassem se os professores estavam cumprindo o que se era estabelecido pelos programas de ensino e regulamentos baixados pelo Conselho Superior da Instrução Pública do Estado, era necessário um conhecimento sobre a Pedagogia moderna como foi citado,

[...] Aconselhei, aos professores, completa obediência ao programa de ensino primário. Para orientar, melhormente, os mestres, citei Pestalozzi e Barbosa. “A escola para a criança, não mais a criança para a escola, o método e o programa gravitado em derredor da criança, não mais as crianças torturadas em torno de um programa abstrato” (SERGIPE. Termo de Inspeção Florival de Oliveira, 1926, p. 02).

Nos direcionamentos do inspetor Florival de Oliveira, havia indicações de leituras para que o corpo docente tivesse conhecimento metodológico do processo de ensino intuitivo e para que fossem praticadas nas salas de aula as ideias teóricas. As indicações destas obras serviam para que os professores realizassem suas aulas segundo as concepções preconizadas pelo método intuitivo.

Tal temática reapareceu quatro anos mais tarde, visto que o modelo de ensino proposto não ocorreu como idealizado, tendo em vista três principais aspectos: a incompreensão do real significado do método por parte dos professores; a idade avançada e/ou os muitos anos de serviço; e a ausência de material necessário para melhor aplicação do método. Os métodos decorados e as abstrações do ensino estiveram continuamente presentes nas mensagens dos presidentes da Província até a década de 1930. Para tentar sanar esta questão, Helvécio de Andrade informou

Foi adquirido material pedagógico suficiente, afim das aulas terem a feição mais prática possível. A campanha contra a abstração, contra os antigos processos de repetir, de aprender de cor, da memorização passiva de grandes cópias de conhecimentos tem sido diligente e tenaz. Um dos maiores vícios do ensino normal, entre nós, sempre foi este: o desprezo do método ativo pelos processos que sobrecarregam a memória e enfraquecem a capacidade de raciocinar. Para combater essa tendência viciosa, recorreu-se ao extremo do método intuitivo, isto é, do mais constante contato da inteligência com a natureza, com as coisas, observando-as, comparando-as, deduzindo delas o conhecimento seguro. Procura-se na Escola Normal, com benéfico entusiasmo, um saber feito de experiências, para ser transmitido às novas gerações sergipanas, obedecendo aos mesmos sábios princípios naturais na aquisição da verdadeira ciência pela inteligência humana (ANDRADE, 1930).

A conduta observada pelo professor Helvécio de Andrade condizia com as ideias do método intuitivo, o ideal não era fornecer aos alunos respostas prontas, mas fazer com que pesquisassem certas situações que partissem de seu próprio interesse. Para ele, à medida que o aluno se interessava por um determinado assunto, havia possibilidade de sucesso e de uma aprendizagem eficaz, porém, para despertar seu interesse, era necessário estabelecer relação entre as situações e os objetos da criança com os conteúdos da matéria.

Em outras palavras, o problema que se encontrava nas escolas primárias, pelo que foi notado nos termos de visita, é que os professores precisavam descobrir a relação intrínseca entre a matéria, o objeto e a pessoa – relação essa que, uma vez conscientemente percebida, passaria a ser o motivo de atenção. Fato que não foi possível encontrar neste documento, visto que a realidade das escolas e das aulas estava distante do que era pretendido nos programas das disciplinas e dos preceitos do método intuitivo.

O que foi possível observar com a leitura dos termos de visita, é que, independentemente do tipo de estabelecimento, da localidade ou da transcrição dos inspetores sobre o cotidiano das escolas, todos apresentavam as mesmas análises, comentando sobre a frequência dos alunos, o local dos prédios, a questão da higiene, os materiais didáticos que, por sua vez, diretamente repercutiam na prática do método intuitivo. São várias amostras dos inspetores que referenciavam a necessidade de compra de material e da falta de conhecimento dos professores pelos programas e regulamento de ensino.

Portanto, é restrita a compreensão que se faz desse método pelos professores que atuavam na escola primária, por mais que os professores da escola normal desenhassem a difusão pelos programas de ensino.

Nota-se, a partir do período em tela desta seção, que o método intuitivo, por mais que fosse difundido em Sergipe desde 1890 até 1930, ainda se encontrava professores que não sabiam como trabalhá-lo ou que ainda não tinham os recursos disponíveis para tal prática. Isso

traz uma justificativa de que as mudanças na educação de Sergipe ocorreram por meio de um processo, e não por uma legislação que ia modificar imediatamente a instrução pública.

As fontes nortearam para a compreensão de que o método intuitivo se perpetuou ainda por alguns anos, como ressalta o trabalho de Almeida:

Em relação ao ensino e ao método intuitivo, Helvécio de Andrade afirmou que as professoras utilizavam os métodos mais modernos ditados pela Escola Nova e justificou as dificuldades do corpo docente em desenvolver os preceitos escolanovistas – a falta de material didático adequado para as inovações pedagógicas. “Confere como inventário: O estabelecimento se recente de mapas do Brasil, contendo os territórios nacionais, cartas de linguagem, vez que as existentes estão estragadas, mapas econômicos do Brasil e mapas de Sergipe. Ante esta falta o corpo docente se vê em dificuldades para o ensino intuitivo e o corpo discente com relevante prejuízo” (SERGIPE, Termo de inspeção, 1944 apud ALMEIDA, 2009, p. 78).

Mais uma vez, percebe-se que as ideias de inovação iam chegando, sendo apropriadas pelos professores com a ajuda dos inspetores que, por mais que servissem de fiscais, também orientavam na prática educativa da modernização do ensino, contudo o problema continuava na aquisição dos materiais. Portanto, Sergipe nem conseguiu efetivar a aplicação na íntegra do método intuitivo, já incorporava o método ativo em seus discursos de 1931, contudo o problema da instrução pública e a difusão do método intuitivo ainda se encontrava em 1944.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A beleza dos versos impressos em livro
 – serena beleza com algo de eternidade –
 Antes que venha conturbá-los a voz das declamadoras.
 Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
 Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
 Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.
 Mas não mudos e iguais como esses mortos em suas tumbas.
 Só tua alma distingue seus diferentes passos,
 Quanto ao único rumor em teu quarto
 É quando voltas, de alma suspensa – mais uma página
 Do livro... Mas um verso fere o teu peito como a espada de um anjo.
 E ficas como se tivesses feito, sem querer, um milagre...
 Oh! Que revoada, que revoada de asas!
 (Mário Quintana, 1989, p. 109).

Assim como Quintana (1989), senti-me envolvida com os impressos que encontrei nas prateleiras de vidro. Estavam em repouso e eu resolvi manuseá-los, a partir do contingente de palavras e discursos sobre o método intuitivo que ali repousavam comecei a compreender seus passos. Nesta pesquisa, destaquei o impresso como algo que ultrapassava seus escritos, no caso as intenções de cada um dos professores escolhidos, algo que pode ser identificado ora pelos sentidos que lhes são atribuídos, ora pela representação de uma prática leitora, própria de um tempo, ou mesmo pelos misteriosos cântaros que ali repousam.

Colocados como suspeitos, os impressos selecionados nesta tese foram delimitadores para compreender a difusão do método intuitivo em Sergipe pelos professores Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima. Os autores não escrevem livros. Não. Escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso, cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

Estes sujeitos da pesquisa buscaram fundamentar o trabalho pedagógico dos professores da Escola Normal de Sergipe por meio de suas ideias sobre o método intuitivo. Partiram de leituras que ocorriam no Brasil sobre a reformulação do ensino primário e sobre o modismo dos textos de Pestalozzi, Froebel e Rui Barbosa. Nota-se que a dinâmica de escrever textos sobre esse método abraçou a imprensa sergipana, realçou os embates e críticas referentes às ideias que defenderam e às suas práticas pedagógicas. Estes opositores trouxeram para a vida educacional republicana a possibilidade de uma análise mais crítica das produções e atitudes desses professores. Como foi o caso de Helvécio de Andrade tentando se sobrepor às ideias de Balthazar Góes, quando ao apresentar seu manual, desfez do manual do referido professor. E como fez Ávila Lima nos textos de jornais sobre a forma de dirigir a Escola Normal por

Helvécio de Andrade e de como este pensava a psicologização do ensino. Diante do cargo e do prestígio que Helvécio de Andrade gozava como homem de confiança do poder, publicou mais que os outros professores, e, por isso, é bem mais citado nas pesquisas sobre educação em Sergipe. Os conflitos foram geridos por diversas razões, pessoais, administrativas e educacionais. Desta forma, foi possível identificar como suas ideias foram apropriadas tanto pelos que as criticavam, quanto pelos que as compartilhavam.

Com as devidas ressalvas, aponta que, apesar do volume e diversidade da produção em torno do método intuitivo, produzida sob diferentes pontos de vista, tendências, ênfases e nuances, muito ainda está para ser melhor compreendido sobre esse método em Sergipe. Os professores da Escola Normal estavam convencidos de que a qualidade do ensino primário era a intuição. Alimentados pelos avanços da fisiologia e da psicologia, os novos métodos da Pedagogia moderna caracterizam um movimento reacionário contra os métodos antiquados.

A Escola Normal destinava-se a formar professores e professoras a fim de educar e ensinar as crianças e a escola primária tinha um duplo fim: despertar as forças físicas, morais e intelectuais e desenvolver tais forças na elaboração do saber próprio a cada matéria. Isso delimitou o espaço de divulgação e apropriação das ideias destes professores, sejam em seus manuais como Balthazar Góes (professor) e Helvécio de Andrade (professor e médico), quanto nos discursos do inspetor de ensino e professor Ávila Lima (professor e advogado). Cada um destes personagens fez enaltecer os discursos sobre o que ensinar e como ensinar a partir do método intuitivo, divulgando a partir dos debates políticos uma desejada uniformização do ensino em Sergipe.

Um exemplo de como este debate foi conduzido são os impressos em jornais e termos de visita dos inspetores e diretores de ensino, quando evidenciavam como os professores usavam em sala de aula os objetos apresentados como símbolo da modernidade, principalmente pela falta destes materiais.

Outra questão que foi ressaltada em seus discursos por todos estes professores foi a relação entre o professor, o saber e a criança, de maneira que, por falta de materiais didáticos, o ensino deveria ser fundamentado no diálogo, ou melhor, no processo da conversação. A maioria dos casos evidenciados nesta pesquisa mostra o quanto o discurso suscitava o uso de recursos próprios para aplicação do ensino intuitivo, que por sua vez não se faziam presentes nas escolas primárias. As professoras saíam da Escola Normal conhecedoras desse método, contudo não tinham recursos suficientes para aplicá-lo. Era por meio de questões que o professor fazia a criança construir espontaneamente suas respostas. A depender da lição e da matéria, requeria-se o tocar, o ver, o cheirar, o ouvir e/ou o degustar, quando assim tinha recurso

didático. Independente da finalidade, a criança sempre utilizava seus sentidos e faculdades, analisando os objetos e fazendo abstrações dos aspectos por meio das comparações.

A Pedagogia moderna esclarecia que o ensino na escola primária não poderia desconsiderar que o ser-criança é anterior, é o ponto de partida para o ser-aluno. Como um ser empírico, a criança conhecia o mundo físico priorizando o uso dos sentidos, em especial a visão. A observação clara, distinta e imediata sobre os objetos sensíveis toca os sentidos por meio da intuição. Por assim ser, a intuição passou a ser a base de todos os conhecimentos da criança. Ou seja, os sentidos deveriam ser utilizados a serviço da construção do conhecimento e do saber escolar. Educar os sentidos passou a ser um momento de produção do conhecimento e de aquisição de saberes. Nesta direção, a educação dos sentidos tornou-se parte importante do ensino escolar para estar em conformidade com as características infantis.

Em termos de intencionalidade, buscou-se acentuar algumas transformações da Instrução Pública em Sergipe no período de 1890 a 1930, principalmente sobre o método de ensino que preconizava nos impressos referentes à instrução pública, com isso, notou-se que, marcado pela renovação do pensamento pedagógico que acentuava os discursos de intelectuais no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, Sergipe buscou acompanhar pela legislação e impressos a difusão da Pedagogia moderna. E foi apenas a partir destes que as escolas primárias de Sergipe ouviram falar sobre esse método.

Na realidade, assistiu-se a uma redefinição das finalidades da educação, as quais também redefiniram a própria finalidade da escola. O esforço de renovação no emprego do método intuitivo deu destaque à modernidade e uma variedade de aparelhos, recursos didáticos e manuais utilizados. O mercado escolar começou a produzir recursos práticos e concretos para a aprendizagem dos alunos e da prática educativa dos professores, enfim, todos precisaram se adaptar a essa renovação educacional.

Teve-se ainda a intenção de mostrar que o fascínio pelo progresso e pela ciência, proveniente do modelo de educação norte-americano e europeu, trouxe procedimentos didáticos e tendências pedagógicas inovadoras, destarte em Sergipe poucos destes recursos didáticos puderam chegar, seja pela falta de recurso financeiro pelos professores como pela ausência de financiamento do Estado para com as escolas.

O conjunto formado por estas seções que compõem esta tese permitiu observar as diferentes trajetórias de configuração de um saber escolar, visto que cada professor traz em seu bojo teórico uma diversidade de autores que versavam sobre esse método. Em alguns momentos é possível notar a apresentação do método e de outros métodos nos regulamentos de ensino primário, como foi o caso de Helvécio de Andrade, no capítulo de seu manual, apresentando

outros métodos de ensino. Se falava do método intuitivo, mas não se deixava de aplicar o método simultâneo, visto que os professores apenas tinham em suas aulas a presença de relógio, quadro negro, cartas de Parket e mapas geográficos, como citado por Ávila Lima em suas visitas enquanto inspetor de ensino. O método intuitivo não era representado apenas por estes recursos, ia além de recursos materiais, pois existia uma filosofia de ensino que priorizava o aprender e o ensinar, redefinindo o papel do professor e do aluno.

No itinerário aqui percorrido para a construção de respostas da problemática da pesquisa, observou-se: As maneiras como os professores Helvécio de Andrade, Balthazar Góes e Ávila Lima estiveram ligados na difusão do método intuitivo

Ao assumirem cargos públicos – como representante do governo, diretor de ensino (Balthazar Góes e Helvécio de Andrade), inspetor de ensino (Ávila Lima), professor da Escola Normal (Balthazar Góes e Helvécio de Andrade, Ávila Lima), participante de grupos de intelectuais como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Ávila Lima), de sociedades instrutivas e de recreio (Balthazar Góes), Clube Letras e Artes (Balthazar Góes), Conselho Municipal de Aracaju (Ávila Lima), Conselho Superior da Instrução Pública do Estado (Ávila Lima), Academia Sergipana de Letras (Ávila Lima) – estes sujeitos puderam difundir o método seja em jornais, conferências, manuais, regulamentos de ensino e na própria legislação educacional de Sergipe. Esses lugares permitiram a eles serem divulgadores de ideais renovadores do ensino.

Qual a concepção de método intuitivo que se discutia?

A partir dos impressos manuseados nesta pesquisa, notou-se que a concepção de método intuitivo foi incorporada por estes professores a partir de leituras de textos escritos por brasileiros e de textos traduzidos por brasileiros. As leituras mostram que os professores divulgavam, nos impressos sergipanos, a tradução da obra Calkins por Rui Barbosa, os textos da *Revista de Ensino de São Paulo*, e citações de Pestalozzi, mas isso não impediu que citassem alguns clássicos da educação como Rousseau, Comenius, Froebel. Isso mostra o quanto foi incipiente a proposta de uma única concepção, estes se valeram de autores como Manoel de Passos de Oliveira Teles, Jaguaribe Filho, João Ribeiro, Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho, Graça Affreixo, Henrique Freire, Clemente Quaglio, Alfred Binet, Jules Gabriel Compayré, Jules Simon, autores de origem italiana, portuguesa, americana, francesa, suíça. A análise dos impressos permitiu identificar a existência de diferentes vertentes de ensino intuitivo. Por mais que tenham citado todos estes autores em seus escritos, ainda fica a pergunta, se realmente eles leram estes textos ou se puderam manusear as traduções das obras destes autores.

Como foram estruturadas as performances desses professores da Escola Normal, a fim de construir estratégias de oportunidades e mobilizar a difusão do método intuitivo?

Como estiveram em cargos de prestígio no espaço público de Sergipe, puderam dialogar com grupos de intelectuais oriundos de todo país, participavam de congressos e proferiam conferências nos outros estados brasileiros, nestes espaços aprofundavam seus conhecimentos sobre a modernidade do ensino, o que estava em voga, apresentavam a situação educacional de Sergipe e traziam consigo as ideias de divulgação destes espaços e difundiam em Sergipe. Em cada lugar que puderam passar colheram estratégias de oportunidades para falar sobre esse método, dentre eles: reformulação dos regimentos das escolas primárias, publicação de manuais e programas de ensino aprovado e divulgado pelo Conselho superior da Instrução Pública, bem como a busca incessante por posições de prestígio na sociedade sergipana. Buscaram unir-se a grupos importantes em suas áreas de atuação e no campo da educação.

Qual o repertório cultural e práticas discursivas foram mobilizadas para a difusão do método nos programas e manuais de ensino e nos jornais de Sergipe no período de 1890 a 1930?

Primeiramente, os discursos desses professores traziam a exposição de como funcionava o método intuitivo nos demais países, mostrando como esse método era apropriado e como eram organizados os currículos das escolas a partir dele. Outro ponto mostrou, por intermédio de seus discursos, que a solução para os problemas da educação no país seria a aplicação do método intuitivo. Outra forma de mobilizar a utilização desse método foi a disputa política pelo controle da Instrução Pública, estando à frente da organização escolar como diretor da Instrução Pública ou como professor da Escola Normal. Como membros do Conselho, determinavam os livros que deveriam ser utilizados pelos professores. Logo, os repertórios se mostraram flexíveis, de modo que cada um se utilizava de seus instrumentos para se manter no campo de ação e atuação sobre o ensino em Sergipe.

Assim, a proposta pedagógica que eles defendiam circulava em torno desse método, emergia da visibilidade social que cada um conquistou por meio de sua atuação no campo educacional. Desta forma, foi possível apreender que as ações desses professores direcionadas para a implantação dos ditames da Pedagogia moderna, em específico ao método intuitivo, mediou a construção de novo fazer pedagógico com a divulgação de métodos de ensino e práticas pedagógicas.

O perfil traçado nestas páginas é apenas um recorte do caminho percorrido por estes professores na busca pela legitimação no espaço público de Sergipe e na difusão de um modo de ensinar e aprender através do método intuitivo. Para isso, se fizeram presentes em rede de sociabilidade para explanar em seus impressos e discursos a importância desse método para a

qualidade do ensino oferecido nas escolas primárias de Sergipe. Isso possibilitou, ainda, compreender a intensa competição que esses professores travaram entre eles para obter o reconhecimento e a legitimidade das suas ideias por seus pares e concorrentes.

Assim, defende-se a tese de que os professores escolhidos para a construção desta pesquisa, Balthazar Góes, Helvécio de Andrade e Ávila Lima, contribuíram para a difusão do método intuitivo em Sergipe, visto que colaboraram na produção de textos impressos em jornais, livros e conferências com a importância deste método para a melhoria do ensino das escolas primárias em Sergipe. Contudo, suas defesas foram construídas a partir de um repertório cultural que alavancava seus interesses políticos, culturais, educacionais e também pessoais.

Percebe-se, então, a necessidade de estudos sobre outras escritas, considerando as indicações metodológicas para o seu ensino primário em Sergipe. Tais estudos certamente revelarão mais intimamente a (trans)formação e articulação desse método e de outros métodos nos processos e saberes difundidos em Sergipe. Tais estudos também auxiliarão a melhor compreender o lugar do método na história da alfabetização do Brasil. Afinal, o objeto aqui investigado permanecerá em contínua construção teórica...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne Emílie Souza de. **A difusão do ideário escolanovista em grupos escolares sergipanos (1934-1961)**. São Cristóvão: UFS, 2009. 199 p.

ALONSO, Ângela. O abolicionismo como movimento social. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 100, p. 115-127, nov. 2014.

_____. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo, Paz e Terra, 2002, 392 p.

_____. Repertório segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 21- 42, jun. 2012.

_____; ARAÚJO, Nadya. Entrevista com Charles Tilly. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 289-297, 2004.

ALVES, Eva Maria Siqueira. O ensino de Aritmética proposto por Balthazar Góes. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, III, 2004, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCPR, 2004.

_____. **Curso de Pedagogia: lições práticas elementares de psicologia, pedologia, metodologia e higiene escolar, professadas na Escola Normal de Aracaju**. Aracaju: Typografia Popular, 1913.

AURAS, Gladys Mary Teive. Manual de lições de coisas de Norman Calkins: operacionalizando a forma intuitiva de ensinar e de aprender. **Revista Sarmiento**. Universidade de Santiago de Compostela, n. 11, p. 79-92, 2007.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **A modernidade no governo Graccho Cardoso (1922-1926) e a reforma educacional de 1924 em Sergipe**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2015.

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário: e várias instituições complementares da instrução pública**. In: OBRAS completas de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Biblos, Rio Grande, 16: 145-156, 2004. 158 Nacional, 1946. v. 10, t. 2.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, p. 231-253, 2013.

_____. Educação infantil e o método intuitivo: a contribuição de Maria Pape Carpentier. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 3, set./dez. 2010.

_____. **Pro pátria laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. Ferdinand Buisson no Brasil – pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas (1870-1900). **Revista da Educação**, Pelotas, n. 8, p. 79-109, set. 2000.

BRINGEL, Breno. Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 43-68, jun. 2012.

_____. A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 10, p. 51-73, 2011.

CALKINS, Norman A. **Lições de coisas**. Tradução Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

CARVALHO, Marta M C. **Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente**. In: *Perspectiva*, São Paulo, 2003, p. 111-120.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. Fazer história. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 31-64.

CHARTIER, R. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: *Difel*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

_____. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, São Paulo, n. 2, p. 177-229, 1990.

DARNTON, Robert. **Poesia e Política: redes de comunicação na Paris do século XVIII**. 1. ed. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes intelectuales em America Latina: hacia la constitución de una comunidade intelectual**. Chile: Universidad de Santiago do Chile, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A publicação das obras completas de Rui Barbosa: edição e sociabilidades intelectuais (1930-1949)**. Minas Gerais: UFMG, 2012. 325 p.

_____. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. T.; FILHO, Luciano M. de F.; VEIGA, Cyntia G. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FREITAS, Anamaria Gonçalves. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Campinas: UNICAMP, 2003.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti. 1925.

HAMDAN, Juliana Cesário. **Do método intuitivo à escola ativa: o pensamento educacional de Firmino Costa (1907-1937)**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2007.

HILSDORF, M.L. “**Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: Um estudo de suas origens**”. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1977.

LIMA, Aline Magna Cardoso Barroso. **A revolta dos dândis: A elite da advocacia pública sergipana, profissionalismo e poder**. São Cristóvão: UFS, 2016.

LIMA, Maria do Socorro. **República, política e direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)**. São Cristóvão: UFS, 2008.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Rui Barbosa**. Recife: Editora Massangana, 2002.

MC ADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, Rio de Janeiro, n. 76, p. 11-48, 2009.

MESQUITA, Peri. O método em Pestalozzi: a matemática como caminho para a verdade. **Revista HISTEMAT**, v. 2, n. 1, p. 19-39, 2016.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.

NUNES, Clarice. (Des) Encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane M. T.; FILHO, Luciano M. de F.; VEIGA, Cyntia G. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 371-398.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 189.

OLIVEIRA, Marcus Aldenison de. **Apropriações do método intuitivo para ensinar Aritmética em escolas primárias: uma análise da legislação educacional de estados brasileiros (1879-1930)**. XI Seminário Temático: A Constituição dos Saberes Elementares Matemáticos: A Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970 Florianópolis – Santa Catarina, 06 à 08 de abril de 2014 – Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1-20.

_____. **Pestalozzi, o método intuitivo e os saberes elementares aritméticos**. In: Cadernos de trabalho. São Paulo: editora livraria da física, 2015, p. 15-44.

OLIVEIRA, Yolanda Dantas de. **Educação da criança à luz da pedagogia científica: a contribuição de Helvécio de Andrade em Sergipe (1911-1935)**. São Cristóvão: UFS, 2012.

PESTALOZZI, J. H. **Cartas sobre educación infantil**. Madrid: Tecnos, 1996.

QUINTANA, M. **Antologia Poética**. São Paulo: Ediouro, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SIQUEIRA, Luís. **DE LA SALLE A LA CASTER**: os métodos de ensino na Escola de Primeiras letras sergipana (1825-1875). 2006. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

SCHUELER, Alessandra F. M. de; MAGALDI, Ana Maria B. de M. Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**, v. 13, n. 26, p. 32-55, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042009000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 31 abr. 2009.

_____. **Educar e instruir**: a instrução popular na Corte imperial – 1870 a 1889. Dissertação (Mestrado em História Social das ideias). Niterói, RJ: UFF, 1997.

SCHELBAUER, Analete Regina. **A constituição do método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2003.

_____. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XIX**. (vol. II). 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 132-149.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, Brasília, ano XX, n. 51, p. 9-28, nov. 2000.

_____. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil**. In: SAVIANI, Dermeval (org.). O legado educacional do século XIX. p2 ed. Campinas/SP. Autores, 2006.p. 33-84.

_____; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 133-160, jan.- jul. 2010.

VALENÇA, Cristina. **Civilizar, regenerar e higienizar**: a difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade 1911-1935. São Cristóvão: UFS, 2006.

_____. **Medicina, educação e história**: a trajetória de Helvécio de Andrade. São Paulo: Scortecci, 2001.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas: a análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos. In: SAVIANI, Dermerval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 164 -203.

_____. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cadernos Cedes**, Brasília, ano XX, n. 52, p. 74-87, nov. 2000.

_____. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Dermeval et. al. **O legado educacional do século XIX**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 85-132.

_____. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____; TEIVE, Gladys M. G.; HAMDAN, Juliana C. Modernidade metodológica e pedagógica: Apropriações do método de ensino intuitivo nas reformas da instrução pública de Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo (1906 – 1920). In: SOUZA, Rosa Fátima (org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 239-272.

_____. Cadernos de trabalho: método. In: GUIMARÃES, Marcos Denilson. **O método intuitivo de Ferdinand Buisson**. São Paulo: Livraria da Física, 2015, p. 45-74.

VALENTE, Wagner R. (org.) **Cadernos de trabalho**. São Paulo: Livraria da Física, 2015, p. 15-44.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

XAVIER, Maria do Carmo. **A tradição (re)visitada a experiência do centro regional de pesquisas educacionais de Minas Gerais CRPEMG (1956/1966)**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Conferência:

Conferência de Rodrigues Dórea concedida ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em 23 de setembro de 1917, p. 213-250. Acervo do IHGS.

Jornais

ANDRADE, Helvécio de. Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal II. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 634, p. 2, col. 2, 6 dez. 1911.

_____. Sobre a nova cadeira de pedagogia da escola normal III. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 635, p. 2, col. 2, 8 dez. 1911.

_____. Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal IV. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 636, p. 2, col. 2, 10 dez. 1911.

_____. Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal VI. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 638, p. 2, col. 2, 15 dez. 1911.

_____. Sobre a nova cadeira de Pedagogia da Escola Normal VII. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 639, p. 2, col. 2, 17 dez. 1911.

_____. Assuntos pedagógicos. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 660, p. 1, col. 2, 28 fev. 1912.

_____. Assuntos pedagógicos: como se ministra a leitura analítica. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 668, p. 2, col. 2, 3 mar. 1912.

_____. Assuntos pedagógicos: como se organiza uma classe. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 669, p. 2, col. 1, 6 mar. 1912.

_____. Assuntos pedagógicos: ensino intuitivo na História Natural. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 667., p. 2, col. 3, 01 mar. 1912.

_____. Assuntos pedagógicos: uma lição de pedologia. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 686, p. 2, col. 2, 19 abr. 1912.

_____. O problema máximo. **Correio de Aracaju**, Aracaju, ano VI, n. 816, p. 2, col. 2, 16 fev. 1913.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica: refutações I. **O Estado de Sergipe**, Aracaju, ano XVI, n. 2801, p. 2, col. 2-3, 14 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica: refutações II. **O Estado de Sergipe**, Aracaju, ano XVI, n. 2802, p. 2, col. 2, 15 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica: refutações III. **O Estado de Sergipe**, Aracaju, ano XVI, n. 2803, p. 2, col. 1-2, 16 ago. 1914.

LIMA, Adolpho Ávila. Críticas e ensaios de psicologia pedagógica I. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 992, p. 2, col. 3, 7 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica II. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 993, p. 2, col. 1-2, 8 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica III. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 994, p. 2, col. 2-3, 9 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica IV. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 995, p. 2, col. 2-3, 11 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica IV. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano VI, n. 997, p. 2, col. 1-2, 11 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica XII. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 1003, p. 2, col. 2-3, 21 ago. 1914.

_____. Críticas e Ensaios de Psicologia pedagógica XI. **Diário da Manhã**, Aracaju, ano IV, n. 1002, p. 2, col. 2-3, 11 ago. 1914.

OLIVEIRA, Ítala Silva de. Nos domínios da Instrução IV. In: **Diário da manhã**, 14 de novembro de 1916, Ano VI, n. 639, p. 2. Col. 4 e 5.

_____. Pelo Feminismo I. **Diário da Manhã**, 27 de maio de 1916. Ano VI, n. 1.507. Aracaju, p. 2. Coluna 1 e 2. Seção: Colaboração.

_____. Pela Instrução. In: **Diário da Manhã**, 14 de setembro de 1916. Ano VI, n. 1.591. col. 3 e 4.

_____. Liga contra o Analfabetismo. In: **Diário da Manhã**, 22 de outubro de 1916. Ano VI, n. 1.623. p. 2. Col. 2, 3 e 4.

Leis, Decretos e Regulamentos

Compilações das leis, decretos e regulamentos do estado de Sergipe: do início da república ao ano de 1898, pelo prof. Brício Cardoso e Desembargador Benilde Roméro. Aracaju, Tipo. do O Estado de Sergipe, 1898.

SERGIPE. Decreto n. 14, de março de 1890.

_____. Lei n. 5, de 26 de setembro de 1891.

_____. Regulamento da escola normal do estado de Sergipe de 1900. Decreto n. 494, de 26 de dezembro de 1900. Regulamento do Ensino Público Normal de Sergipe. Decreto n. 547, de 15 de abril de 1907. Sergipe.

Relatórios

ANDRADE, Helvécio. Relatório sobre o 3º Congresso da Instrução Primária e Secundária na Bahia, 2 de julho de 1913. Acervo do IHGSE.

_____. Instrução Pública: necessidade de uma regulamentação definitiva dos ensinos primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Cyro de Azevedo, D. Presidente do estado, novembro de 1926. Aracaju: Sergipe Jornal, 1926. Acervo do IHGSE.

GÓES, Balthazar. Relatório sobre os grupos escolares da capital ao diretor da instrução pública direcionado ao Cônego Francisco Gonçalves Lima, em 31 de julho de 1913. Acervo do IHGSE.

LIMA, Cônego Francisco Gonçalves de. Relatório do diretor interino da Instrução Pública e da Escola Normal direcionado ao general Dr. José Siqueira Menezes Presidente do Estado em 11 de agosto de 1913. Acervo do IHGSE.

Termos de visita de inspetores

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Adolpho Ávila Lima, 21 de outubro de 1913. APESE E6 1178.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Ascendino Xavier Argôllo, 13 de maio de 1914. APESE E6, 1179.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Edgar Coelho, em 8 de junho de 1914, APESE E6 1178.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Mário Menezes, em 22 de agosto de 1916, APESE E6 1178.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Antônio Xavier de Assis, em 20 de maio de 1919. APESE E6 1178.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Antônio Xavier de Assis, em 7 de junho de 1919, E6 1178.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Ascendino Argôllo, em 13 de setembro de 1920. APESE E6, 1179.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Florival de Oliveira, em 8 de outubro de 1924. APESE E6, 1179.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Florival de Oliveira, em 9 de outubro de 1924, APESE E6, 1141.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção Florival de Oliveira, em 27 de maio de 1925, APESE E6, 1141.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Ascendino Argôllo, em 15 de abril de 1925. APESE E6, 1141.

SERGIPE. Cópia do termo de inspeção de Ascendino Argôllo, em 16 de abril de 1925. APESE E6, 1141.

SERGIPE. **Regulamento**, Decreto de 14 de março de 1890. Aracaju: Imprensa Oficial, 1890. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103579>>. Acesso em 25 fevereiro de. 2014.

_____ **Regulamento**, Decreto 563 de 12 de agosto de 1911. Aracaju: Imprensa Oficial. Coleção de Leis e decretos. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/124888>> Acesso em 25 fevereiro 2015.

_____ **Programa**, Lei 686 de 27 de janeiro de 1915. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/124882>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

_____ **Programa** de janeiro de 1917, Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2015.

_____ **Regulamento**, de 29 de outubro de 1921. Coleção de Leis e decretos. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe. Localizado no Instituto Histórico e Geográfico- IHGSE.

_____ **Regulamento** de 11 de março de 1924, Coleção de Leis e decretos. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe localizado na Biblioteca Pública do Estado de Sergipe- Aracaju - SE. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104709>>

_____ **Regulamento** Decreto nº 25 de 3 de fevereiro de 1931. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe Localizado na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, Aracaju-SE Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/124885>> Acessado em 12 de janeiro de 2015.

_____ **Programa** de 13 de janeiro de 1938. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe Localizado na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, SE. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116815>> Acessado em 12 de janeiro de 2015.

_____ **Programa** de 5 de julho de 1943, divulgado em 1944 Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe Localizado na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, SE. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116816>> Acessado em 12 de janeiro de 2015.

VALLADÃO, M. P. de O. **Mensagem presidencial de 07 de setembro de 1915** apresentada pelo Presidente do Estado Manoel Correa Dantas, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. 1915.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1890. **Decreto Nº 30, de 15 de Março de 1890**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1890. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103579>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE, 1899. Coleção de Leis e Decretos de 1890. **Lei Nº 366, de 06 de Novembro de 1899**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1899.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1900. **Lei N. 398, em 31 de Outubro de 1900**. Aracaju, Typ. d' O Estado de Sergipe, 1900. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/124887>. Acesso em 07 de junho de 2013.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1900. **Decreto N. 494, de 26 de Dezembro de 1900**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1900. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/124887>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1901. **Decreto N. 501, de 05 de Agosto de 1901**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1901. Disponível em <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103586>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE. Compilação de Leis e Decretos do Estado de Sergipe. **Decreto N. 547 de 15 de Abril de 1907**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1907. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/124890>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1911. **Decreto N. 563, de 12 de Agosto de 1911**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1911. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/124888>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1912. Lei N. 605, de 24 de Setembro de 1912. **Decreto N. 571, de 19 de Outubro de 1912**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1912.

Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/124889>. Acesso em 07 de junho de 2014.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1915. **Decreto N. 587, de 09 de Janeiro de 1915**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1915. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104706>. Acesso em 03 de julho de 2014.

SERGIPE. **Relatório apresentado ao Exm. Sr. General Presidente do Estado**, em 30 de Julho de 1915, pelo Dr. Helvécio de Andrade, Diretor Geral Interino da Instrução Pública. Aracaju: Typ. d'O Estado de Sergipe, 1915.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1916. **Decreto N. 630, de 24 de Abril de 1916**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1916. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104705>. Acesso em 03 de julho de 2014.

SERGIPE. **Programa das Cadeiras da Escola Normal e do Curso Complementar de Sergipe Aracaju**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1917. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116814>. Acesso em 14 de maio de 2014. 121.

SERGIPE. Compilação de Leis e Decretos do Estado de Sergipe. Decreto N. 724, de 20 de **Outubro de 1921**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1921.

SERGIPE. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Programa de Trabalhos manuais. Aracaju (SE), 09 de Fev de 1922.

SERGIPE. Compilação de Leis e Decretos do Estado de Sergipe. **Lei N. 852, de 30 de Outubro de 1923**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1923. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104704>. Acesso em 03 de julho de 2014.

SERGIPE. Compilação de Leis e Decretos do Estado de Sergipe. **Lei N. 867, de 11 de Março de 1924**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1924. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104709>. Acesso em 03 de julho de 2014.

SERGIPE. **Necessidade de uma regulamentação definitiva do ensino primário e normal. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Cyro de Azevedo, D. Presidente do Estado**, em novembro de 1926. Aracaju: Typ. de Sergipe, 1926.

SERGIPE. **Relatório - Memória a um Projectado Congresso de professores primários, em Aracaju (1925-1926)**. Aracaju: Typ. Sergipe-Jornal, 1927.

SERGIPE. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Horário da Escola Normal Ruy Barbosa. Aprovado em Congregação de 23 de Fevereiro de 1928. Aracaju (SE), Sexta-feira, 16 de Mar de 1928.

SERGIPE. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Programa de Admissão ao primeiro ano da Escola Normal Ruy Barbosa. Aracaju (SE), 11 de Dez de 1929.

SERGIPE. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Horário da Escola Normal Ruy Barbosa. Aprovado em congregação de 18 de Fevereiro de 1929. Aracaju (SE), Terça-feira, 26 de Fev de 1929. 1929a.

SERGIPE. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Justificação dos projetos da nova regulamentação do ensino público primário e normal (continuação). Aracaju (SE), Quinta-feira, 18 de Dez de 1930.

SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos de 1931. **Decreto N. 30, de 11 de Março de 1931**. Aracaju: Typ. d' O Estado de Sergipe, 1931.